

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

PEDRO CARVALHO OLIVEIRA

***HATE ROCK: INSTRUMENTO POLÍTICO PARA OS
NEOFASCISMOS DO BRASIL E DOS ESTADOS UNIDOS
(1990-2010)***

MARINGÁ
2017

PEDRO CARVALHO OLIVEIRA

***HATE ROCK: INSTRUMENTO POLÍTICO PARA OS
NEOFASCISMOS DO BRASIL E DOS ESTADOS UNIDOS
(1990-2010)***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Sidnei J. Munhoz.

MARINGÁ
2017

*À Natália, com quem por um ano e meio dividi não só uma casa,
mas muitas alegrias, angústias, reflexões, cervejas e xícaras de café.*

AGRADECIMENTOS

De abril de 2015 até o presente momento, dei início ao processo que me traria o título de mestre em História e a uma série de outros que me trariam ganhos pessoais de valor inestimável. Esses processos se confundiram em diversos momentos, numa dinâmica que me trouxe experiências engrandecedoras. Diante de todas as dificuldades, fossem elas acadêmicas ou não, tive o grande privilégio de contar com o apoio de pessoas que acreditaram no meu trabalho e me acolheram no dia a dia. Para alguém que veio de fora, esse suporte foi fundamental. Nada mais justo de que agradecer a todas e a todos que fizeram, direta ou indiretamente, parte desse trabalho e dos meus dois anos em Maringá.

Primeiramente, gostaria de agradecer ao Prof. Sidnei Munhoz, meu orientador, cuja compreensão e conhecimento me forneceram enorme força. Ao Prof. João Fábio Bertonha, ao Prof. Reginaldo Benedito Dias e ao Prof. Jefferson Barbosa, membros da banca examinadora, pelos conselhos e recomendações pertinentes. À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela chance de me dedicar integralmente aos estudos por meio de uma bolsa. A Gisele Moraes, secretária do Programa de Pós-Graduação em História da UEM, por toda a ajuda fornecida nesse tempo e ao Programa de Pós-Graduação em História da UEM como um todo.

Agradeço aos colegas e amigos do Laboratório de Estudos do Tempo Presente (LabTempo) pelos debates, conselhos e experiências coletivas tão importantes: José Victor Lara, Leonardo Belançon. Guilherme Tadeu de Paula. A Kevin Conceição, Débora Morgado, Natália Beságio, Arleto Rocha e Maria Helena Azevedo, colegas do mestrado. Aos colegas do Grupo de Estudos do Tempo Presente da Universidade Federal de Sergipe. Todos parte de momentos fundamentais na minha formação e na jornada que comecei.

Desde a minha vinda para cá, tive o apoio também de grandes amigos de Aracaju cujos nomes não posso deixar de mencionar: Arie Rodrigues, meu amigo-irmão; Rayane Maranhão, Ébano Nunes, Cleiton Lobo, Felipe Rocha, Laís Maciel, Ingrid Baracho, George Sodré, Yann Dias, Túllio Dias, Roberto Rocha, Ludmila Queiros, todos vocês são parte disso tanto quanto os que estiveram aqui. Agradeço profundamente a Mônica Carvalho, minha mãe e maior incentivadora; Amanda Carvalho, minha irmã, a melhor amiga que um irmão poderia ter; Gabriel Carvalho, meu irmão; Gabriel “Leitinho”, meu pai, e a todos da família que sempre me ajudaram.

Por fim, agradeço a minha família maringaense (muito embora elas também não sejam daqui): Natália, a quem dedico esse trabalho, quem acompanhou mais de perto todo esse processo; Laís Guelis, Juliana Battistelli, Caroline Molina e Sabrina Goes, minhas companheiras no sossego e nas tormentas, a quem devo agradecimentos que não cabam em poucas linhas. E agradeço com muito amor a Bia Machado, minha parceira, o mais longo sopro de felicidade num 2016 tão sombrio.

RESUMO

A presente dissertação é resultado de uma pesquisa que investigou a presença dos neofascismos no Brasil e nos Estados Unidos, entre os anos de 1990 e 2010, por meio de um gênero musical próprio dos seus militantes, o *Hate Rock*. Instrumento de difusão ideológica e de energização política, esse tipo de música é também um registro das transformações pelas quais os fascismos passaram, motivadas pela persistência de seus adeptos em mantê-los após o fim dos regimes fascistas clássicos. Esses processos resultaram em rupturas e permanências com o passado, mantendo o cerne desse comportamento político ao mesmo tempo em que o transformava para servir ao presente. Por meio de uma análise comparada dos discursos forjados por bandas do gênero relevantes nos dois países, representantes de seus movimentos neofascistas, perceberemos as diferenças e semelhanças entre esses discursos. Com isso, buscamos uma síntese que destacasse a atuação dos neofascistas considerando as influências das particularidades políticas e culturais de cada país, bem como as influências causadas pelas relações entre ambos.

Palavras-chave: Neofascismos; Hate Rock; Relações entre Brasil e Estados Unidos.

ABSTRACT

The present dissertation is the result of a research that investigated the presence of neofascisms in Brazil and the United States, between the years of 1990 and 2010, through a musical genre known as Hate Rock. An instrument of ideological diffusion and political empowerment, this type of music is also a record of the transformations that fascisms have undergone, motivated by the persistence of their adepts in maintaining them after the end of classical fascist regimes. These processes resulted in ruptures and permanence with the past, maintaining the core of this political behavior at the same time that transformed it to serve the present. Through a comparative analysis of the discourses forged by relevant gender bands in the two countries, representatives in their neofascist movements, we will perceive the differences and similarities between these discourses. With this, we seek a synthesis that emphasizes the work of the neofascists considering the influences of the political and cultural particularities of each country, as well as the influences caused by the relations between both of them.

Key-words: Neofascisms; Hate Rock; Brazil-United States Relations.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1 – AS ORIGENS HISTÓRICAS E O DESENVOLVIMENTO DO <i>HATE ROCK</i> : ÓDIO E POLÍTICAS NEOFASCISTAS EM VERSOS E ACORDES	16
1.1.– A crise do capitalismo nos anos 1970 e o alvorecer de uma nova “terceira via” ..	17
1.2.– Uma breve anatomia do gênero: por que chamar de <i>Hate Rock</i> ?	27
1.3.– O <i>Hate Rock</i> pelo mundo: Transformações e visões políticas	35
1.4.– <i>Hate Rock</i> e neofascismos no Brasil	38
1.5.– <i>Hate Rock</i> e neofascismos nos Estados Unidos	46
1.6.– <i>Hate Rock</i> e política: A história a serviço do ódio	51
CAPÍTULO 2 – O PAPEL DO <i>HATE ROCK</i> E DE SEUS AGENTES HISTÓRICOS NA CONSTRUÇÃO DOS NEOFASCISMOS NO BRASIL E NOS ESTADOS UNIDOS	58
2.1.- <i>Skinheads</i> entre o passado e o presente: raízes culturais e infiltrações neofascista.	59
2.2. - “Fortes de corpo e puros de mente”: A construção do agente histórico e dos “guerreiros” neofascistas por eles mesmos	63
2.3. - <i>Skinheads</i> : Os braços e as pernas das militâncias neofascistas.....	72
2.4. - Neofascismos e movimentos sociais no Brasil e nos Estados Unidos: possibilidades e incompatibilidades	81
CAPÍTULO 3 - <i>HATE ROCK</i> E NEOFASCISMOS: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE BRASIL E ESTADOS UNIDOS (1990-2010)	98
3.1. – Ódio nacionalista: a pedra fundamental dos neofascismos	100
3.2. – Em nome da nação: O <i>Hate Rock</i> como lugar de idealização política nacionalista	105
3.3. - Inimigos internos, externos e neofascismos em conflito: os migrantes e as soberanias nacionais	117
3.4. – Racismo e antissemitismo: Guerra aberta contra o “outro”	128
3.4.1. - O antissemitismo como base do discurso neonazista.....	131
3.4.2. - O racismo neofascista contra os negros: contrastes e contradições	141
CONSIDERAÇÕES FINAIS	152
Referências bibliográficas	158
Fontes	166

INTRODUÇÃO

A ficção científica cinematográfica *Vampiros de Almas* (1956) nos conta a história de uma estranha raça alienígena que chega a uma pequena cidade da Califórnia, nos Estados Unidos, para roubar a aparência de seus habitantes e substituí-los como cópias distorcidas de cada um deles, iniciando um processo de domínio do planeta. Ao passo em que o plano prossegue silenciosamente, o médico Miles Bennell (Kevin McCarthy) começa a perceber falhas nas personalidades de seus pacientes, descobre a conspiração alienígena e busca meios para interrompê-la e salvar a população. Ao fim do filme, Bennell descobre que o único jeito de vencer os invasores é destruindo seu líder, o que causaria a morte imediata de todos os seus fantoches. Feito isso, o mocinho salva a cidade e também a Terra.

O filme traz consigo uma metáfora anticomunista cara ao contexto da Guerra Fria, que chegava ao seu auge naquele momento; uma temática comum a filmes e outras produções artísticas e culturais estadunidenses de então. O comportamento suspeito das réplicas humanas remetia ao medo de infiltrações comunistas no país e dos perigos que o comunismo representava à democracia liberal. Ainda nesse contexto as ideias de totalitarismo, de sociedades completamente submetidas aos mandos de um líder, bastante difundidas a fim de justificar o anticomunismo, são os elementos que sugerem, no filme, a eliminação do comandante como meio de derrubar por completo todo um organismo vivo.

No entanto, ao contrário do que mostra o filme, a morte do líder não representa o fim de sua ideologia e a imediata conversão de seus antigos seguidores. A morte de Josef Stalin não representou o fim da União Soviética ou do comunismo. O fim da Segunda Guerra Mundial, a morte de Benito Mussolini e depois de Adolf Hitler, bem como a desarticulação do fascismo e do nazismo como políticas de Estado, não resultaram no fim dos fascismos, ao contrário do que muitos podem pensar. Estudiosos como o alemão Ernst Nolte (1972) e o italiano Renzo De Felice (1976) enfatizam a singularidade dos fascismos como fenômenos políticos, de modo que o ocorrido na Itália e na Alemanha pertenceria a um período e um espaço específicos dos quais não pode ser retirado. Consequentemente, os fascismos não existiriam fora da Europa e após 1945.

Isso nos impediria de chamar de fascistas, por exemplo, o *National Front* e o *British National Party*, duas das organizações políticas mais expressivas da extrema-direita britânica surgidas entre meados dos anos 1970 e início dos anos 1980, cujas idealizações políticas buscavam um nacionalismo por meio do qual a Inglaterra supostamente se tornaria forte novamente e, para tanto, deveria recuperar suas tradições culturais. Ressentida com os políticos que responsabilizavam por uma dita decadência nacional, a extrema-direita os tratou como inimigos ferrenhos e assumiu posturas fortemente antiliberais e antissocialistas.

Essas organizações apontavam seus inimigos como responsáveis pela perda de valores que consideravam prioridade, como a preservação de uma homogeneidade cultural. Viam como algo necessário priorizar aqueles que supostamente compartilhavam de uma mesma origem histórica ou étnica. Discursavam contra o materialismo capitalista e a democracia liberal que supostamente haviam permitido a presença de imigrantes e a assistência a eles, enquanto os ingleses sofriam os reveses do desemprego estrutural e das disparidades econômicas. Em sua ânsia por recuperarem uma dita grandeza nacional, defendiam agendas que excluía grupos étnicos por intermédio de discursos abertamente racistas (COPSEY, 2004).

Por essa mesma lógica, também não poderíamos chamar de fascista a *Aryan Nations*, surgida nos Estados Unidos dos anos 1970, que defendia o mesmo que seus colegas britânicos, mas acrescentando elementos típicos da cultura política estadunidense como o cristianismo fundamentalista. O que dizer então do partido grego “Aurora Dourada”, que em 2012 elegeu deputados para o Congresso Nacional, mesmo sendo declaradamente neonazista? E quanto aos incontáveis movimentos de *skinheads* que defendem abertamente discursos políticos fascistas, seus líderes mais emblemáticos e seus símbolos do passado? Embora nenhum desses partidos, organizações ou movimentos tenham alcançado qualquer lugar de poder completo em meio às instituições políticas formais, ao ponto de se tornarem regimes como os de Itália e Alemanha, a existência deles pós-1945 nos releva modificações humanas que possibilitaram a manutenção e a continuidade dos fascismos. Em meio a esse processo, essas ideologias políticas sofreram permanências e rupturas sem que sua essência fosse perdida.

Nos dizeres de Robert O. Paxton, o fascismo pode ser definido como “uma forma de comportamento político marcada por uma preocupação obsessiva com a decadência e a humilhação da comunidade” ou da nação, “vista como vítima, e por

cultos compensatórios da unidade, da energia e da pureza”. Esse comportamento “repudia as liberdades democráticas” e conduz a uma reação contra os inimigos estabelecidos “por meio de uma violência redentora” que não se submete à “restrições éticas ou legais de qualquer natureza” (2007, p. 358). Mesmo que o autor se refira aos modelos de fascismos dos anos 1920-30, podemos verificar a presença desse mesmo comportamento em movimentos do presente como os dos mencionados partidos políticos e dos *skinheads*. Embora não estejamos em busca de um tipo ideal de fascismo, é por meio da perspectiva do referido autor que delinearemos o caminho para compreendermos os fascismos expostos em nossas fontes, cujas transformações serão devidamente evidenciadas.

Para Nigel Copsey (2004), aquilo que chamaremos de neofascismos, resultante dessas transformações, se apresenta hoje como modelos que buscam esconder suas reais intenções ou revisá-las para soarem como amigáveis, semelhante a um tipo ideal chamado pelo autor de “nacional-populista”: um partido ou movimento do povo, que não pertence à esfera política tradicional, que, buscando aceitação, se interessa pelas reformas por meio das vias legítimas e democráticas. Nesse caso, estamos nos referindo a partidos ou organizações políticas que, por meio de uma “cirurgia cosmética”, tentam expor com parcimônia suas feições neofascistas.

Porém, precisamos destacar os neofascismos não apenas como movimentos políticos que buscam o poder de Estado, mas como práticas e comportamentos políticos capazes de serem remodelados para funcionar em diferentes contextos. Ao passo que, para muitos, o nazismo seria uma ideologia política incapaz de funcionar no Brasil por seu racismo intrínseco, devemos nos deter não à essa suposta impossibilidade, mas às razões pelas quais jovens *skinheads* exaltam o nazismo e buscam meios para legitimar tal prática, o que acaba por possibilitar sua existência. Esses meios pressupõem transformações nos fascismos que, desde o pós-Segunda Guerra, “apresentam-se divididos entre uma corrente dita histórica”, que busca na simbologia e nas práticas do passado o seu referencial, “e uma vertente moderna (...), que, mesmo mantendo um ideário fascistizante, abandona as imagens tradicionais do fascismo”, como os movimentos mencionados por Copsey (2004) (TEIXEIRA DA SILVA, 2004a, p. 606). Essas correntes são as que chamamos hoje de neofascistas.

Se por um lado partidos políticos que almejam espaço na arena eleitoral tentam camuflar seus preceitos mais radicais a fim de alcançar legitimidade no plano democrático, se aproximando mais da segunda corrente, por outro, movimentos jovens

como aqueles compostos por parte dos *skinheads* se identificam profundamente com a primeira corrente. Manterem-se fiéis aos discursos fascistas clássicos é fundamental para os que praticam atos fascistizantes numa base diária, evocando a história e dando a ela novos rumos, adaptando esses discursos antigos às realidades políticas nas quais estão inseridos no presente.

O *Hate Rock*, gênero musical criado, executado e consumido por militantes neofascistas, é um dos principais instrumentos para reafirmar a crença no passado fascista, trazerem os fascismos para o presente como supostas soluções para os seus ressentimentos e encaixá-los nos contextos aos quais pertencem, num processo histórico que pressupõe permanências e rupturas. Sua construção tem como fim idealizar e dialogar com o presente e, por essa razão, serve para expressar suas realidades sociais e anseios sob a guia dos discursos de ódio. É sobre esse gênero que nos debruçaremos com o objetivo de compreendermos de que forma fenômenos políticos como os neofascismos estiveram presentes em diferentes contextos como o Brasil e os EUA dos anos 1990 e 2000, buscando suas semelhanças e diferenças e respeitando os distanciamentos e aproximações entre os cenários políticos dos dois países, suas relações externas e também suas culturas políticas internas.

Como o *Hate Rock* nos ajudará a realizar essa análise? Por se tratarem de músicas nas quais a nação é idealizada com base nas ideologias fascistas, seus compositores transformam esses discursos em um lugar de diálogo e práticas políticas. As bandas representam movimentos maiores que disputam espaço em suas respectivas sociedades para defender seus ideais, ainda que eles sejam excessivamente excludentes e violentos. E é a partir de suas sociedades que os discursos serão forjados. Trata-se ainda de um instrumento com grande potencial para atrair jovens em direção aos neofascismos, uma vez que a linguagem das músicas conversa com eles, apontando supostos rumos, soluções e culpados para os problemas que impedem a existência de suas sociedades ideais e são responsáveis pelos seus ressentimentos.

Esses discursos musicados são assumidos pelos sujeitos que os compõem, convertendo-os em agentes políticos históricos. Estes, não se isentam de seus pontos de vista e fazem escolhas para construir textos e melodias que definem seus posicionamentos. Dessa forma, os autores das músicas acabam guiando os ouvintes, bem como aqueles que as analisam, por meio do contexto sociopolítico do qual estão proferindo tais discursos. A elaboração da linguagem discursiva passa pela influência desse meio, sobretudo quando ele é abertamente tematizado como ocorre nas músicas

do *Hate Rock*. Analisar esses discursos é, inevitavelmente, examinar as motivações, dentre elas as ideológicas, que permitiram a construção do texto sob esse viés e não sob qualquer outro. É por meio dessa perspectiva analítica que nos debruçamos sobre esses textos, a fim de conhecermos as visões políticas dos neofascistas a respeito de suas sociedades.

Essas sociedades são particulares e possuem suas próprias culturas políticas, cenários econômicos, crises sociais, práticas culturais, entre tantas outras coisas. Cada sociedade possui uma história peculiar que, por vezes, se relaciona com uma outra. Os neofascistas que usam o *Hate Rock* como prática política o fazem evidenciando as mudanças importantes às suas ideologias, ainda que a essência dos fascismos permaneça; mudanças essas possibilitadas pelo terreno a partir do qual discursam. Os discursos das bandas brasileiras e estadunidenses podem ser muito semelhantes em diversos aspectos, mas não serão idênticos, bem como o fascismo italiano e o nazismo alemão em tempos passados.

Em contrapartida, salvo as suas particularidades internas, Brasil e EUA possuem uma relação histórica longa e duradoura, cujos desdobramentos políticos influenciaram suas dinâmicas próprias reciprocamente, ainda que o Brasil pareça mais influenciado pelos EUA do que o contrário. Apesar disso, nem sempre a subordinação do primeiro em relação ao segundo foi algo desprovido de tensões ou modificações, o que evidencia buscas por autonomia e controle num espaço de tempo que não nos permite ignorar as nuances dessas relações, importantes, em parte, para os desenvolvimentos políticos internos.

Como ignorar, por exemplo, o neoliberalismo desenvolvido no Brasil dos anos 1990 por meio dos dois governos de Fernando Henrique Cardoso, cujo modelo se inspirava no estadunidense e que manteve relações de proximidade e amizade com os EUA sob a tutela de Bill Clinton? Não podemos também ignorar o fato de que sua implantação está intimamente ligada ao fim da União Soviética e de uma maré neoliberal que, a partir de então, é disseminada pelos EUA. Já nos anos 2000, não podemos também ignorar como o governo de Luiz Inácio Lula da Silva gerou receios, graças à sua postura mais envolvida com causas sociais e esboços de um possível rompimento com essa relação. Os EUA sob a tutela de George W. Bush e sua política fortemente conservadora, sob a agenda da “guerra ao terror”, cobrou de seus parceiros uma colaboração coercitiva para a escalada de seus planos. Em ambos os casos, o *Hate Rock* brasileiro e estadunidense, representantes dos movimentos neofascistas,

dialogaram com essas transformações e manifestaram-se em relação às suas consequências internas e externas, ainda que a princípio não as discutissem com clareza.

Independentemente dessas relações, cada país testemunhou o surgimento de movimentos neofascistas que usaram o *Hate Rock* como ferramenta política. É sobre esse estágio da presença dos fenômenos em ambos os países que nos deteremos no primeiro capítulo dessa dissertação, expondo como surgiram os primeiros movimentos neofascistas em cada país e de que forma o *Hate Rock* protagonizou como instrumento de idealização política. Antes disso, mostraremos o contexto histórico no qual o gênero surgiu: a Inglaterra dos anos 1970, na qual movimentos neofascistas buscando inserção no cenário político formal deram seus primeiros passos. Partiremos, em seguida, para uma análise sobre o desenvolvimento desse gênero musical em diversas partes do mundo e os instrumentos e esforços que possibilitaram esse desenvolvimento. Posteriormente, nos enveredaremos para uma tentativa de conceituação do gênero que explique a denominação por nós escolhida, estando esta atribuída à prática do discurso musical intencionalmente selecionado pelas bandas. Só então nos aprofundaremos nas raízes dos neofascismos dos dois países, para, adiante, partirmos para um debate sobre o seu potencial político aliado a uma tentativa de reelaboração da história.

Em nosso segundo capítulo daremos início a uma análise sistemática das fontes, ou seja, dos discursos presentes nas músicas de oito bandas, sendo quatro de cada país. São elas: “Bandeira de Combate”, “Brigada NS”, “Comando Blindado” e “Defesa Armada”, do Brasil, e *Angry Aryans*, *Chaos 88*, *Extreme Hatred* e *The Voice*, dos EUA. A escolha dessas bandas foi baseada no respaldo que elas possuem em ambos os países, segundo listagem divulgada pela *Anti-Defamation League*¹, importante organização estadunidense reponsável pelo mapeamento de grupos de ódio em todo o mundo. Mesmo que não falem por um todo, sendo as mais representativas e referenciadas em seus respectivos países, estas nos deram um maior panorama sobre os neofascismos de cada um deles. Além disso, ao contrário de outras bandas, sua discografia aparece com maior frequência em páginas dedicadas à difusão do *Hate Rock*.

A princípio, nosso objetivo será mostrar como os compositores desses discursos são também agentes históricos responsáveis por criarem suas próprias identidades neofascistas. Veremos como os *skinheads* foram retratados nas músicas e como suas

¹ Ver “Biggots who rock: an ADL list of Hate Music groups” – Disponível em <http://archive.adl.org/extremism/bands/bands_country.html>. Acesso em 19/11/2015.

comunidades imaginadas foram idealizadas por meio dela. Foi possível observarmos como as ideias neofascistas foram utilizadas conforme as necessidades de cada movimento, mudando a partir de cada terreno nacional e de particularidades relativas ao ponto de vista que defendem sobre o que é fascismo. Por fim, mostraremos como esses agentes históricos se colocaram como oprimidos em meio a sistemas supostamente opressores, aderindo a um vitimismo que os lançou no sentido de tentarem alcançar o *status* de movimento social. Todo esse comportamento, as elaborações discursivas, as diferenças e semelhanças nesses esforços serão vistos em suas músicas.

Em nosso terceiro e último capítulo buscamos analisar as fontes sob a luz principalmente dos estudos de Robert O. Paxton (2007), Francisco Carlos Teixeira da Silva (2004a; 2004b; 2014) e João Fábio Bertonha (2012; 2014) a respeito dos neofascismos e dos fascismos clássicos, almejando encontrar nos discursos presentes nas músicas de cada banda elementos que nos mostrem o diálogo entre o passado e o presente, bem como as modificações e adaptações conscientes que visam legitimar o uso dos neofascismos em cada país com o fim de atacar seus mais variados inimigos. Enxergaremos também como os discursos musicais se modificaram no corte temporal estabelecido e como dialogam com os sistemas políticos vigentes em cada década. Dessa forma, daremos atenção aos discursos neofascistas que se constituem como esforços políticos, além de suas aproximações e distanciamentos, semelhanças e diferenças, no que diz respeito às bandas compatriotas e às estrangeiras, evidenciando as transformações sofridas por essas ideologias.

Na busca por uma síntese que torne esse objetivo possível, foi pertinente uma análise que atravessasse as diferentes realidades sociais e políticas dos países mencionados no corte temporal já estabelecido (BARROS, 2014). Neste sentido, uma comparação histórica apareceu como método eficiente, sobretudo se pensarmos que os neofascismos, inseridos em contextos diversos, possuem múltiplas faces, mas também semelhanças. Assim, tornou-se fundamental um estudo que respeitasse estas singularidades e os contrastes das nações investigadas e de como os neofascismos atuaram nelas (RAGIN, 2007).

A História Comparada nos possibilitou também “ultrapassar o caráter individual e único de cada sociedade observada”, além de “permitir a passagem da descrição para a explicação dos fatos históricos” (THEML; BUSTAMANTE, 2007, p. 04). Uma vez que ideias neofascistas penetraram nesses países com a ajuda do gênero citado, que também elabora uma linguagem própria para sua difusão, é fundamental percebermos suas

diferenças e semelhanças em múltiplos terrenos, cujos contextos políticos, socioculturais e econômicos divergem, mas mantêm proximidades. Como as bandas brasileiras e estadunidenses conceberam os neofascismos, adaptaram-nos às suas realidades e idealizaram suas sociedades, energizando indivíduos e pressionando-os em direção aos seus objetivos? Essa é a questão que buscamos problematizar, tendo como fim um debate sobre as modificações intencionais pelas quais passam os neofascismos, sem perder seus pilares ideológicos.

Para alcançarmos esse objetivo, utilizaremos duas abordagens para uma análise mais meticulosa das fontes: uma individualizadora e uma diferenciadora. A primeira “investe no cuidado de identificar as propriedades comuns a todos os casos examinados (semelhanças) de modo a identificar muito claramente a singularidade de cada caso” (BARROS, 2012, p. 78). A segunda trata de “submeter os diversos casos que estão sendo examinados a um certo conjunto de variáveis (...) de modo a tirar conclusões sobre os diferenciais de cada caso examinado” (BARROS, 2012, p. 79). Assim foi possível alcançarmos conclusões que realçassem as rupturas e continuidades com os exemplos clássicos dos fascismos, distanciando os neofascismos de unicidades históricas e destacando suas variáveis comuns.

As comparações serão feitas no decorrer do texto, após os discursos das músicas serem devidamente analisados para que assim possam ser colocados em iluminação recíproca. Perceberemos, dessa forma, como há discursos muito próximos e muito distantes, ainda que o fenômeno político seja o mesmo. Perceberemos como essas particularidades ocorrem em decorrência do processo histórico de manutenção e transposição dos fascismos ao presente, bem como observaremos que suas semelhanças são resultantes do mesmo processo.

Para Theodor Adorno (2003), impedir a repetição dos terrores fascistas, sobretudo os empreendidos pelos nazistas e seus campos de concentração, é função indispensável para a educação. Apesar disso, jovens evocam os carrascos de milhares de pessoas como seus heróis e sugerem que aquele terror seja reproduzido após anos de esforços para mostrar suas consequências. Os fascismos não estão mortos e enterrados com os líderes do passado, mas existem e fazem parte do presente. Brasil e EUA testemunharam isso. Veremos como, nas duas últimas décadas, os dois países observaram os esforços desses agentes políticos históricos para subverter a ideia de que os fascismos cometeram crimes contra a humanidade para, assim, transformá-los em armas contra seus inimigos.

CAPÍTULO 1- AS ORIGENS HISTÓRICAS E O DESENVOLVIMENTO DO HATE ROCK: ÓDIO E POLÍTICAS NEOFASCISTAS EM VERSOS E ACORDES

O ódio articulado a uma formação de massa se torna uma das forças políticas mais importantes da história contemporânea. A partir da política, o ódio faz história.

Clara de Góis

O presente capítulo irá tratar das fundações do *Hate Rock* em meio ao crescimento de movimentos políticos neofascistas na Inglaterra do final dos anos 1970, momento em que esquerda e direita tentavam apresentar soluções, com pouco sucesso, às sérias dificuldades socioeconômicas enfrentadas por países europeus resultantes das duas Crises Mundiais do Petróleo (1973 e 1979), no contexto mais amplo de uma crise do capitalismo. Em meio a isso, organizações políticas neofascistas, que buscavam espaço na esfera eleitoral, tiraram proveito da situação e se colocaram como alternativa ao liberalismo e à esquerda socialista. Num país intensamente afetado por essas crises, os jovens das classes menos favorecidas foram amplamente recrutados por tais organizações e encorajados a lutar contra os inimigos que seus guias estabeleceram.

O *Hate Rock* surgiu dessa ala jovem dos movimentos políticos que, imbuídos pela rebeldia e pelo ressentimento contra os grupos sociais que foram responsabilizados pelo agravamento das crises econômicas, sobretudo os imigrantes, acabaram forjando o gênero musical. Esse foi, a um só tempo, terreno para suas idealizações políticas neofascistas, difusor das mesmas e meio para uma busca por legitimação do ódio e da violência contra seus inimigos, elemento comum ao gênero. Enquanto os políticos partidários buscavam amenizar as feições neofascistas de seus discursos, os *skinheads*, frente militante de suas bandeiras, usavam esse gênero musical para assumir sua paixão aos emblemas mais memoráveis dos regimes fascistas italiano e alemão.

Após um breve histórico sobre o surgimento e o crescimento do *Hate Rock* na Inglaterra, que ocorreu junto à ampliação da presença de partidos neofascistas em sua esfera partidária, perceberemos como o gênero se espalhou pela Europa, como foi transformado e, em meio a isso, observaremos sua adaptação a múltiplos contextos. Tudo isso analisando os esforços humanos coletivos para tanto. Foram esses mesmos esforços que possibilitaram às ideias neofascistas atravessarem o Atlântico e chegarem

aos Estados Unidos e ao Brasil menos de uma década depois. Examinaremos, portanto, o que as bandas de *Hate Rock*, representantes de seus próprios movimentos, podem nos dizer sobre os comportamentos neofascistas em cada país.

Para tanto, faremos considerações particulares sobre o surgimento e a ascensão dos movimentos de *skinheads* neofascistas brasileiros e estadunidenses, respeitando suas particularidades e semelhanças, tendo em vista que se originaram de movimentos europeus análogos. Além disso, devemos considerar também os contextos políticos e culturais singulares que Brasil e EUA possuíam entre 1990 e 2010. Essa noção nos permitirá, mais tarde, esmiuçar as diferenças e semelhanças sobre como os neofascismos se comportaram nesses países.

Portanto, a história particular à Brasil e EUA forneceu aos seus movimentos neofascistas caminhos e concepções de mundo que se distanciam e se aproximam entre si. O *Hate Rock* é a fonte que nos fornecerá conhecimento a respeito dessa dinâmica. Nesse sentido, discutiremos as razões pelas quais preferimos utilizar essa denominação em detrimento de outras preferidas por diversos autores para nomear o gênero. Isso será feito com base em uma breve revisão bibliográfica sobre a temática. É importante ressaltarmos, dessa forma, que nossa escolha não foi desprovida de subsídios. As características políticas do *Hate Rock*, sob a tutela de seus produtores, nos fornecem as razões para que o nomeássemos dessa forma. Essas características serão abordadas ao final do capítulo.

Nesse momento, traçaremos brevemente as potencialidades dos movimentos neofascistas e do *Hate Rock* em termos mais práticos. Esse potencial político, como veremos, resulta em disputas pelo espaço almejado na sociedade. É o início de nosso enveredamento pelas construções históricas nas quais os movimentos neofascistas se engajam politicamente. Assim, conhecer as características do *Hate Rock*, bem como os processos históricos que o criaram, pode nos guiar por instâncias das bases dos neofascismos no tempo presente.

1.1. – A crise do capitalismo nos anos 1970 e o alvorecer de uma nova “terceira via”

O que chamamos aqui de *Hate Rock* tem suas origens na Inglaterra do final dos anos 1970. É possível apontarmos, além do contexto sócio-político vivido no país, outras duas importantes causas para o seu surgimento. Uma delas foi o advento do movimento *punk* inglês; outra foi a morte do jovem skinhead Clive Sharp,

acontecimento que acirrou as disputas ideológicas entre os adeptos da subcultura *skinhead* e integrou um dos capítulos mais fervorosos de sua intensa politização e irreparável cisão.

Como outros países capitalistas europeus, a Inglaterra vivia naquele período o que Eric Hobsbawm chamou de “Décadas de Crise” do capitalismo moderno, momento em que “os Estados nacionais perderam seus poderes econômicos” (HOBSBAWM, 1995, p. 398), o que se agravou sobretudo pelas duas Crises Mundiais do Petróleo em 1973 e 1979. Pelo país se alastrava um cenário de desemprego, incertezas políticas e pessimismo frente à crise econômica que se aprofundava. A direita liberal estava desacreditada, sendo o liberalismo duramente contestado por sua incapacidade de sanar os problemas econômicos que geravam ainda mais desigualdade e estagnação. A esquerda, principalmente a socialista, era apontada como passiva e pouco efetiva em seus intentos.

Desde os anos 1960, com a descolonização dos países africanos e asiáticos, o mapa mundial político passava por transformações aceleradas provenientes da aproximação que esses povos tiveram com outros a partir do referido processo. A densidade das distinções políticas entre os países recém emancipados e suas antigas metrópoles começavam a serem amenizadas, abrindo espaço para a chegada de milhares de pessoas à Europa Central e Ocidental (SCHLEE, 2002). Tal conjuntura abriu o caminho para que partidos da extrema-direita ganhassem visibilidade, bem como permitiu o surgimento de movimentos jovens de contestação.

O *British National Party (BNP)*, liderado então por John Tyndall, despontou nesse cenário como uma das mais expressivas organizações políticas da extrema-direita entre os ingleses insatisfeitos, e como suposta solução à crise. Para isso, investiram na propaganda, direcionada à população operária branca menos letrada dos bairros menos favorecidos, de que os políticos no poder não se importavam com sua situação, criando assim um forte ressentimento. Nesse estágio, o desemprego acentuado foi o tema crucial de suas campanhas (COPSEY, 2004). Sua visão política era alinhada ao pensamento xenófobo, racista, anticomunista, antiliberal e fundamentalmente nacionalista, cujas práticas e discursos se ancoravam em um perfil neofascista que não era assumido abertamente pelo partido, em decorrência do desgaste pelos quais as ideologias fascistas já haviam passado. Essa tentativa de esconder a face neofascista do BNP requeria grande esforço, uma vez que suas campanhas e o passado político de Tyndall revelavam constantemente sua ideologia.

A exemplo dos fascistas históricos, Tyndall e seus comparas, bem como boa parte da extrema-direita britânica, se apresentavam como uma “Terceira Via” ou “Terceira Posição” que solucionaria o problema do fraco liberalismo no poder (responsabilizado pela aguda crise) e evitaria que a esquerda, em particular os comunistas, tomassem o comando. Desse modo, os neofascistas estariam, como seus ícones dos modelos clássicos, indo de encontro à bipolaridade direita-esquerda e apresentando uma solução nova (LEE, 1999).

Antes do *BNP*, o *National Front (NF)* era o movimento responsável por agregar diferentes alas e partidos da extrema-direita britânica e empreender alianças que os mantivessem fortes em disputas políticas naquela conjuntura. Para o *NF*, ao qual estavam associados os membros do que viria a se tornar o *BNP* em 1982, incluindo Tyndall, “a imigração era um dos tópicos centrais do discurso. O partido repetia incansavelmente que a quantidade de imigrantes oriundos da América Central, Ásia e África que a Inglaterra recebia” já há algumas décadas, enquanto o Estado tentava se manter diante das sucessivas crises econômicas, “era culpada pela falta de empregos entre os pequenos operários e pequenos comerciantes ingleses” (DAMASCENO, 2012, p. 55).

Nigel Copsey (2004) afirma que enquanto esteve no *National Socialist Movement (NSM*, “Movimento Nacional-Socialista”) inglês, John Tyndall, um dos mais proeminentes líderes da extrema-direita inglesa, se manteve fiel à postura de que não estaria relacionado a um partido político, mas a um movimento de regeneração, uma força-tarefa que trouxesse de volta elementos clássicos do nazismo, como o racismo, a xenofobia, o antissemitismo, a constituição de uma militância jovem nacionalista, entre outras coisas. Além disso, preservava um ódio indistinto contra o comunismo, mas também contra o capitalismo. Esse último seria, em sua concepção, o sistema que entraria em colapso para dar lugar ao nacional-socialismo. Depois, Tyndall deixaria também o *NF* em meio a disputas pelo poder e crises internas por divergências sobre as características que considerava fundamentais politicamente. A razão para isso era a forte busca do *NF* por legitimidade, o que resultava em concessões excessivas a tudo que Tyndall rejeitava, incluindo transformações que gerassem uma maior aceitação do movimento pela população, implicando em disfarces e omissões ideológicas (COPSEY, 2004).

O nascimento do *BNP* foi propiciado por crises vividas pelo *NF* – envolvendo a suposta participação da alta cúpula do partido com uma rede de homossexuais e a perda

dos princípios políticos originais – e pela eleição de Margaret Thatcher, do Partido Conservador, ao cargo de Primeira Ministra da Inglaterra. Esse fato fez com que a extrema-direita, que buscava respaldo entre as classes médias e as elites, observasse uma redução do seu potencial. Disso surgiu o esforço de Tyndall, primeiramente, em questionar as ações do *NF* diante desses problemas, buscando atrair antigos membros insatisfeitos com a atual situação do partido. Depois, vendo-se impossibilitado de realizar esse processo e alcançar estabilidade política, fundou o *BNP* como uma nova tentativa de unificar a extrema-direita britânica sob discursos explicitamente neofascistas. Dessa vez, suas investidas seriam em regiões menores e com forte presença de um operariado branco e pouco letrado (COPSEY, 2004).

Apesar de haver questionado as adaptações e concessões feitas pelo *NF*, foi necessário também a Tyndall e a seu partido se adaptarem ao novo contexto político britânico e amenizarem suas faces neofascistas, mesmo que isso não tenha ocorrido por completo. Essas faces representavam a idealização política da Grã-Bretanha sob a égide de um nacionalismo racista, anticomunista e antissocialista, antiliberal, anticapitalista e antidemocrático. Era também contrário a políticas migratórias e à mistura entre culturas, julgando arriscado comprometer a identidade nacional e incitando o ódio aos supostos inimigos que pudessem comprometer seus intentos a fim de energizar os eleitores contra eles. Isso ocorreu quando Tyndall tentou, por meio do *BNP*, resgatar o idealismo radical do *NF* em anos anteriores. Seu envolvimento em uma série de partidos neonazistas na juventude, apesar de considerados por ele mesmo como “exuberância juvenil”, pode ser evidenciado em diversos momentos de sua carreira política e na lógica do seu novo partido, o que, vez por outra, frustrava suas tentativas de amenizar postulados ideológicos. Ele declarou ainda que a iniciativa do *BNP* era fazer uma frente revolucionária à política que se praticava naquele momento, e não se tornar uma cópia pálida dela, o que sugere haver ocorrido ao *NF* (COPSEY, 2004) e que acabou ocorrendo também com seu partido.

Esse discurso nacionalista insistente do *BNP* teve impacto considerável no operariado inglês e nos jovens que se originavam dele, como os que integravam a subcultura *skinhead*. Essa surgiu em meados dos anos 1960, numa mescla entre os já existentes *mods*², os *rude boys*³ e os *boot boys*⁴, subculturas jovens que circulavam pelas

² Trata-se de um movimento jovem britânico cujas características se inspiravam na modernidade britânica em contraposição à cultura estadunidense que chegava na Inglaterra desde o pós-Segunda Guerra. Eram

ruas e marcavam suas identidades por meio das vestimentas, do comportamento violento e do gosto por gêneros musicais específicos cujos discursos representavam suas duras realidades. Traçar um perfil de cada uma delas não é nosso objetivo, uma vez que demandaria tempo. Podemos dizer que a violência e o gosto pelo “espírito rueiro” de cada uma delas influenciaram os *skinheads* que aliaram a isso as peculiaridades do seu berço, o meio operário.

Além disso, a gênese dos *skinheads* influenciados por esses outros grupos urbanos deu a eles características marcantes. Segundo George Marshall, os *skins* emergiram, “portanto, do Mod enturmado na rua, do Boot Boy na arquibancada e do Rude Boy na pista de dança” (MARSHALL, 1993, p. 15). As atividades grupais dos *skinheads* ocorriam, impreterivelmente e de forma mais voraz, nos três ambientes que representavam os cenários de atuação mais marcantes para os grupos citados que os inspiraram. As ruas aparecem como ambiente de organização, distração e conflitos, o mesmo podendo ser dito sobre os estádios de futebol, esporte pelo qual os ingleses possuem grande paixão e de grande expressividade entre os operários. Protagonista entre as paixões dos *skinheads*, o futebol levou muitos deles ao “hooliganismo”⁵. Nos anos 1960, o *reggae* e o *ska*, ritmos jamaicanos que desembarcavam na Inglaterra com os imigrantes da América Central, eram a trilha sonora dos encontros de “carecas” antes de o racismo penetrar em suas frentes.

Até o final da década seguinte a presença de ideias fascistas entre os *skinheads* era inexistente. Havia apenas um ideário nacionalista incipiente que já permeava boa

frequentemente vistos nas ruas pilotando lambretas ou “vespas”, usando casacos da RAF ou ternos, gravatas e vestimentas refinadas. Apesar disso, a maioria era de classe média-baixa. Musicalmente, apreciavam o rock da chamada *british invasion*, como Rolling Stones, The Kinks, The Beatles, e outras. Eram famosos por suas brigas e enfrentamentos urbanos (MARSHALL, 1993).

³ Os *rude boys* eram jovens jamaicanos residentes na Inglaterra, cuja cultura havia se mesclado às das tribos urbanas do Reino Unido. Preservavam o gosto pela música jamaicana, como o *ska*, o *reggae*, o *rocksteady* e o *dancehall*, bem como de temas da cultura pop inglesa como James Bond. Mais tarde, seriam aceitos pelos primeiros *skinheads* e se tornariam, junto com a cosmovisão operária, sua principal referência. Como a maior parte dos movimentos jovens organizados naquele momento, não possuíam posições políticas e se envolviam em conflitos violentos (COSTA, 2000).

⁴ Eram conhecidos assim os jovens que frequentavam jogos de futebol e, em decorrência de seu fanatismo, protagonizavam brigas violentas entre torcidas rivais. Mais tarde, esses mesmos *boot boys* (nome frequentemente dado pela polícia aos jovens pelo uso de coturnos) seriam reconhecidos como parte dos *hooligans* (MARSHALL, 1993).

⁵ Utilizado desde os anos 1890 no Reino Unido, o termo “hooliganismo” se refere a práticas violentas exercidas por torcedores de futebol, seja ela direcionada ao patrimônio público, seja ela direcionada a torcedores rivais. Se caracteriza como uma ebulição das paixões viscerais dos torcedores, não necessariamente correspondendo a ações friamente pensadas. A sua origem etimológica possui diversas versões, estando muitas delas relacionadas à suposta existência de famílias rurais irlandesas com os sobrenomes *Hoolihan* ou *Houlinan*, reconhecidas por sua violência (BUFORD, 2010).

parte da subcultura, mais atrelado a um discurso trabalhista do que a discursos de qualquer outra natureza. Esses discursos incipientes seriam utilizados de forma robusta por organizações políticas neofascistas mais tarde. É importante destacarmos que antes do final dos anos 1970 já havia a presença de movimentos de direita e extrema-direita na Inglaterra, a exemplo do já mencionado *NSM*, e a *White Defense League*, ainda nos anos 1950. Essas organizações estavam ainda muito próximas da recente queda dos regimes fascistas, cujos discursos se assemelhavam ou se reproduziam. Vale lembrarmos que “a Grã-Bretanha e a França, vitoriosas, mas exaustas pela Segunda Guerra Mundial, sofreram a humilhação de perder seus impérios e sua posição de Grandes Potências”. A partir de então, ainda que nos “trinta anos que se seguiram à guerra, a direita radical tenha obtido pouco sucesso eleitoral nesses países, ela conseguiu levar a público a questão racial e obter influência sobre a política nacional” (PAXTON, 2007, p. 292). Essa influência afetou os *skinheads*.

Antes de isso ocorrer, os *skinheads* foram duramente reprimidos pela polícia e crucificados pela imprensa, apontados como arruaceiros e criminosos, o que fez com que sua presença nas ruas diminuísse consideravelmente. Muitos deles deixaram os cabelos crescerem e abandonaram as vestimentas tradicionais da subcultura, ainda que partilhassem do *Zeitgeist* de seu microcosmo. Porém, por volta de 1976, quando o movimento *punk* inglês começou a se tornar expressivo em meio à crise política e econômica que o país vivia, os *skinheads* viram nele uma oportunidade de reorganização em torno de objetivos mais concretos e políticos.

É importante salientar que tanto o *punk rock* quanto aquilo que viria a ser chamado de *Hate Rock* surgiram num contexto de profundo desencantamento com o mundo da sociedade de consumo expressado na música. Embora na década anterior o “Verão do Amor” e as posturas que pregavam a fraternidade entre as pessoas (“faça amor, não faça guerra”) tivessem ocupado um vasto espaço no mercado fonográfico, os anos 1970 haviam trazido o esgotamento da Guerra do Vietnã (já com dez anos de duração) e o pessimismo dos jovens frente às questões políticas (FRIEDLANDER, 2006). Isso, entre outras coisas, fez com que o rock desse uma guinada ao passado, tentando encontrar em suas raízes formas de extravasar frustrações distanciando-se de questões políticas. Ao mesmo tempo, o *punk* surgiria para servir tanto a esse propósito, quanto a uma politização mais radical por meio da música.

Ocorreu que os *punks* eram jovens de classe média-baixa da Inglaterra, cujas perspectivas estavam sendo obscurecidas pelo desemprego estrutural, restando a eles

poucas oportunidades de emprego, graves problemas financeiros familiares e mínimos espaços para transformarem ou reverterem esses problemas. A adesão a um movimento que, por um lado, se aliava à crítica direta ao *stablishment* e, por outro, se voltava para um pensamento abertamente niilista⁶, se tornou opção de expressão e fuga dos jovens diante do que os angustiava, fosse em busca de melhorias, fosse em busca da destruição completa sem quaisquer planos de reconstrução social (O'HARA, 2001).

Além da estética e do abuso de posturas agressivas, mesmo que apenas na aparência, os *punks* se manifestavam por meio da música, mais especificamente de uma ramificação do rock'n'roll que ficou conhecida como *punk rock*. A ideia era trazer de volta os três ou quatro acordes e o ritmo dançante dos primeiros anos do rock, antes dos excessos psicodélicos e da virtuosidade musical que dominou a indústria voltada ao gênero nos anos 1960. Mas, se nos primórdios do rock o discurso musical priorizava a diversão e a vida dos adolescentes⁷, no final dos anos 1970 e mais especificamente na Inglaterra, as vozes entoavam gritos que refletiam o contexto sócio-político e econômico que os jovens viviam naquele cenário. O “novo rock” proveniente dos *punks* era, para eles, mais realista e menos idealizador ou ingênuo.

Foi essa postura que aproximou os *skinheads* dos *punks*, em especial a que se expressava por meio da música. Adotando o subgênero para si, os *skinheads* estruturaram uma nova versão dele, que ficaria conhecida como *street punk* ou *Oi!*, sintetizando a aliança entre as duas subculturas. A partir disso, os *skins* criaram bandas e elaboraram músicas que falavam dos seus problemas, vezes semelhantes aos dos *punks*, vezes colocados como distintos ou mais graves. Para os primeiros, o universo operário, do qual boa parte dos segundos também era integrante, parecia mais duro. Ainda assim, “o Oi! era a fim de tirar sarro mesmo, mas sempre passando um conteúdo crítico (*‘having a laugh and having a say’*), ou seja, a política das ruas e não das urnas ou das cadeiras parlamentares” (MARSHALL, 1993, p. 78).

⁶ O medo de um conflito nuclear causado pela Guerra Fria, em meio à corrida armamentista estabelecida pelo mundo bipolar, foi uma das forças motrizes dos movimentos *punks* dos anos 1970. Para muitos desses jovens, as manifestações promovidas nos anos 1960, década com a qual buscavam romper em termos de comportamento, não haviam surtido qualquer efeito. Dessa forma, as consequências do conflito e as expectativas em torno dele aparecem de forma frequente em muitas músicas atribuídas ao *punk rock* (FRIEDLANDER, 2006).

⁷ O termo *teenager* foi cunhado nos EUA da década de 1950 para classificar os jovens entre 13 (*thirteen*) e 19 (*nineteen*) anos, cuja inserção no mercado de trabalho se tornava marcante. A partir desse momento, esses jovens, aptos ao consumo menos restrito pela dependência dos pais, passavam a ganhar a atenção do mercado que começaria a voltar parte de sua produção a eles. O *rock*, naquela década, foi um dos instrumentos usados pela indústria fonográfica para, em primeiro lugar, auferir lucros e, em segundo, empreender a construção de um novo nicho cultural (FRIEDLANDER, 2006).

Esse tipo de lógica política corresponde ao que Sônia Alvarez, Evelina Dagnino e Arturo Escobar (2000) compreendem como as ações políticas de grupos civis que pressionam as instituições políticas estatais, ou mesmo a sociedade, ainda que em um nível menos intenso, indo além da participação política comum, expressando as necessidades de grupos sociais específicos. Nesse caso, os autores fazem referência aos movimentos sociais atrelados à esquerda ou à noções políticas mais libertárias, como as feministas, os movimentos negros, entre outros. Porém, é importante considerarmos que essa militância política civil, distante da arena institucional, também aparece nos movimentos de extrema-direita.

O *NF* e o *BNP* se apropriaram dessa militância civil e angariaram, no decorrer dos anos, uma considerável quantidade de militantes políticos entre os *skinheads*. Isso porque já no início dos anos 1970, a prática do *Paki bashing*⁸ era comum entre eles, mostrando seu repúdio aos paquistaneses e outros imigrantes (POTOK, 2012). O jovem Ian Stuart Donaldson, vocalista da então banda *punk Skrewdriver*, havia se aproximado com bastante ímpeto das causas propostas pela ala jovem do *NF* (a *National Front Youth*) e logo aderiu à estética *skinhead*, vindo a se tornar, mais tarde, um verdadeiro mártir da causa nacional-socialista em fins do século XX. As músicas de sua banda, em sua maioria composta por ele, já haviam sofrido uma significativa guinada ao conservadorismo para, logo mais, ao final dos anos 1970, tornarem-se explicitamente defensoras de discursos neofascistas (SALAS, 2006).

A proximidade entre a *Skrewdriver* e o *NF* era, em torno de 1978, tão forte que foi por meio dela que se forjou um movimento em conjunto para ampliar o espaço do partido entre os jovens, bem como a mensagem disseminada pela banda. Dessa forma, “sob os cuidados do White Noise Club”, produtora musical do partido, responsável por reunir e gravar bandas do gênero, “a *Skrewdriver* fazia shows semanais para um público considerável”, o que confirma a relação recíproca entre partido político e músicos que serviam como líderes entre os jovens. O objetivo final era “difundir ideias neonazistas por meio da música e atrair jovens *skinheads* para o *National Front*” (DAMASCENO, 2012, p. 62).

⁸ Em tradução livre, gíria que significa “espancamento de paquistaneses”, era uma prática comum entre os *skinheads* contra um dos grupos de imigrantes mais numerosos do país. A revolta, quase sempre provocada por distinções culturais ou por acusações aos paquistaneses de estarem restringindo as opções de empregos aos ingleses em meio à crise, foi amplamente noticiada pela mídia (MARSHALL, 1993).

Em meio a isso, no mês de maio de 1979, um jovem *skinhead* aliado ao *NF*, Clive Sharp, foi morto por militantes comunistas em uma briga. Esse acontecimento provocou um engajamento mais intenso por parte dos *skinheads* neofascistas que passaram a fazer frente a grupos de ideologias opostas, tornando mais vorazes as disputas na acolhida dos jovens ainda desorganizados e dispersos, sem aliança com qualquer associação política. Foi nesse contexto que a *Anti-Nazi League*, liga jovem integrada essencialmente por *punks* e *skinheads* antifascistas, criou o movimento *Rock Against Racism (RAR)*, alertando a juventude inglesa sobre a presença do racismo e do fascismo entre *punks* e *skins*. Em resposta, o *NF* e seu carro-chefe, a *Skrewdriver*, deram início ao *Rock Against Communism (RAC)*, movimento que lembrava a morte de Sharp e criticava abertamente o comunismo, vociferando também em favor dos neofascismos (MARSHALL, 1993).

Os antagonismos entre os próprios *skinheads* cresceram ao passo em que sua subcultura evoluía no tempo. Nos anos 1980 e 1990, novos movimentos surgiram colocando em cheque a associação dos *skinheads* aos neofascismos frequentemente feita pelos meios de comunicação. Exemplo disso foi o aparecimento de correntes como os *Skinheads Against Racial Prejudice (SHARP)* e *Red and Anarchist Skinheads (RASH)*. Os primeiros delimitavam a ausência de discursos racistas em sua frente e se propunham mesmo a combatê-lo. Os segundos eram formados por *skinheads* comunistas e anarquistas, portando adeptos de ideologias políticas opositórias aos fascismos e abertamente contrárias a eles (BARBOSA, 2016).

Podemos ver com clareza, por meio da necessidade de correntes *skinheads* se mostrarem ideologicamente contrárias a isso, a proximidade de organizações neofascistas empenhadas em avançar numa participação política de Estado, e movimentos de jovens *skinheads* cujas práticas políticas se realizam longe desse âmbito. Muitos desses movimentos não disputam apenas a tomada do poder político, mas visam reformulações a respeito de como ele deve ser exercido, o que ocorre também em outros agrupamentos sociais. No caso desses, as reformulações são baseadas em suas ideologias e concepções políticas e de sociedade, cujos pilares são os fascismos clássicos e suas remodelações que, frequentemente, ocorrem no decorrer do tempo e em meio às peculiaridades de cada cenário, fruto de engajamentos humanos visando uma adaptação aos novos tempos.

Seu potencial político reside em sua capacidade de concentrar visões e propostas de sociedade, angariando contingentes que possam ser usados como elementos de

pressão para o atendimento de possíveis idealizações. Embora tal complexidade possa não ser muito evidente, dada a pouca expressividade dessas bandas e de movimentos políticos neofascistas, os crimes de ódio são parte dessa pressão. As músicas não podem ser necessariamente responsabilizadas pelos crimes, mas elas tentam a todo momento legitimá-los uma vez que são executados, principalmente por jovens, em nome de uma causa política.

Crimes de ódio protagonizados por *skinheads* neofascistas contra grupos sociais específicos são problemas enfrentados por países americanos nas duas últimas décadas. Em 1993, um jovem *skinhead* foi detido por matar um nordestino morador de rua em São Paulo. Sua justificativa foi a necessidade de “limpar” a cidade⁹. O ódio aos imigrantes é difundido por movimentos neofascistas, pois esses são vistos como parasitas sociais e uma ameaça às hegemonias culturais locais. Nos EUA, um ano antes, um morador de rua negro foi assassinado por membros da organização *skinhead Aryan National Front* (“Frente Ariana Nacional”) pelos mesmos motivos (POTOK, 2012).

Para os fascismos clássicos, a defesa da nação ou da comunidade, como nos casos acima, era não só uma necessidade, mas a base histórica de suas ideologias políticas. O chauvinismo e a xenofobia eram constantemente usados para unir a população a favor da nação e contra tudo que representasse uma ameaça ou que lhes causasse ressentimentos, ao menos de acordo com o pensamento fascista. A ideia da grandeza nacional tinha como consequência o estabelecimento de uma identidade (MARIÁTEGUI, 2010). O racismo seguia num mesmo sentido.

Tais crimes podem ser pensados como resultado da expressão de tensões envolvendo jovens “desmiolados”, mas não devemos nos enganar, pois suas raízes são muito mais profundas. A violência praticada nos exemplos acima se originou na idealização política sobre a sociedade desses indivíduos, dentro da qual grupos sociais considerados nocivos às suas concepções foram excluídos por outros grupos sociais. Se pensarmos que os fascismos clássicos agiam com violência semelhante, não será difícil encontrarmos a permanência desse elemento nos movimentos situados em um passado recente. A busca por referências nos fascismos clássicos é incessante. O *Hate Rock* nos mostra essa busca, além da idealização e motivação para defender suas causas por meio

⁹QUARESMA, João. *Skinhead mata menino para ‘limpar a cidade’*. Folha de São Paulo, São Paulo. 20 de abril de 1993, p. 03-10.

do ódio e dar-lhes novo espaço no presente. Esse ódio é o motor de seus discursos e a razão pela qual optamos por chamar o gênero dessa forma.

1.2.- Uma breve anatomia do gênero: Por que chamar de *Hate Rock*?

Odiar ao outro, aquele que se difere dos que devem, segundo os neofascistas, desfrutar da nação e fazer parte dela, ou seja, contra os quais os neofascistas são ressentidos, é uma prática fundamental para o gênero aqui examinado e razão pela qual optamos por chamá-lo assim. O jornalista espanhol Antonio Salas (2006) nos apresenta essa vertente musical como *hate music*, ou “música de ódio”. Paul Jackson e Anton Shekhovtsov (2012), bem como Nick Lowless e Steve Silver (1998), além de um grande número de artigos relacionados ao tema, falam em *White Power Rock*. Héléne Lööw (1998) chama-o de *fascist rock*. George Marshall (1993) e Helena Salem (2004) tratam-no como simplesmente *RAC*, ou Oi!, enquanto Antonio Moyano (2004) evoca o termo *nazi rock*. No entanto, nenhuma dessas classificações dá conta das bases fundamentais com as quais as bandas neofascistas aqui examinadas operam.

A classificação “música de ódio”, traduzindo o conceito explorado por Salas (2006), abre um leque muito amplo de gêneros musicais sendo necessário entendermos as motivações que levam essas bandas a escolherem o rock, não qualquer outro gênero. Por sua forte conexão com a rebeldia, o confronto ao *stablishment* e o inconformismo, o rock parece exercer uma atração maior entre os jovens (BIVAR, 2001). Portanto, são bandas que não apenas se identificam com o estilo proposto, mas que reconhecem nele um meio para difundir suas posturas, sabendo que seu público será de pares e com ele dialogarão. Logo, a escolha por esse gênero não é desprovida de intenções, restringindo, em muitos casos, o perfil musical que adotam.

Isso nos leva a uma importante observação a respeito dessa escolha. Em países europeus, como veremos mais tarde, bandas que possuíam discursos neofascistas ou abertamente racistas mas que os executavam utilizando gêneros musicais massificados, como a música *pop*, chegaram a emplacar músicas nas paradas de sucesso. Ou seja, um número muito grande de pessoas aceitou aquele tipo de música, o que dificilmente parece ocorrer com as bandas de *Hate Rock*. Sem ignorarmos as especificidades de alguns países europeus, se este se tratasse de um gênero mais acessível ou aceito, seus discursos certamente seriam mais efetivos. No entanto, a sonoridade da música é imprescindível para a obtenção dos efeitos desejados por essas bandas.

O próprio subgênero do qual deriva, o *street punk* ou *Oi!*, está atrelado à posição dos jovens frente ao mundo que os circunda e à necessidade de se rebelar contra ele. Concebido como meio de extravasar frustrações e mesmo criticar a sociedade da qual fazem parte seus idealizadores, eram elaborados por jovens da classe operária inglesa (MARSHALL, 1993). Não podemos comparar o que as bandas neofascistas que converteram esse tipo de música em favor de suas agendas com o que bandas comerciais, cujos trabalhos, em muitos casos, estavam presentes nas rádios, faziam naquele momento. Portanto, o termo “música” é demasiado abrangente e ignora as especificidades desse gênero.

Já o termo *White Power Rock* ou *White Power Music* se detém apenas aos conjuntos adeptos do racismo, o que, como veremos mais adiante, não é uma regra entre os neofascistas. O racismo presente em muitos discursos musicais é apenas uma parcela daquilo que o gênero abrange. Por exemplo, há entre as bandas a revolta violenta contra esquerdistas, com foco nos comunistas, o que não se enquadra em uma perspectiva racista, mas na qual está presente um ódio declarado fundamentado nas ideologias fascistas clássicas. Do mesmo modo, a repulsa aos comunistas não é um posicionamento exclusivo dos brancos ou arianos, como costumam se classificar. As bandas *White Power*, nos casos aqui apresentados, se utilizaram dos fascismos para fundamentar seus discursos, mas o racismo não é uma regra aplicada a todos os casos de neofascismos.

Não é novidade e nem exclusividade dos *skinheads* neofascistas o uso da música como forma de evocar discursos de ódio racial, por exemplo, e simpáticos a grupos de extrema-direita. Nos anos 1960, ainda quando os *skinheads* não possuíam a imagem de racistas que ganhariam depois (além da subcultura ainda inexistir nos EUA), Clifford Joseph Trahan, conhecido sob a alcunha de Johnny Rebel, cantava o ódio a negros e declarava apoio à famosa Ku Klux Klan, decorando a capa de seus discos e os palcos onde se apresentava com bandeiras dos Estados Confederados da América. Em seu site¹⁰ podemos encontrar letras de suas músicas, com ofensas explícitas a negros. A própria Ku Klux Klan entoava canções e hinos durante o linchamento de negros. Apesar de possivelmente se encaixar no gênero *White Power Music*, a depender de sua apropriação, não faz menção aos fascismos.

¹⁰ Aryan 88 - <<http://www.aryan88.com/whiterider/officialjr/>>. Último acesso em 01 de abril de 2012, às 11h36.

O *nazi rock*, por sua vez, possui um problema semelhante. Nem todas as bandas são adeptas do nazismo, mesmo que apóiem algum tipo de fascismo. Enquanto o nazismo pressupõe o racismo e o antissemitismo, outras práticas fascistas não necessariamente assumem para si esses discursos. No caso das bandas estadunidenses a ênfase na ideologia hitlerista assume o papel de guia para suas principais temáticas, que são o ódio racial e a consolidação do poder dos brancos. Já no Brasil o uso do nazismo não é tão vigoroso. Encontramos assim uma polarização dos discursos que confere ao fenômeno político neofascista particularidades geradas pelo terreno de onde são emitidos: para os neofascistas estadunidenses, os latino-americanos podem não ser considerados brancos ainda que muitos brasileiros, como veremos, reivindiquem para si a “raça” ariana.

Quanto ao *fascist rock* ou “rock fascista”, há uma limitação frente à ideologia política. Mesmo que historicamente o ódio e a violência sejam características dos fascismos, o discurso das bandas vai além do mero saudosismo, como a classificação pode sugerir. Há, sem dúvida, um empenho significativo em fabricar imagens positivas sobre as conquistas dos fascismos no passado como uma tentativa de transformá-lo em exemplo para o presente. Por outro lado, a crítica aos inimigos e sua desumanização são intrínsecas. A maior parte dos seus elementos são evocados como fórmulas para combater seus inimigos do presente, o mesmo sendo feito por partidos de extrema-direita ou movimentos semelhantes.

Não basta a essas bandas apenas informar aos ouvintes sobre os fascismos e suas ditas qualidades como numa simples campanha política, mas é necessário e indispensável, mais do que afirmar a paixão por seus ídolos políticos, expressar o ódio aos inimigos e sugerir formas de destruí-los, estabelecendo o tipo de sociedade com as quais sonham. Por essa razão as músicas são, majoritariamente, esforços para criar revolta e explicar, segundo suas concepções, as razões dos seus ressentimentos e como saná-los com violência e ódio. Ao amarem tanto a si mesmos, às suas “raças”, nações e visões de mundo, acabam por demonstrar isso com ódio aos que, dizem, ameaçam aquilo que tanto amam. O ódio é um elemento energizador do qual o gênero aqui estudado se apropria.

A sigla *RAC* também não nos serve, pois, como dito antes, representa mais um movimento e não um gênero propriamente dito. Por mais que parte das bandas envolvidas com o *RAC* fossem neofascistas e acabassem se identificando como executoras desse suposto novo gênero, a sigla acaba restringindo a análise por sua

ênfase na oposição ao comunismo, o que não é exclusivo aos fascismos e pode gerar confusões. O mesmo pode ocorrer com os termos *Oi!* ou *street punk*, uma vez que eles já são atribuídos a um modelo musical seguido por *skinheads* não adeptos dos neofascismos. Nossa intenção é separá-los cada vez mais, não aproximá-los.

Aos jovens que acabam aderindo a movimentos desse tipo, esses discursos funcionam como catalisadores de suas revoltas e frustrações, sendo capazes de nortearlos num sentido que se apresenta como justo e correto ao passo em que inimigos da nação são apontados. O mesmo pode ocorrer em relação a bandas que disseminam discursos de esquerda, como as que atuam no movimento *punk*. Para movimentos sociais mais comuns, a crítica pode ser ao racismo, à ausência de leis de inclusão, ao descaso em relação à certa identidade, à pouca participação de setores sociais nas decisões públicas, entre outras questões. Nesse caso, qual seria a diferença entre os dois tipos, senão a ideologia e a organização política que defendem?

A própria música e os discursos presentes nela, como mostraremos com maior solidez mais adiante, são capazes de nos apresentar essas diferenças. Enquanto bandas de rock ligadas a causas sociais, como muitas daquelas que se ajustam ao *punk*, e os movimentos sociais tradicionais, lutam por inclusão, pela participação social de setores marginalizados num processo que compreende o social como coletivo, questionando os processos históricos que levaram ao seu afastamento do todo, os movimentos neofascistas apoiam a exclusão, a violência e mesmo o extermínio daqueles que consideram empecilhos aos seus planos políticos, às suas ideologias, ou seja, os protagonistas de seus ressentimentos. Não há preocupações com qualquer coletivo ou sociedade que esteja além daquela que os circundam, daquela que apoia suas visões de mundo. Se os movimentos sociais buscam participação ou a melhoria de problemas na sociedade, sem discursar a favor da destruição violenta de outros grupos, os neofascistas agem exatamente ao contrário, buscando sanar os mesmos problemas por meio do ódio e da violência.

Os discursos de ódio, ou *hate speeches*, são orientados por uma forma de comunicação que busca inferiorizar indivíduos ou grupos sociais tendo em vista características específicas. Desde a raça até etnia ou nacionalidade, esses discursos ressaltam as diferenças que determinam a enganosa necessidade de violência (HERZ; MOLNAR, 2012). Uma vez que por meio de um consenso internacional (ainda que possamos questionar a solidez desse consenso) os discursos de ódio devem ser juridicamente proibidos, é comum que aqueles que os proferem rejeitem fortemente tais

posturas legais. Ainda assim, tais discursos guiam movimentos humanos como os neofascistas.

Para autores como Peter Gay (1995, p. 17), as pessoas “cultivam seus ódios porque otêm prazer com o exercício de seus poderes opressivos”. Embora sua análise freudiana possa ser questionada, nos casos envolvendo as músicas aqui analisada esse tipo de comportamento parece evidente. Os *skinheads* neofascistas, que insistem em se vitimizar, veem-se na necessidade de incitar o ódio contra aqueles que julgam possuir mais espaço do que eles numa sociedade que tomam como sua, prejudicada pela presença dos “Outros”. Paradoxalmente, sentem-se oprimidos por aqueles que desejam oprimir. Uma vez que não possuem, como parcelas da sociedade que criticam, a devida participação política que pensam necessária, instigam o ódio contra seus inimigos.

Por si só o discurso de ódio carrega elementos suficientes para ser reprovável em sociedades que se denominam democráticas, ainda que nesse ambiente apenas parcelas específicas da sociedade desfrutem desse sistema. Porém, devemos atentar para o fato de que o discurso pode se elevar à condição material e se metamorfosear em ações diretas. Nesse sentido, pesa a identificação com o “nós” em detrimento de um mero comportamento. O comportamento pode variar de uma série de fatores, mas a identificação, aquilo que nos causa empatia e a necessidade de agir, é proveniente de uma identificação (SCHEELE, 2002). No caso dos neofascistas, essa identificação rege o comportamento e dá a ele os instrumentos necessários para agir. É quando o discurso se materializa.

A agressividade, a raiva e o ódio, mesclados a um permanente discurso de que há uma guerra a ser vencida e da qual devem sair vitoriosos apenas por meio da derrubada sangrenta dos inimigos nacionais ou territoriais, é um fator identificador e aglutinador nesse ponto e nos mostra outra continuidade dos fascismos clássicos nos dias de hoje. Sem a guerra e sem a insistente fabricação de inimigos, os fascismos jamais se manteriam. A base de todo o discurso neofascista presente nas bandas do *Hate Rock* é o ódio que lhe batiza. Há o discurso neofascista, a idealização nacional e social guiada por ele, a classificação dos inimigos desse sistema idealizado e os meios para combatê-los. Por essa razão, os crimes de ódio são frequentes entre os militantes desses movimentos, pois as músicas tentam justificar seus atos como corajosos. As políticas fascistas, com suas novas roupagens, são transmitidas e, em certa medida, ensinadas por meio do ódio.

Vejam, como exemplo, dois casos que ultrapassam nosso corte temporal, mas ilustram com rigor essa afirmação. Em 05 agosto de 2012, o ex-militar estadunidense Wade Michael Page, de 40 anos, entrou em um templo Sikh de Oak Creek, no Winsconsin, munido de uma submetralhadora. Naquele domingo, ele tirou a vida de seis pessoas e a sua própria. Page era não apenas um *skinhead* neonazista militante; era membro da banda *End Apathy*, cujas músicas evocam o nazismo como política ideal para resistir a culturas e “raças” consideradas alienígenas, como os Sikh¹¹. Quando nos voltamos para a leitura do pensamento expresso em suas músicas, vemos a idealização do ódio posto em prática por Page.

Ao ouvirmos a música *Backbone*, lançada pela banda de Page em 2010 no disco intitulado *Self Destruct*, perceberemos a presença do ódio na ideologia de seus integrantes: “É 2010 e aqui estamos para nos livrarmos deles/Os inimigos da raça branca”.¹² O crime praticado por Page é uma consequência prática do que é sugerido e também do que busca ser legitimado pela música que executa. Ele, no entanto, constitui uma exceção entre os integrantes de bandas deste tipo por sua idade avançada, uma vez que a maioria deles é mais jovem. De qualquer forma, seu vocalista foi produtor, executor e militante ativo das causas que defendia, cujas fragilidades buscam ser compensadas por doses desmedidas de ódio.

Os mecanismos que produzem o sentido desse discurso são políticos e se estruturam a fim de materializar o imaginário de quem os profere. Assim sendo, ao se referirem ao fato de que no ano de 2010 os “inimigos da raça branca” persistem, os compositores do discurso reforçam a necessidade de encerrar tal persistência haja vista que ela ocorre há mais tempo do que o desejado por eles. Portanto, além de delimitar os desejos e anseios dos militantes neonazistas da banda, esse discurso se empenha em transformar a sociedade a partir do ponto de vista que defende.

No Brasil, sete *skinheads* neonazistas foram presos em Niterói, Rio de Janeiro, em abril de 2013, acusados de agredirem um nordestino que trabalhava no centro da cidade. Felizmente, Cirley Santos, de 33 anos, não veio a óbito como algumas vítimas

¹¹ Ver “Profile: Wisconsin Sikh temple shooter Wade Michael Page” – Disponível em <<http://www.bbc.com/news/world-us-canada-19167324>>. Acesso em 24 de novembro de 2015, às 18h.

¹² END Apathy. *Backbone*. In: **Self Destruct**. Estados Unidos: Label 65, 2010, MP3.

de Page. Foi socorrido e escapou. O grupo de *skinheads* era formado por jovens de idade entre 15 a 33 anos, portando tatuagens em alusão a símbolos nazistas.¹³

Não se sabe se os agressores faziam parte de uma banda como Page. O que sabemos é que bandas brasileiras, como a “Brigada NS”, uma das que foram analisadas nesse trabalho, em seu disco “O Retorno da Velha Ordem”, de 2001, deixaram claras as suas opiniões sobre os nordestinos. No caso do grupo citado, a música “Migração” diz: “Dia após dia, migrando do Nordeste/ Centenas de imundos que são uma grande peste”.¹⁴ Não podemos garantir que essa música ou qualquer outra do tipo tenha sido a principal causa da violência empreendida contra Cirley, mas ao enxergar os nordestinos como uma “peste”, algo que deve ser combatido, sugeriram esse tipo de violência aos que se identificaram com seu discurso.

Sugerir o ódio como única forma de conscientização política, buscando o impacto sobre os jovens por meio de um gênero musical que dialoga com eles, é um denominador comum entre as bandas sobre as quais nos debruçamos e uma escolha feita deliberadamente por elas. Por essa razão, e por ter sido forjada na Inglaterra (daí o uso do termo em inglês), mesmo que aquelas bandas não se identificassem assim, o *Hate Rock* nos é mais adequado para conceituar bandas que disseminam ideias neofascistas por meio desse tipo específico de música, tornando-se assim uma peculiaridade que a singulariza.

Além do que observamos nos discursos, é necessário também traçarmos um perfil do que conseguimos ouvir. As bandas do *Hate Rock* possuem uma sonoridade própria e característica. A maioria das músicas possuem poucos acordes, soam bastante simples, são curtas e pouco elaboradas no que diz respeito ao processo de composição instrumental. Algumas delas, como a “Brigada NS”, utilizam-se de programas de computador para simular instrumentos, podendo significar a ausência de músicos ou mesmo de recursos para a gravação em estúdio. A precariedade da qualidade é outra característica comum a essas bandas, o que é motivado pela ausência de recursos e aceitação de gravadoras e estúdios em relação aos discursos proferidos pelos músicos.

Aqui se iniciam alguns importantes apontamentos sobre as diferenças entre as bandas brasileiras e estadunidenses, sobretudo as mais relevantes entre os *skinheads* de

¹³ Ver “Neonazistas são presos após agredirem homem em Niterói” – Disponível em <http://oglobo.globo.com/rio/neonazistas-sao-presos-apos-agredirem-homem-em-niteroi-8230598>. Último acesso em 31 de julho de 2014, às 19h.

¹⁴ BRIGADA NS. Migração. In: **O Retorno da Velha Ordem**. Brasil: Divisão 18 Productions, 2001, MP3.

cada país. As bandas do Brasil são significativamente inferiores no que diz respeito à qualidade sonora, bem como à elaboração das composições. Entre as bandas dos Estados Unidos há uma maior e evidente presença de recursos que permitem gravações melhores e mais audíveis. Esse fator facilitou, para essa pesquisa, a transcrição das músicas das bandas estadunidenses, enquanto entre as brasileiras houve casos que se mostraram difíceis, como as músicas do álbum “Música para a família”, da banda “Defesa Armada”.

Seja como for, o fator mais comum entre essas bandas, no que diz respeito ao som que emitem, é a agressividade e a velocidade. Tratam-se de músicas cujos instrumentos e notas são tocados com rapidez, força e distorções barulhentas, independentemente da qualidade do equipamento, o que casa com a proposta das letras e aparece como recurso comum às duas realidades. A violência e o ódio falados se mesclam à ferocidade sonora, causando impacto nos ouvintes e embalando a violência que idealizam e protagonizam nas ruas, bem como as danças violentas nos shows. Os integrantes das bandas, particularmente os vocalistas, acabam se tornando personagens emblemáticos para os *skinheads*, espécies de líderes ou mesmo mártires, como o próprio Ian Stuart Donaldson.

Os *skinheads* que executam e consomem esse gênero musical o compreendem como algo maior do que apenas expressões artísticas, mas como reflexo e idealização de seus perfis políticos. E se esses indivíduos buscam se colocar “pela violência, uma violência que é vivida como aquilo que faz com que sejam respeitados e temidos pelos outros”, sendo também por seu intermédio que atuam e se aproximam de outros grupos, “criando uma ilusão de poder, força e potência” (COSTA, 2000, p. 138), é sobre ela que irão discursar e com ela dialogarão musicalmente. Pertinente lembrarmos que o próprio fascismo italiano “irrompeu na história por meio de um ato de violência contra não apenas o socialismo como também contra a legalidade burguesa, em nome de um pretense bem nacional maior” (PAXTON, 2007, p. 19)¹⁵.

Os fascismos são capazes, até hoje, de serem disseminados em realidades nacionais onde haja ressentimentos que gerem ódio. As condições para isso normalmente são instigadas por movimentos humanos que, adequando discursos ao presente, direcionam pessoas nos caminhos que favoreçam a ampliação dessas

¹⁵ O autor se refere ao ataque executado pelos fascistas, no dia de sua reunião inaugural em 5 de abril de 1919, contra a sede do jornal socialista *Avanti*, em Milão.

ideologias, desse comportamento político mais emocional do que racional. Por essa razão, os neofascismos se espalharam pelo mundo e o *Hate Rock* foi um de seus grandes impulsionadores, sobretudo porque a música sempre foi uma expressão artística atrelada às emoções. A disseminação global do *Hate Rock* contribuiu em muito para o fortalecimento neofascista numa mesma escala.

1.3.- O *Hate Rock* pelo mundo: Transformações e visões políticas

Nos anos 1980, a *Blood & Honour*, organização idealizada e orquestrada por Ian Stuart Donaldson, foi umas das principais difusoras de bandas neofascistas do mundo, o que viria a se intensificar após o advento da Internet como meio de comunicação doméstico na década seguinte. Essa organização é considerada “um dos mais antigos grupos neonazistas em atividade, possui cerca de trinta divisões politicamente ativas e espalhadas por aproximadamente 25 países em todo o mundo [até 2012]” (DAMASCENO, 2012, p. 45). Sua proposta era unir bandas com propósitos semelhantes e difundí-las a fim de fortalecer um movimento de comuns com a realização de eventos, shows, reuniões, gravação e distribuição de material musical neofascista ou que dialogassem com os fascismos históricos.

O *Hate Rock* não ficou restrito apenas ao Reino Unido, assim como os próprios *skinheads* neofascistas. Com o *Blood & Honour* empenhado na distribuição e promoção do gênero em todo o mundo e graças a seu grande alcance, esta música alçaria voos ainda mais distantes. A distribuição de discos e materiais musicais no momento em que o *Hate Rock* surgia já era algo pensado por grupos envolvidos. Gravadoras e distribuidoras desse gênero já podiam ser encontradas na Alemanha dos anos 1980, como a *Rock-O-Rama*, que, a princípio, lançava bandas *punks* para depois tornar-se um dos maiores nomes entre os difusores do *Hate Rock* europeu (LOWLES; SILVER, 1998).

Nos anos 1990 esse tipo de música ganhou difusão internacional mais intensa, motivada pela queda do muro de Berlim em 1989 e o fim da União Soviética dois anos depois. Esses fatores representavam, para milhões de pessoas, uma série de problemas provocados sobretudo pelo embate entre os europeus do oeste e a permanência de ideias comunistas entre os imigrantes do leste, que passavam a frequentar com maior facilidade o outro lado (BEIRICH, 2015). Esse novo cenário fez com que crescessem os

movimentos políticos neofascistas contrários ao processo que, conseqüentemente, desenvolvia mecanismos de militância como o *Hate Rock*.

Pouco antes disso, por volta de 1987, na França, a *Rebelles Européens*, gravadora fundada por Gaël Bodiis, então produtor da banda francesa *Brutal Combat*, surgiu para se tornar uma das mais proeminentes promotoras de *Hate Rock* na Europa. Até 1994, quando se dissolveu, a gravadora lançou aproximadamente 50 discos do gênero, sofrendo, a princípio, pouca censura por parte do Estado francês (LEBOURG; SISTACH, 2012). Na Suécia, em princípios dos anos 1990, bandas evidentemente ligadas à extrema-direita local, cujas músicas tematizavam os mitos e folclores nórdicos e arianos tão apreciados pelos nazistas, como a *Ultima Thule*, deixaram o *underground* e chegaram a emplacar discos nas listas dos mais vendidos do país (LAGERLÖF, 2012).

Há indícios de que na Hungria, entre os anos de 1980 e 1990, o cenário musical voltado para bandas neofascistas adeptas do *White Power*¹⁶ era tão intenso que estava em vias de alcançar o *mainstream*, até ser duramente questionado pelo Estado. Os primeiros *skinheads* húngaros emularam o perfil de parte da subcultura inglesa já envolvida com os neofascismos, encapsulando sua consciência política, desenvolvendo e adaptando-a a seus próprios fins (SZELE, 2012). Essa potencialidade é fundamental para entendermos como o *Hate Rock* e as ideologias políticas que representa se adaptam a diferentes realidades sociais e como seu uso é político.

Isso nos explicará, por exemplo, a presença de bandas como a *Iron Youth*, diretamente ligada ao partido neonazista “Aurora Dourada”, na Grécia, e da banda baiana “Bandeira de Combate”, no Brasil. Muito poderia se especular sobre a impossibilidade desse fato. Até mesmo os membros da banda grega poderiam alegar estarem mais próximos do berço do fascismo, tendo o país vivido um amplo domínio fascista nos anos 1930 e por serem europeus, enquanto os brasileiros não possuem condições raciais (se pensarmos em termos de nazismo ou nos baseando em princípios legais, como frequentemente ocorre) ou históricas para aderirem a essa ideologia. Os brasileiros podem se indagar sobre a possibilidade de uma banda nordestina ser fascista.

¹⁶ Em tradução livre, “poder branco”, é uma crença racista de que os brancos são superiores a outras etnias, cabendo a eles o esforço de fortalecer sua “raça” e combater outras. Essa crença acabou se convertendo em práticas políticas institucionalizadas, como nos casos de alguns estados dos EUA até meados dos anos 1960 e da África do Sul até o início dos anos 1990, quando sistemas segregacionistas dividiam suas sociedades. Nesse sentido, os brancos eram responsáveis pelo controle político, administrativo, econômico, cultural, entre outros. Aos grupos de outras etnias, principalmente aos negros, restava um papel marginal e subserviente dentro desses sistemas (WILDMAN, 1996).

Porém, os significados políticos dessa ideologia, sobretudo como prática, não se restringem a tais limites.

Ocorre que o “viver fascisticamente”, praticar os fascismos, está relacionado a um esforço de reapropriação e reconstrução histórica que independe de qualquer proximidade com espaços ou tempos históricos definidos (TEIXEIRA DA SILVA, 2004a). Há alguns autores empenhados no estudo dos fascismos clássicos, a exemplo de Ernst Nolte e Renzo de Felice, que possuem uma abordagem do fenômeno fascista como manifestação singularizante, observando a particularidade das experiências italiana e alemã frente a outras formas de chauvinismo do período. Nós não nos deteremos apenas a essas experiências do passado, mas às que foram possíveis e ainda são no presente mesmo que não se formatem como regimes.

Como podemos ignorar, por exemplo, a presença da Ação Integralista Brasileira nos anos 1930, a maior organização fascista fora da Europa naquela década? Ainda que com suas peculiaridades e certos distanciamentos em relação aos fascismos europeus, a AIB teve relevância significativa na política brasileira e seus projetos, bem como “as características da ideologia, da base social, da organização, da mística, dentre outras do integralismo, colocam-no perfeitamente dentro de quase todos esses modelos criados para definir o que é fascismo” (BERTONHA, 2014, p. 64), mesmo que a especificação desses modelos oscilem em suas definições e o movimento brasileiro não tenha nascido para ser uma cópia de seus primogênitos europeus. Ainda que buscassem se diferenciar dos extremistas europeus da época se utilizando de uma vertente ideológica moralizadora, as afinidades com os fascismos europeus eram iluminadas de diversas formas (TRINDADE, 2016). Portanto, fica comprovada a maleabilidade dos fascismos e sua capacidade de existir em países como o Brasil, sendo totalmente possível a presença desse fenômeno político no país, como já foi no passado.

O *Hate Rock* é um lugar de conhecimento para a compreensão dessas possibilidades de mutação dos fascismos no espaço e no tempo, como práticas capazes de se desenvolver, mesmo longe dos terrenos onde suas primeiras sementes foram plantadas. Eles são capazes de se adequar a diferentes contextos e servir aos que os evocam de diferentes formas, sem perder suas bases fundamentais, como veremos nos casos estudados mais adiante. Nesse sentido, esse gênero debatido por nós nos parece uma ferramenta pertinente para a difusão de tais ideias, uma vez que a linguagem musical é universal e o rock aparece como meio de expressão jovem em boa parte do chamado Mundo Ocidental.

Ocorre que as frustrações e descontentamentos sócio-políticos, estejam eles partindo da esquerda ou da direita, são parte da dinâmica social de vários países capitalistas e a música acaba sendo um suporte, principalmente para os jovens, na busca por extravasar seus ressentimentos e rejeições. Tais sentimentos, quando partem de grupos neofascistas, podem se converter em ódio contra tudo aquilo que impede o crescimento de suas forças políticas ou da sociedade que julgam mais correta. Esse ódio recai contra parcelas da sociedade que se dividem em diferentes culturas. Membros de ideologias políticas da esquerda. Pessoas de diferentes etnias.

As músicas do *Hate Rock* fornecem às pessoas “culpados” para qualquer problema, independentemente de suas proporções, em regiões urbanas de diferentes tipos. Mais do que isso: atribuem a esses “culpados”, minorias, em grande parte, características vilanescas que acabam tornando-os opressores, enquanto os neofascistas se posicionam convenientemente como vítimas. Logo, esses “culpados” se tornam inimigos a serem combatidos como meio de expurgar um problema nacional. Os neofascistas se utilizam da música de forma política para tentar reescrever a história, dar-lhe novos significados e figurarem como rejeitados em sociedades dominadas politicamente por seus inimigos. Ao mesmo tempo, reforçam suas ideologias políticas e apontam suas características como soluções.

Por essa razão, os neofascismos acabam encontrando espaço em diferentes países, pois suas práticas correspondem a exigências presentes em contextos diversos. Da mesma forma, o *Hate Rock* é frutífero pois preenche uma demanda substancial em movimentos e organizações desse tipo: a aproximação com a juventude e, principalmente, a militância em meios nos quais os partidos mais formais não conseguem ou não buscam penetrar com tamanha eficácia.

1.4. – *Hate Rock* e neofascismos no Brasil

Não é possível precisarmos quando o *Hate Rock* chegou ao Brasil, mas podemos afirmar que ele já estava presente entre os primeiros *skinheads* da região do ABC Paulista, onde os movimentos iniciais se formaram. Há indícios de que já em 1985, portanto poucos anos depois do aparecimento dos *skinheads* em São Paulo, havia uma organização em torno de eventos musicais como o “Dezembro Negro”, passando, mais tarde, a se chamar “Dezembro Oi!” (SALAS, 2006). No momento em que surgem no Brasil, os primeiros agrupamentos de *skinheads* tiveram que lidar com uma ditadura

militar que, mesmo menos intensa se comparada a anos anteriores, interferia em liberdades e direitos sociais, havendo ainda grande repressão.

Nessa mesma época o rock brasileiro entrava em sua fase de maior popularização, muito embora houvesse ainda uma censura forte dos meios de comunicação. Enquanto os artistas mais populares se posicionavam distantes de contestações políticas mais dissidentes, por vezes se aproximando da postura midiática quanto ao esgotamento do regime militar, já havia no país um movimento *punk* que, por sua vez, discursava fortes críticas sociais contra a repressão, mesmo que longe dos grandes meios de comunicação. Por vezes, o que se convencionou chamar de “rock nacional” tinha uma postura que chegava mesmo a ser conservadora, o que nos aponta para uma característica que, em certa medida, se identifica com uma sociedade pouco ativa frente ao regime militar (BIVAR, 2001).

Concomitantemente:

Diante da crise econômica da década de 1980, responsável por afetar o mercado de trabalho da região onde atuavam os “Carecas do Subúrbio”, eles se propagaram com a afirmação de uma identidade baseada nos pressupostos ideológicos de um “nacionalismo proletário”, em repúdio às transformações oriundas das políticas neoliberais do período (BARBOSA, 2016, p. 84).

Apesar de nacionalistas, autoritários e próximos a um ideário militarista, os *skinheads* brasileiros naquele momento, representados principalmene por movimentos como o dos “Carecas do Subúrbio”, eram mal vistos pelo regime militar por suas características marginais, associadas à delinquência juvenil. Além disso, sua origem operária e sua oposição ao capitalismo os colocavam próximos à militância esquerdista, à qual muitos *skinheads* brasileiros convergiram. Ao defenderem “a ideia de que, apesar dos trabalhadores serem aqueles que produzem a riqueza” acabam sendo “roubados pelos capitalistas, que só querem enriquecer e dilapidar a nação” (COSTA, 2000, p. 146), eram associados a um perfil subversivo.

Segundo Márcia Regina da Costa (2000), os *skinheads* que formaram movimentos como o “Carecas do ABC” e “Carecas do Subúrbio” buscavam se distinguir dos movimentos europeus e reforçar suas características nacionais. Para eles, o Brasil era subdesenvolvido graças ao imperialismo, os *punks* representavam ideologias políticas antinacionais (como o anarquismo) e por isso necessitavam combatê-los. Pensavam ser necessário revigorar instituições sociais como a família para

tornar o país forte. Isso pode ser explicado pelo fato de que as informações que chegavam ao Brasil, por intermédio da mídia, já apresentavam os *skinheads* como ferrenhos nacionalistas e mesmo neofascistas, pois a cisão já havia ocorrido na Europa. Além disso, os *skinheads* brasileiros recebiam e trocavam uma considerável quantidade de *fanzines*¹⁷, havendo entre estas a presença de discursos neofascistas.

Alexandre de Almeida (2011) aponta para o fato de que a primeira banda do subgênero *White Power Rock* brasileira foi a “Locomotiva”, atuante entre 1988 a 1992. Isso mostra que essa pode ter sido também uma das primeiras bandas de *Hate Rock* nacionais, uma vez que se utilizava de discursos neofascistas para defender o ódio racista por meio da música. De acordo com o autor, a banda “cooptou elementos de outros grupos juvenis”, para então conseguir “estruturar células da organização [“Poder Branco”, da qual fazia parte] na capital do estado de São Paulo, região metropolitana e em algumas cidades do interior paulista” (ALMEIDA, 2011, p. 04).

A banda “Grupo Separatista Branco”, popularmente conhecida pela sigla GSB, foi outra banda brasileira pioneira no gênero. Além de promover o racismo, as músicas da banda intercediam em favor do separatismo, julgando ser o estado de São Paulo suficientemente rico e culturalmente distinto do restante do país a ponto de poder ser gerido separadamente, como uma espécie de nação autônoma. Como tentativa de explicar a distinção dos paulistas, os discursos da banda exaltavam “a identidade europeia do paulista, a necessidade de separar o estado de São Paulo do resto do Brasil como forma de evitar a degeneração do sangue europeu”, além de trazer “forte teor anticomunista e antijudaico” (ALMEIDA, 2012, p. 09). Havendo a necessidade de exaltar uma suposta identidade europeia entre os paulistas, a banda define seu exemplo de identidade e delimita aquelas que merecem repúdio e são inferiorizadas nas músicas.

Essa é uma característica bastante específica dos neofascistas brasileiros em relação aos dos EUA, que pode ser evidenciada por meio do *Hate Rock*: as posições sobre diferentes discursos podem variar. No caso das bandas do Sul e Sudeste, há um frequente esforço para inferiorizar indivíduos de outras regiões do país, em especial do Nordeste, enquanto nos EUA não há uma diferenciação clara por região, o que nos permite entender que lá existe uma maior uniformidade entre os discursos no que diz respeito a noções de nação. Ainda que os neofascistas estadunidenses do Sul busquem

¹⁷ Pequena revista de produção caseira e de baixa escala que tem como fim a divulgação de movimentos, ideias políticas, conteúdos culturais, entre outras coisas.

com frequência referenciais simbólicos no passado escravocrata dos confederados da Guerra Civil, não há discriminações em relação aos neofascistas do Norte, ao menos ao ponto de gerarem conflitos violentos. As bandas do Sul e Sudeste brasileiro, bem como seus ouvintes, enxergam nos nordestinos vícios que não seriam características dos locais supostamente próximos aos europeus e, portanto, acreditam que devem ser combatidos.

Outra banda dos anos 1980, a “W.C.H.C.”, também paulista, lançou em 1989 a música “Migrante”, na qual são incisivos contra a presença dos imigrantes em São Paulo, quando dizem: “Você só suga o sangue paulista/Apenas mais um na concorrência/Empregos, mulheres, terras/Tudo isso você vai roubar/Volte pra sua terra, migrante filho da puta”¹⁸. O sentimento de ódio aos imigrantes, marca dos ressentimentos fascistas e tema frequente do *Hate Rock*, não se diferencia do nacionalismo ou regionalismo da ideologia levada às últimas consequências por Benito Mussolini e Adolf Hitler, respectivamente, na Itália e na Alemanha; não se distancia também do discurso defendido pelo *BNP* e *NF* contra africanos e asiáticos, na Inglaterra do final dos anos 1970; não estão aprisionados às músicas, como vemos nos dois casos de agressão já mencionados nesse capítulo, ocorridos em nome de causas neofascistas pela hegemonia cultural. Representam uma continuidade ideológica e, ao mesmo tempo, sua metamorfose em meio a contextos distintos.

Quando nos referimos aos esforços de neofascistas por buscar hegemonia cultural, tentamos evidenciar ao mesmo tempo a sua guerra por tornar a cultura “limpa”, de acordo com suas concepções do que são suas culturas nacionais, bem como suas disputas por poder. A ideia de hegemonia cultural forjada por Antonio Gramsci (GREHAN, 2002) descreve a dominação ideológica empreendida pelas classes dominantes, normalmente, em sua perspectiva, sobre as classes trabalhadoras. Por meio dessa hegemonia, que pressupõe um controle ideológico dotado de mecanismos sociais múltiplos, a cultura dos dominadores é estabelecida como a de toda a sociedade. Nesse sentido, os neofascistas tentam derrubar a hegemonia cultural que, dizem, ser imposta pelos seus inimigos.

Um caso aparentemente atípico aparece quando nos voltamos para a já mencionada banda “Bandeira de Combate”, surgida em fins dos anos 1980 na Bahia. Se regra geral, para o senso comum, as bandas de *Hate Rock* estão comprometidas com o racismo e a xenofobia – no caso das brasileiras, os imigrantes mais alvejados são os

¹⁸ W.C.H.C. Migrante. In: **Ódio mortal**. São Paulo: Ódio Mortal Records, 1988. Faixa 10. MP3.

provenientes do nordeste -, como é possível a presença de uma banda neofascista nordestina e situada em um dos estados com maior população negra e mestiça do país? Responder a essa questão necessita um exercício histórico que, conseqüentemente, nos dirá também mais sobre a constituição do *Hate Rock*.

Até que a Itália fascista e a Alemanha nazista se aliassem formalmente, sendo a segunda inspirada na primeira, o racismo não era uma questão prioritária, institucionalizada ou mesmo existente nessa ideologia quando fundada por Mussolini. Após sua institucionalização pelo Terceiro Reich, o racismo passou a fazer parte da agenda fascista de forma mais nítida (KONDER, 2009). Cada organização política fascista conduzia seus debates raciais de forma específica e considerando seus contextos. O modelo brasileiro do fascismo, o integralismo, por exemplo, valorizou “a fusão racial” e rejeitou “os ideais arianistas de pureza racial” (BERTONHA, 2014, p. 89) caros ao nazismo, principalmente. Isso nos mostra a facilidade com a qual os fascismos podem ser reorganizados para contemplar uma sociedade específica, reforçando sua possibilidade de existência em países como o Brasil, haja um discurso racista forte ou não.

Podemos perceber que o *Hate Rock*, ferramenta desses movimentos, se ramifica em diferentes subgêneros, como o *White Power Rock*, quando os neofascismos priorizam a questão racial. Veremos que entre as bandas dos Estados Unidos essa é uma vertente prioritária, uma vez que a questão racial no país atravessa séculos de debates acirrados e, muitas vezes, violentos. Além do mais, a constituição histórica do país e as suas divisões raciais, estabelecidas por meio da segregação, vão muito além da política e se estabelecem culturalmente, como atestaremos. Nesse sentido, encontramos uma polarização entre neofascistas dos dois países que será debatida com maior cuidado mais adiante.

Seja como for, o Brasil possuiu uma significativa quantidade de grupos representativos para os neofascismos, bem como bandas que lhes dão visibilidade desde os anos 1980. Ainda que sua representatividade em termos nacionais, ou mesmo em seu envolvimento com a esfera estatal, seja diminuta, sua presença é relevante e seus discursos podem facilmente se misturar a um cenário político mais atual vivido no Brasil desde o fim das eleições presidenciais de 2014, após a reeleição da presidenta Dilma Rousseff (Partido dos Trabalhadores) e do esforço da grande mídia em atribuir somente seu partido a um dos mais graves casos de corrupção do país, investigado pela chamada “Operação Lava Jato”. Nesse contexto, lideranças de movimentos que

emergiram com o apoio da grande imprensa e de grandes corporações nacionais e internacionais conclamavam a população a se engajarem em defesa do *impeachment* da presidenta e se esforçarem em transformar o PT em alvo de críticas que ultrapassaram o bom senso ao associar o partido a uma quadrilha que havia se assenhorado do país, como se a corrupção endêmica reinante no sistema político, nas instituições públicas e privadas, enfim perpassando toda a sociedade, fosse uma obra exclusiva desse partido. Em paralelo, esses mesmos veículos, regra geral, destacavam o pertencimento do PT em casos de corrupção que vinham à baila, mas ao mesmo tempo omitiam o predomínio de membros de outros partidos nos casos de corrupção.

Ainda em 2006, o governo de Luiz Inácio Lula da Silva foi criticado pelos neofascistas brasileiros, como pode ser percebido na música “Volta C.C.C.”, presente no álbum “Marchando Rumo à Vitória”, da banda “Comando Blindado”, quando ouvimos: “Partido da moda, showmício e bandeirinha/Discurso da vitória, maldita estrelinha/Ilusão massiva de um povo sem memória/Amarga e passa fome por mais essa derrota”¹⁹. Embora não fique explícito, o Partido dos Trabalhadores, referenciado pela menção à “estrelinha”, é o alvo de seu ódio.

A sigla “C.C.C.” presente no título da música nos mostra que a banda evoca um movimento civil que, nos anos 1960, agiu de maneira violenta contra seus inimigos, o “Comando de Caça aos Comunistas”. O anticomunismo é peça fundamental das ideologias fascistas desde o seu nascimento por suas características ditas antinacionalistas (MARIÁTEGUI, 2010). Mesmo que de forma errônea, o PT foi associado pela banda ao comunismo por sua tradição de esquerda, o que se distancia enormemente do que foi realizado na prática por seus governos. Essa crítica violenta e agressiva não é completamente distinta das insistentes manifestações de rua promovidas pela direita, sobretudo pelas classes médias e pelas elites do país desde 2014, que associam o PT ao comunismo, ao bolivarianismo chavista e, em exemplos mais extremos, evocam os militares como solução para os problemas do país.

O desenvolvimento do Brasil, esperado por muitos dos eleitores do PT quando Lula foi eleito, acabou comprometido pela incapacidade do governo, aquele no qual muitos mantiveram, por algum tempo, a crença de ser o responsável por alguma grande transformação, de reverter os problemas de renda e educação existentes, fundamentais

¹⁹ COMANDO Blindado. Volta C.C.C.. In: **Marchando rumo à vitória**. EUA: Zyklon B Records, 2006. 1 CD. Faixa 02.

ao desenvolvimento almejado (BERTONHA, 2011). A direita e seus seguidores mais extremos se apoiaram em intensas críticas, propondo soluções condizentes com suas ideologias. O mesmo no caso dos neofascistas.

Frente à polarização desse debate e seu acirramento, alguns grupos ganham destaque como porta-vozes de discursos extremistas que excluem minorias ou mesmo demonstram ódio explícito a elas. Políticos como Jair Bolsonaro e organizações civis como o “Movimento Brasil Livre” (MBL) acabam ganhando força como alternativas à crise política pela qual passa o Brasil desde meados de 2013, por defenderem agendas conservadoras e uma oposição extrema e violenta ao PT. Após as manifestações do dia 15 de março de 2015, ocorridas em várias partes do Brasil em repúdio ao governo vigente, onde tanto Bolsonaro quanto o MBL possuem grande aceitação, um grupo de *skinheads* neofascistas agrediu dois jovens em Curitiba, enquanto gritavam “morte aos homossexuais”²⁰.

Os *skinheads* neofascistas são contrários aos homossexuais, acusando-lhes, dentre outras coisas, de desvirtuarem o conceito tradicional de família que também vem sendo fortemente debatido graças à intensa presença de bancadas e políticos religiosos no Congresso Nacional, um dos sólidos pilares do conservadorismo político de nossa atualidade. Ao mesmo tempo, a reação desses políticos conservadores é contra o crescimento e a força adquirida por movimentos em defesa das causas homossexuais e LGBT. Durante o regime nazista na Alemanha os homossexuais e lésbicas eram duramente perseguidos, pois, segundo os ideólogos do Terceiro Reich, a relação entre pessoas do mesmo sexo atrapalhava o processo de reprodução e, conseqüentemente, de ampliação da “raça” ariana e de forças militares. Pessoas foram mortas e aprisionadas a campos de concentração pelo simples fato de terem uma orientação sexual diferente (BRAZDA; SCHWAB, 2011). A agenda progressista de expansão de direitos, de tolerância e inclusão implementada durante os governos FHC (de forma limitada), Lula e Dilma fomentaram esses tipos de reações conservadoras.

A banda paulistana “Defesa Armada” lançou, em 1995, uma música intitulada “Esquadrão Anti-Gay”, cuja letra dizia: “Esquadrão Anti-Gay pra metralhar/ Esquadrão Anti-Gay da repressão/ Esquadrão Anti-Gay vai te curar/ Esquadrão Anti-Gay é a solução”. Não devemos cair em um debate frágil que acusa as músicas (assim como

²⁰ Ver “Neonazistas atacam em Curitiba depois de protesto deste domingo e geram pânico” – Disponível em <<http://revistaladoa.com.br/2015/03/noticias/neonazistas-atacam-em-curitiba-depois-protesto-deste-domingo-geram-panico>>. Acesso em 08 de junho de 2015, às 12h.

jogos de videogame, filmes, etc) de serem responsáveis diretas pela violência como aquela ocorrida em Curitiba. No entanto, a música é uma estratégia de legitimação e de incentivo de ações diretas “em nome da causa”.

Grupos que se mobilizam contra os direitos de pessoas do mesmo gênero manterem relações afetivas não necessariamente podem ser apontados como neofascistas. Mas, é pertinente pensarmos a proximidade dos discursos e como eles incidem de maneira agressiva sobre indivíduos e grupos cujas visões de mundo divergem daquelas pensadas por esses militantes conservadores. Em um momento como esse, o da crise política vivenciada no Brasil, o respaldo de algumas características de grupos neofascistas acaba, mesmo sem querer, sendo ampliado por parte da sociedade na qual eles buscam se enraizar.

O que uma organização neofascista apregoa sobre os direitos políticos dos casais homoafetivos pode não se distinguir por completo dos valores compartilhados por parcelas conservadoras da sociedade, mesmo que essas não se identifiquem como neofascistas. O mesmo é possível ser observado em relação à prática de crimes, quando ambos podem defender a execução de criminosos por meio da ação civil violenta, como nos linchamentos, ou mesmo respaldar ações policiais que dispensam formalidades legais, como o processo criminal com direito à ampla defesa. Nesse sentido, a música pode facilmente atrair jovens imersos no conservadorismo e dar-lhes chaves radicais para combater o que consideram errado, podendo, por vezes, levar-lhes a movimentos mais complexos e explicitamente neofascistas.

Não há no Brasil organizações políticas com esse perfil, tão articuladas quanto as que veremos existir nos EUA e as que vimos surgirem na Inglaterra, capazes de canalizar esses discursos em favor de suas ideologias e elaborar programas políticos. No máximo, há esboços de ressurgência do integralismo por meio da “Frente Integralista Brasileira”²¹, fundada em 2004 em um congresso que reuniu integralistas de todo o país, cujos preceitos são praticamente os mesmos da AIB dos anos 1930, porém mais associados a causas do presente.

O “Front 88” é outro grupo expressivo, mas sua organização ocorre de forma distinta, atuando mais como uma gangue do que propriamente como movimento político, mesmo que suas práticas não fujam a essas propostas. Trata-se de uma

²¹ Ver “Frente Integralista Brasileira” – Disponível em <<http://www.integralismo.org.br/?cont=795&vis=>>. Último acesso em 02 de dezembro de 2015, às 19h20.

organização majoritariamente composta por *skinheads*, sem haver pretensões políticas que envolvam debates mais complexos. A transmissão de seus pressupostos ocorre pelas vias da violência urbana em ataques planejados a minorias ou grupos sociais que desprezam²².

Recentemente, no ano de 2015, o Partido Renovador Trabalhista Brasileiro (PRTB), do candidato à presidência em 2014, Levy Fidelix, mostrou apoio ao evento denominado “Dezembrada”²³, onde seria fundada formalmente, em Curitiba, a Frente Nacionalista, uma organização declaradamente neofascista que aspira ao meio político formal. Em um momento de crise como o que o país vive, o surgimento de iniciativas como essa e sua parceria com partidos políticos legítimos requer cuidadosa atenção. O evento não chegou a ocorrer, pois foi cancelado pela organização temerosa por ataques dos diversos grupos de esquerda que demonstraram repúdio²⁴. Além do PRTB, os Carecas do ABC apoiavam o evento que contaria com a apresentação de oito bandas, incluindo a “29 de Dezembro”, “Estandarte Patriótico” e “Ação Hostil”, cujos discursos são abertamente neofascistas.

1.5. – *Hate rock* e neofascismos nos Estados Unidos

Segundo relatório publicado pela *Southern Poverty Law Center*²⁵, uma das organizações não-governamentais mais consistentes e respeitadas dos EUA no que se refere ao mapeamento de grupos extremistas locais, os primeiros *skinheads* neofascistas estadunidenses apareceram em meados dos anos 1980, no sul do país (POTOK, 2012). A existência de organizações racistas como a Ku Klux Klan, bem como a presença de

²² Ver “Polícia de SP apreende código de regras de grupo neonazista acusado de assassinato em 2007.” – Disponível em <<http://oglobo.globo.com/brasil/policia-de-sp-apreende-codigo-de-regras-de-grupo-neonazista-acusado-de-assassinato-em-2007-3192281>>. Último acesso em 02 de dezembro de 2015, às 19h56.

²³ Na História do Brasil, a “Dezembrada” foi o conjunto das batalhas ocorridas durante a Guerra do Paraguai (dezembro de 1868) vencidas por Argentina, Brasil e Uruguai e que derrotaram o exército paraguaio. Embora o termo tenha sido apropriado por nacionalistas à época, não foi possível constatarmos se o uso dele no caso aqui apresentado possui alguma relação com o episódio histórico.

²⁴ Ver “Curitiba sedia fundação de partido inspirado no fascismo e integralismo” – Disponível em <<http://www.bemparana.com.br/politicaemdebate/index.php/2015/12/07/curitiba-sedia-fundacao-de-partido-inspirado-no-fascismo-e-integralismo/>>. Último acesso em 04 de janeiro de 2016, às 21h31.

²⁵ A *Southern Poverty Law Center* é uma organização estadunidense, baseada no Alabama, de advocacia legal sem fins lucrativos, cuja especialização é centrada nos direitos civis. Desde sua fundação, em 1971, a organização é responsável por dar consultoria e atender casos que violam direitos civis, além de estar engajada em produzir relatórios cooperativos que divulgam e mapeiam grupos que os violam, como o caso de *skinheads* ou partidos políticos neofascistas – Disponível em <<https://www.splcenter.org/our-history>>. Último acesso em 30 de novembro de 2015, às 14h10.

marcas segregacionistas na cultura local – reduto dos últimos estados que, até meados dos anos 1960, ainda viviam sob o regime institucional racista -, teriam facilitado esse processo.

Por essa razão, além da existência de forte polarização em torno do debate racial no país, a maioria das bandas do *Hate Rock* estadunidense, bem como os incontáveis movimentos políticos neofascistas que visam às disputas estatais pelo poder e dos grupos de *skinheads*, possuem o racismo como principal bandeira. Entre as bandas que serão investigadas nesse estudo, o discurso racista está presente em todos os casos, sobretudo contra os negros. As ideologias fascistas reelaboradas acabam por ser utilizadas, majoritariamente, para servirem aos propósitos de justificar a “guerra racial” que marca as letras das bandas e as vertentes políticas de partidos.

Estima-se que no final dos anos 1980 os *skinheads* neofascistas estadunidenses eram pouco numerosos em comparação à década seguinte. As células que existiam eram desorganizadas até que a *White Aryan Resistance (WAR)*²⁶, que já existia, deu conta de promover a primeira tentativa de organizá-las e dar-lhes um sentido político bem direcionado. Por volta de 1988 a *WAR* havia não apenas agregado o movimento *skinhead* neofascista estadunidense como promoveu o primeiro festival de música neofascista do país, o *Aryan Fest*, em Oklahoma (POTOK, 2012).

A *Anti-Defamation League*²⁷ divulgou, em um relatório denominado *Racist Skinhead Project*²⁸, cujo objetivo é traçar um perfil das organizações neofascistas dos EUA, que movimentos de relevância como o *Berdoo Skinheads* e *The Order*, ambos situados na Califórnia, já protagonizavam manifestações racistas permeadas pelo ideário nacional-socialista, o tipo favorito de fascismo para esses grupos antes mesmo da *WAR* aparecer entre eles. Mas eles não eram os únicos. A *Aryan Nations (AN)* é uma das mais tradicionais organizações políticas racistas do país. Fundada em meados dos anos 1970 por Richard Butler, falecido em 2004, tinha como ideologia o afastamento de todas as

²⁶ Organização neonazista estadunidense formada em meados dos anos 1970 pelo membro da Ku Klux Klan Tom Metzger, em Warsaw, Indiana (POTOK, 2012).

²⁷ A Anti-Defamation League foi fundada em 1913 ‘para parar a difamação sobre o povo Judeu e assegurar justiça e tratamentos igualitários para todos’. Hoje a maior agência de proteção aos direitos civis/relações humanas da nação, a ADL luta contra o anti-semitismo e todas as formas de fanatismo, defende ideias democráticas e protege direitos civis para todos”. Texto retirado da página da organização, tradução nossa. Por combater o antissemitismo, a ADL está engajada no mapeamento e denúncia de grupos neofascistas e, principalmente, neonazistas dos Estados Unidos. Disponível em <<http://www.adl.org/about-adl/>>. Último acesso em 30 de novembro de 2015, às 16h58.

²⁸ Ver “Racist Skinhead Project: California” – Disponível em <http://archive.adl.org/racist_skinheads/states/california.html>. Último acesso em 30 de novembro de 2015, às 16h50.

“raças” não-brancas dos Estados Unidos, unindo discurso político a ações paramilitares de conotação neonazista. A nação deveria ser exclusiva dos arianos. Nos anos 1980, com a intenção de atrair jovens para a causa, foi criada a *Aryan Nations Academy*, trazendo para si uma considerável quantidade de *skinheads*.

Até hoje considerada uma das mais proeminentes células neofascistas dos EUA, a *AN* surgiu como aliança pela identidade cristã branca e incorporou temas do nazismo. Boa parte de seus militantes possuía ligações com outros grupos supremacistas e neonazistas do país, além da fervorosa adoração a Butler, fundador e presidente da organização e a Adolf Hitler, fatores que expõem a aproximação de sua ideologia com o nazismo. A força da *AN* foi tão significativa nos EUA que sua atuação, bem como notícias relacionadas a crimes de ódio protagonizados por seus membros, fizeram parte de um relatório do FBI desenvolvido entre 1984 e 1986, ao qual tivemos acesso²⁹. A banda *Bound for Glory* era uma das suas afiliadas, importante agente de recrutamento político e de aproximação com os jovens.

Já em Chicago havia a presença dos *CASH (Chicago Area Skinheads)*, que em 1989 protagonizaram manchetes de jornal em decorrência de ataques violentos a comunidades hispânicas da região, além de atentados a estabelecimentos comerciais de propriedade de judeus. Em um dos casos, Clark Martell, líder do grupo, foi acusado de invadir, junto com vários companheiros, a casa de um ex-membro que abandonou o movimento por mudanças ideológicas, espancando-o e depois usando seu sangue para desenhar suásticas nas paredes, de acordo com policiais locais que estavam na cena do crime³⁰. Apesar disso, a vítima sobreviveu ao espancamento.

Um outro relatório da *ADL*³¹ alega que em 1986 já havia a presença da *AC Skins*, organização de *skinheads* neofascistas que atuava nas ruas e nas prisões de Nova Jersey. A sigla “AC” se refere a Atlantic City, cidade que pertence a esse estado e de onde surge uma das bandas sobre as quais nos debruçaremos, a *Chaos 88*. Nos agradecimentos que ilustram a contracapa de seu álbum lançado em 1998, intitulado *Welcome to Atlantic City*, os primeiros a serem agradecidos são os *AC Skins*. O nome da

²⁹ FEDERAL Bureau of Investigation. **Subject Aryan Nations**. EUA: Federal Bureau of Investigation, 1983.

³⁰ Ver “Chicago Tribune - War of the skinheads” – Disponível em <http://articles.chicagotribune.com/1989-05-11/features/8904110718_1_neo-nazi-skinheads-anti-racist-action-ara-members>. Último acesso em 30 de novembro de 2015, às 20h35.

³¹ Ver “Racist skinhead project” – <Disponível em http://archive.adl.org/racist_skinheads/states/new_jersey.html>. Acesso em 30 de novembro de 2015, às 20h45.

banda faz menção a um tradicional código entre os *skinheads* neofascistas: o número 88 substitui a oitava letra do alfabeto repetida, portanto “H.H.”, em referência à saudação nazista “Heil, Hitler” (SALAS, 2006).

Os anos 1990 presenciaram um crescente número de bandas estadunidenses, ao passo em que outras organizações neofascistas de grandes proporções surgiam, como é o caso da *Hammerskin Nation* (HN). A ideia era unir as facções do movimento *Hammerskin* e dar-lhes maior visibilidade, o que fez com que essa se tornasse a maior força entre os *skinheads* neofascistas dos EUA naquela década (POTOK, 2012). A já mencionada *Chaos 88*, no citado disco, assim como outra banda sobre a qual nos deteremos, a *The Voice*, em 1993, no disco *Verdunkeln*, agradecem a grupos da *Hammerskins* de diferentes partes do país nos seus materiais.

A unidade entre os *skinheads* neofascistas estadunidenses é evidente e se comprova em seu material gráfico, bem como em seus *websites*. As bandas acima referidas expõem seu apoio a grupos não do Sul ou do Norte, mas de todo o país, não havendo exclusões regionais específicas, o que comprova também suas noções de homogeneidade. A HN, por exemplo, possui células espalhadas por todo o país, sem qualquer distinção regional específica. Isso nos mostra o nível de busca pela unidade em termos de nação, o que se ausenta em muito no caso brasileiro graças a questões históricas sobre as quais discorreremos mais tarde.

Essa unidade se baseia em percepções particulares sobre como deve ser sua civilização, tendo como norteador um modelo claro. Essa ideia de civilização que permeia a ideologia neofascista estadunidense é a mesma que “emergiu no interior da cultura europeia e ocidental como um esforço para definir o ‘nós’ em oposição ao ‘eles’”. Depois de 1945, com o fim da Segunda Guerra Mundial, os EUA aparecem como “defensores da Europa Ocidental”, fazendo com que o conceito de Ocidente ressurgisse e ganhasse força, obtendo um viés “político-ideológico e também de desenvolvimento econômico” (BERTONHA, 2014, p. 181), o que poderia afastar também, além dos países do mundo árabe, o Brasil e outros países latino-americanos desse perfil.

O crescimento de organizações como a HN, que defendem um modelo de civilização que se opõe a outros por distinções étnicas e culturais, se apoiou sobremaneira, além da cooperação de seus militantes, na popularização e domesticação

da Internet como meio de comunicação privado. Isso ocorreu de forma mais consistente em 1995, pouco depois do surgimento da *HN*, que possui em seu *website*³² um meio de concentração e difusão de suas ideias. A própria iniciativa de aglutinar as células nacionais em torno de um centro partiu da facilidade possibilitada pela Internet para tal fim. Segundo Dilton Maynard (2012), a “rede mundial de computadores” se consolidou como negócio privado em meados daquela década, sendo necessário também considerar:

o impulso político que a rede ganhou com a ascensão de Bill Clinton à presidência dos EUA (...) Derrotando o então presidente George Bush (*Senior*), Clinton incluiu a popularização da Internet como uma das suas plataformas de campanha (MAYNARD, 2012, p. 33).

Os EUA desenvolveram com maior força e mais rapidamente a domesticação da Internet nos anos 1990, um meio de comunicação do qual movimentos neofascistas desfrutaram para hospedar *websites* com grande quantidade de materiais de divulgação política, além de um ambiente por meio do qual a difusão do *Hate Rock* se tornou mais ágil. Além de lojas voltadas para o gênero – a exemplo da NS88³³, fundada em 1994, concentrada na venda de CDs e DVDs -, a possibilidade de disponibilizar álbuns inteiros para *download*, incluindo seu material gráfico, tornou o *Hate Rock* conectado mundialmente. O mesmo processo ocorrido com a *HN* foi empreendido pelo *Blood & Honour* com a ajuda da Internet.

Maynard (2012) afirma ainda que essa mudança pela qual passou a Internet, de meio informacional militar para meio informacional doméstico, “coincidiu com um amplo conjunto de transformações no mundo Ocidental, entre as quais se destacam: a reunificação alemã, a queda do Muro de Berlin e a desagregação da União Soviética” (2012, p. 70). Tais acontecimentos deram aos EUA *status* de potência mundial incontestável em múltiplos âmbitos, o que fortaleceu disputas internas pela afirmação dessa potência por meio de debates políticos que abarcavam o anticomunismo, a identidade estadunidense, sua cultura e sua “raça”. Assim, “nessa concepção da rede como ambiente privilegiado às manifestações políticas, também os grupos de extrema-

³² Ver “Hammerskin Nation” – Disponível em <<http://www.hammerskins.net/>>. Último acesso em 01 de dezembro de 2015, às 14h15.

³³ Ver “NS88 Videos” – Disponível em <<http://ns88.com/>>. Último acesso em 01 de dezembro de 2015, às 14h55.

direita encontraram as brechas para se fortalecerem” (MAYNARD, 2012, p. 72) e disseminarem seus discursos.

Enquanto a Internet caminhava para se tornar o meio de comunicação mais utilizado no mundo, o *Hate Rock* estadunidense ganhava novas bandas e novos espaços para crescerem e se espalharem. Na primeira década do século XXI, a organização de eventos dedicados ao gênero ganhou um apoio sistemático da Internet, a exemplo do *Nordic Fest*, realizado em 2000 pela *Imperial Klans of America*³⁴, com a colaboração da gravadora *Panzerfaust Records*. A divulgação desse festival de música neofascista, que antes ocorria por meios informais, com o uso de panfletos e do boca-a-boca, foi otimizado pela internet. Aqueles que desejavam participar encontravam no *website* oficial do evento³⁵ informações sobre albergues, ingressos e localização.

Assim, o *Hate Rock* e os neofascismos estadunidenses cresceram, entre as duas décadas que separam o último século do atual, sob a força da Internet e o empenho de grupos organizados principalmente em torno de ideologias racistas, obtendo o neonazismo como ideologia predileta. A tradicional presença de movimentos sistematizados na política do país fez com que a produção musical, assim como as manifestações populares a favor dos neofascismos, fosse grande. Vale ressaltar que “nos Estados Unidos as leis são muito mais condescendentes com os neonazis do que no Brasil, convertendo esse país em um paraíso para os cabeças raspadas” (SALAS, 2006, p. 138), pois a liberdade de expressão, garantida pela Primeira Emenda Constitucional, protege até mesmo os discursos políticos neofascistas.

1.6. – *Hate Rock* e política: A história a serviço do ódio

Não há em todos os países brechas constitucionais que possibilitem discursos neofascistas serem proferidos abertamente. No Brasil, bem como em muitos outros países das Américas, eles são vigorosamente combatidos. Tomemos como exemplo o caso argentino, mencionado pelo jornalista Raúl Kollmann. Ele explora o universo no qual os concertos de *Hate Rock* são, de modo geral, realizados no país: casas muito

³⁴ É uma organização racista estadunidense tributária à Ku Klux Klan cujos membros formam uma espécie de milícia. Fundada por Ron Edwards, se autodenomina a “sexta geração da Ku Klux Klan” e seus líderes já foram obrigados a prestar contas à justiça diversas vezes por crimes de ódio (POTOK, 2012).

³⁵ Ver “Nordic Fest 2000 – Powderly, KY” – Disponível em <<http://kkkk.net/nf00/index.html>>. Último acesso em 01 de dezembro de 2015, às 18h15.

pequenas, com pouca capacidade de público, situadas em regiões afastadas e fortemente fiscalizadas por militantes neofascistas, a fim de que a audiência seja composta por iguais. No caso de um show da banda “Ultrasur”, ele comenta que os temas tratados nas letras são tão racistas que os integrantes da banda sabem que poderiam ser processados por violarem a “Lei Antidiscriminatória” se cantadas abertamente (KOLLMANN, 2001).

Leis que restringem a expressão daquilo que as bandas consideram como essencial, revertendo seus discursos e fazendo com que se apresentem como reprimidas por um sistema dominado por forças políticas opostas às suas, podem servir de motivação para estabelecer uma imagem de vítima por parte dos neofascistas que as integram, bem como do público que as consome (JACKSON, 2012). Já nos anos 1960, a música passou a ter uma chamada minoria ativa entre os consumidores, sobretudo por meio da música *pop* e do *rock*, que questionava e repensava os valores estabelecidos pelas sociedades burguesas (NAPOLITANO, 2002). Esse perfil, quando do surgimento do *Hate Rock*, agregou a ele características de rebeldia e resistência, ainda que sua postura fosse explicitamente neofascista.

O *rock*, apesar de ter sido fundado nos guetos negros dos EUA nos anos 1950, se metamorfoseou de diversas formas ao passo em que seu alcance aumentou. Sua apropriação por bandas neofascistas ocorreu por meio de argumentos que se empenhavam em afastar o gênero da cultura negra, segundo os quais as músicas africanas jamais teriam se convertido em tal formato se não fosse pela interferência da cultura anglo-saxã estadunidense. Segundo a perspectiva expressa por expoentes do pensamento neofascista, o *jazz* e o *blues*, que originaram o *rock*, nada teriam a ver com ritmos africanos e apenas foram possíveis graças à atmosfera social criada pelos estadunidenses brancos (LEBOURG; SISTACH, 2012).

É igualmente importante ressaltar que até as primeiras bandas do *Hate Rock* serem criadas, o *rock* já havia sofrido mutações importantes. Nos anos 1960, como já mencionado, a *psicodelia* e a *extravagância musical* deram a ele uma forma mais complexa e distante de suas bases. Havia se convertido também em arma de protesto contra a Guerra do Vietnã e conta os abusos de poder estadunidenses nas suas incursões intervencionistas. Na Inglaterra, ganhou características próprias e formatos que se adequavam à indústria e à cultura musical do país. Nos anos 1970, o *punk* vinha para destruir tudo que havia sido pretendido antes com o *rock* e o reconstruir sob a luz penumbrosa dos becos novaiorquinos. Inegavelmente, essas transformações foram

realizadas por empreendimentos que partiam de cosmovisões etnicamente brancas sobre a música e os usos do rock. No entanto, tirar a identidade e a visão de mundo dos negros inseridas no rock é também um esforço racista.

Desse modo, a reelaboração da história pretendida nas letras de músicas do *Hate Rock* segue os mesmos princípios norteadores. Buscam mostrar que o empoderamento político neoliberal, judeu, comunista ou de qualquer outro tipo, a depender de sua escolha variada de inimigos, impede o exercício de sua liberdade de expressão. No entanto, como é possível haver liberdade em expressões que incidem diretamente sobre a destruição do outro, eliminando, inclusive, seu direito à liberdade? Propõem então que esses inimigos são, na verdade, os que estão dotados de ódio contra os homens e contra a nação à qual eles pertencem.

Em outros casos, como no dos EUA, isso se converte em luta pela resistência. Pressupondo, segundo suas interpretações, que a nação tem sido invadida e um dos seus maiores lastros, a “raça” branca, está sendo impedida de ter seu controle hegemônico, conferem aos governos e às populações civis a responsabilidade de serem permissivos. Logo, definem que aquela nação pode apenas progredir ou se manter por meio de um domínio branco. Sublinham a importância de se respeitar os preceitos ideológicos e culturais estadunidenses, elaboradas desde a sua fundação, obviamente filtrados por essa visão neofascista de mundo.

Robert O. Paxton é enfático ao dizer que “os fascistas necessitam de um inimigo demonizado contra o qual mobilizar seus seguidores”, informando que “o inimigo não tem necessariamente que ser judeu”, pois “cada cultura especifica seu próprio inimigo nacional”. O autor reforça ainda que “os fascistas americanos demonizaram os negros e, algumas vezes, os católicos, além dos judeus” (PAXTON, 2007, p. 72), haja vista que sua composição étnica e religiosa tem bases na genealogia europeia branca e no cristianismo protestante. Portanto, os fascismos se adaptam no tempo presente por meio de intervenções humanas em consonância com o terreno no qual atuam, com o propósito de buscarem meios para usá-los.

De acordo com Bertram Gross (1980), a ideia de que os fascismos do presente se distinguem dos fascismos clássicos deve nos alertar para o fato de que aqueles que buscarem as referências tradicionais em suas características (simbologia, uniformização, etc.), podem perder de vista as verdadeiras características fascistas presentes em partidos e movimentos. Ele comenta ainda que os fascismos serão diferentes também em cada região, o que, mais do que no passado, nos mostra que os neofascismos estão

sim diretamente associados aos contextos nos quais são exercidos. Essa afirmação, no entanto, não é completamente correta.

Ao falar sobre fascismos do presente, o autor se refere àqueles que disputam o poder formal e travam confrontos em uma zona que negocia diretamente com as instituições. Logo, ele se refere aos partidos e movimentos políticos “oficiais”, capazes de transformar legalmente o Estado em favor de suas agendas. Não é desse tipo de política que desejamos tratar, embora ele seja fundamental em alguns momentos, dada a relação próxima entre tais partidos e movimentos de *skinheads* representados pelo *Hate Rock*. Esse gênero é uma das formas de exercer um discurso político fascista no tempo presente. Logo, torna-se necessário pensarmos sob novos conceitos de história política.

Sobre isto, René Remond (1996) nos conduz a um debate a respeito de novas possibilidades de pensar a história política. Embora o autor afirme que a história política vem ganhando nova importância como campo do conhecimento, depois de ser duramente criticada, ela nunca deixou de ser, a não ser para certa visão que prosperou nos Annales. No mundo anglo-saxão, por exemplo, a história política manteve a sua força durante todo o período mencionado por Rémond. Mesmo na França houve uma pujante produção no campo da história política no período indicado pelo autor. Apesar disso, ele ressalta que, atualmente, a história política segue o curso de “uma história que pretende integrar todos os atores – mesmo os mais modestos – do jogo político, e que se atribui como objeto a sociedade global” (REMOND, 1996, p. 33). Nesse caso, devemos nos voltar para o exemplo do *Combat 18*³⁶ e sua associação política e posterior independência como um bom exemplo.

A *Combat 18*, reconhecida organização paramilitar neonazista britânica e essencialmente formada por jovens *skinheads*, era controlada pelo *BNP* nos anos 1990 e lhe servia como força braçal e guarda-costas. Essa organização, que acabou se tornando independente do *BNP* e criticou sua abordagem política “moderada”, preferiu praticar outro tipo de política, mais civil e voltada para a violência contra seus “inimigos raciais”. Convocaram indivíduos a deixarem o *BNP* e juntarem-se ao *Combat 18*, ou ajudá-los a derrubar o partido e tomá-lo. Acabou criando, em 1994, sua própria ala política: a *National Socialist Alliance* (COPSEY, 2004). A ação política era agora desassociada de um partido e mantida por um agrupamento civil. Ao que parece, é uma

³⁶ Assim como o 88, o 18 faz referência à simbologia nazista: o 1 representa a letra A, enquanto o 8 a letra H, em alusão às iniciais de Adolf Hitler.

marca comum entre os *skinheads* deixarem de acompanhar partidos políticos por estes tronarem-se “moderados” a fim de buscar legitimidade.

O mesmo ocorreu entre a *Skrewdriver* de Ian Stuart Donaldson e o *NF*. Isso teria sido motivado, em parte, pelo pouco retorno que a banda recebia em troca da cooptação de jovens *skinheads* para o movimento, apesar da excessiva quantidade de shows que realizavam para campanhas da ala jovem do *NF*. Ao mesmo tempo, a cisão ocorreu graças a intervenções do *NF* feitas nas músicas da banda a fim de diminuir os discursos neonazistas explícitos em face das preocupações do partido em ganhar posição no *mainstream* político britânico, o que não seria conquistado apoiando agendas e bandas neonazistas de maneira aberta (SALAS, 2006). O *Blood & Honour* surgiu, então, como uma voz independente do movimento de resistência da extrema-direita (DAMASCENO, 2012), empenhado em fazer política por meio da música.

O *Hate Rock* se propõe, desde sua gênese, a ser um instrumento político de movimentos civis neofascistas dos mais diversos tipos. Por isso é capaz de nos mostrar como, nas duas últimas décadas, os neofascismos foram moldados a diferentes realidades, se transformando e mantendo discursos comuns. Ele nos fornece um campo de construções históricas e redefinições ideológicas com fins específicos. João Fábio Bertonha comenta que:

É fácil imaginar que militantes desses (...) grupos possam se unir para atos de violência contra punks, homossexuais ou outros inimigos comuns. Mas a tensão de base, entre duas concepções diversas de mundo, está presente e é uma reelaboração da mesma tensão entre varias concepções de fascismo (matriz italiana/matriz alemã) e entre solidariedade ideológica e competição nacionalista que houve na era do fascismo clássico (BERTONHA, 2012, p. 148).

Os militantes neofascistas não são homogêneos, embora possuam concepções de mundo comuns. A forma com a qual lidam com suas ideologias depende do espaço que habitam e da cultura política que possuem. Essa “cultura difusa se exprime por um sistema de referências em que se reconhecem todos os membros de uma mesma família política, lembranças históricas comuns, heróis consagrados, documentos fundamentais” (BERNSTEIN, 1996, p. 88), entre outros elementos. Resumidamente, ela é “a linguagem comum simplificada (da qual o rito é a forma mais sumária) dos membros de uma formação, que desse modo fazem profissão de ideologia sem precisar necessariamente exprimi-la explicitamente”, havendo, apesar disso, “a certeza de serem

facilmente compreendidos por todos os membros do grupo” (BERNSTEIN, 1996, p. 89).

Dessa forma, entender a cultura política de um povo seria buscar “a explicação do comportamento político dos indivíduos”, destacando “como os valores culturais são componentes endógenos da tomada de decisão” (BORBA, 2005, p. 151). No caso do Brasil, podemos pensar que os dois regimes autoritários existentes desde a proclamação da república (1937-1945 e 1964-1985) “foram fortemente racionalizados e legitimados por argumentos de inspiração tecnocrática, fazendo com que a organização do aparelho de Estado fosse fortemente estruturada por essas ideias”, aliadas à “promoção de um forte desprestígio das instituições políticas constituintes da democracia” (BORBA, 2005, p. 163). A institucionalização dessas ideias foi possível somente com a presença de uma cultura política autoritária, fornecida pela intervenção do Estado frente à pouca instrução política democrática brasileira durante anos.

Nos EUA, podemos pensar que as ideias fundadas pela crença no “Destino Manifesto” são partes constituintes da cultura estadunidense, ainda que hoje suas razões de existência possam ter arrefecido socialmente. O fato é que na longa história das relações entre os EUA e a América, as intervenções do primeiro em relação à segunda foram politicamente aceitas graças a consensos que permitissem isso. Ainda que não possamos generalizar, é fato que tais concepções históricas, concebidas em meio a disputas políticas pelo poder, teve um respaldo social que só foi possível quando os membros de um grupo nacional as compreendessem (FICHOU, 1990). Talvez entre os anos 1990 e 2010 o “Destino Manifesto” não tenha sido fundamental para as relações políticas dos EUA da mesma forma que no passado. Porém, conhecê-lo nos explica os consensos sociais estadunidenses em relação à sua posição no mundo. Nos explica também como as incursões estadunidenses contra seus inimigos em violação à soberania territorial de diferentes nações são amplamente aceitas por seus cidadãos.

Esses inimigos são estabelecidos pelos neofascistas diante da perda da hegemonia de cada cultura política, seja brasileira ou estadunidense, e muitas vezes serão os mesmos inimigos do Estado. Ao mesmo tempo em que inimigos nacionais semelhantes serão apontados, outros muito distintos serão estabelecidos. Como já exemplificamos, os neofascistas estadunidenses podem odiar os latino-americanos que anualmente chegam aos EUA em busca de oportunidades. Os neofascistas brasileiros, como latino-americanos, poderiam ser alvo do ódio estadunidense. Entre os neofascistas brasileiros é possível ver uma reação ao imperialismo estadunidense na região, como

forma de exaltar a luta nacional e definir outro tipo de inimigo. Tais contradições são resultado das tensões provocadas pela passagem dos fascismos pelo tempo, sob os cuidados de mãos e mentes humanas.

As ideologias fascistas que se materializam em composições de bandas do *Hate Rock* na Alemanha ou na Itália são diferentes daquelas compostas por brasileiros e estadunidenses. Embora os contextos e os territórios sejam diferentes, nos interessa acompanhar como os discursos foram ainda assim construídos com sentidos e objetivos muito próximos, procurando meios para serem executados.

O Brasil e os EUA dos anos 1990 a 2010 estavam muito distantes da Itália e da Alemanha do início do século XX, mas os neofascismos atuaram vigorosamente nos dois terrenos, protagonizando atos de violência e crimes de ódio. Como os neofascistas estadunidenses e brasileiros do tempo presente idealizaram politicamente suas sociedades e como utilizaram o *Hate Rock* como ferramenta para alcançar seus objetivos de pressão social? A resposta a essa pergunta nos leva a uma compreensão sobre a história dos neofascismos nos dois países contada pelo *Hate Rock* e seus discursos. Como os neofascismos são construídos de forma distinta e semelhante em contextos diversos e particulares, mas compartilhados por países com longas relações políticas, nos mostra como sua existência é peculiar ao tempo no qual é criado, ao vermos suas rupturas, mas dialoga com o passado por meio de suas permanências. Antes de chegarmos até aí, nos debruçaremos sobre os agentes responsáveis por esses processos.

CAPÍTULO 2 – O PAPEL DO *HATE ROCK* E DE SEUS AGENTES HISTÓRICOS NA CONSTRUÇÃO DOS NEOFASCISMOS NO BRASIL E NOS ESTADOS UNIDOS

Tanto a esquerda quanto a direita vêm tentando usar e abusar dos skinheads, com mais ou menos sucesso, a tal ponto que hoje em dia os extremismos impregnaram no movimento como um chulé dentro do coturno.

George Marshall

Esse capítulo se deterá sobre as construções históricas que *skinheads*, os militantes neofascistas executores e consumidores do *Hate Rock*, fazem sobre os fascismos, sobre si mesmos e sobre os movimentos que compõem. Veremos como os militantes e os líderes dos fascismos clássicos são referências para ações no presente. A música é um dos meios pelos quais os neofascistas reforçam sua identidade estabelecendo essa relação, supondo serem guerreiros dispostos a tudo para salvar a nação como eram os fascistas no início do século XX.

Primeiramente, tecemos algumas considerações a respeito dessas possíveis comparações entre os militantes neofascistas do presente e aqueles que formavam as linhas de frente dos fascismos históricos, politicamente organizados em movimentos civis. Essas comparações foram possíveis pelo próprio recurso ao uso dos símbolos do passado pelos militantes neofascistas de hoje, não apenas a fim de manterem uma continuidade, sugerindo que o passado não ruiu, mas também para reverterem valores e comportamentos de seu tempo.

Em seguida, mostraremos como essa relação com o passado sofre a interferência direta do presente na construção histórica que os próprios *skinheads* neofascistas fazem de si mesmos, inclusive do olhar que tecem sobre o passado. Ao mesmo tempo, penetramos nas nuances que envolvem, a partir disso, suas “comunidades imaginadas”³⁷, ou seja, aqueles que podem ou não, de acordo com os denominadores comuns que estabelecem para além das ideologias políticas, os que fazem parte do “nós” em detrimento dos “outros”, daqueles que são excluídos.

³⁷ Não negamos a materialidade desses movimentos, sobretudo por sabermos que eles agem politicamente e, muitas vezes, são responsáveis por ações diretas semelhantes às de organizações paramilitares, ou, de forma mais modesta, às de organizações criminosas. Esse termo, usado por Áron Szele (2012), remete à forma como esses indivíduos se imaginam em comunidade.

Destacamos, dessa forma, a visão que os *skinheads* construíram sobre si mesmos no interior dos movimentos neofascistas pelos quais militaram, sobretudo se contrapondo à imagem difundida pelos grandes meios de comunicação, bem como à postura menos radical dos partidos políticos. Nesse sentido, veremos como os discursos sugerem que os *skinheads* são marginalizados, bem como suas ideologias, em decorrência de lutas políticas, de um esforço de seus “inimigos” em destruí-los publicamente.

A partir dessa perspectiva, os *skinheads* neofascistas se vitimizam e buscam meios discursivos para atestarem que são, ao invés de provocadores de tensões sociais, os agentes que buscam encerrá-las. Dessa forma acabam se colocando como integrantes de movimentos sociais organizados, o que contestaremos partindo de ponderações a respeito de como tais movimentos são conceituados, nos atentando a debates que inviabilizam qualquer classificação desse tipo, mesmo que possamos afirmar a existência de movimentos sociais de direita. No entanto, mostraremos como as idealizações políticas desses movimentos caminham na contramão dessa conceituação.

2.1. – *Skinheads* entre o passado e o presente: raízes culturais e infiltrações neofascistas

Os violentos conflitos urbanos entre jovens fascistas e comunistas no período entreguerras, ambos disputando espaço nas sociedades italiana e alemã, eram tão numerosos quanto favoráveis à propaganda dos primeiros em detrimento dos segundos. As *Sturmabteilung* (SA) nazistas tinham seu próprio hino, a *Horst Wessel Lied*, que versava: “A bandeira ao alto, as fileiras serradas/As SA marcham em firme e corajoso passo/Camaradas que a frente vermelha e os reacionários fuzilaram/Marcham em espírito nas nossas fileiras” (ROSENHAFT, 1983). A menção a uma “frente vermelha” aludia aos comunistas acusados de matar companheiros nazistas, o que provocava a ira dos adversários. A música identificava as SA e se manifestava contra seus opositores.

O papel das SA durante a campanha nazista para chegar ao poder correspondia não ao de uma tropa organizada, mas ao de um dispositivo paramilitar de desestabilização sócio-política cuja utilidade teve vida curta. Sua razão de ser era a força bruta com a qual atacava os opositores do nazismo a fim de intimidá-los, abrindo alas para a concretização da chegada de Adolf Hitler ao poder. Tiveram papel semelhante os *squadristi* italianos, cujo objetivo era o mesmo. A linha de frente desses

movimentos, considerados, a princípio, essenciais para os líderes fascistas até serem, mais tarde, deixados de lado, era composta majoritariamente por jovens ávidos pelo combate urbano. Este combate era idealizado como uma guerra, sob o espectro de um conflito militar mundial recém encerrado (BESSEL, 1984).

Embora Robert O. Paxton afirme que os *skinheads* “só poderiam se tornar equivalentes funcionais da SA de Hitler ou dos *squadristi* de Mussolini se conseguissem conquistar apoio, em vez de repulsa”, sendo necessário, para tanto, que “elementos importantes da elite conservadora começassem a cultivá-los, ou mesmo tolerá-los como armas a serem usadas contra algum inimigo interno” (2007, p. 288), não podemos negar a importância desses movimentos para os neofascismos. Também não podemos ignorar a aproximação desses com os militantes do passado nos quais se inspiram. Afinal, foram os *skinheads* os aliados jovens para o erguimento de uma nova política de Estado na Europa dos primeiros anos do século XX. Sua violência era praticada contra os opositores das políticas que defendiam e contra os “inimigos” determinados por elas. Ao mesmo tempo, os militantes de hoje possuem também um papel marginal no terreno ao qual pertencem, pois são empurrados do centro pelos políticos que, em campanha, tentam mascarar suas ideologias.

Os *skinheads* são os principais agentes de reconstrução dessas ideias diante de meios sócio-políticos atuais e de disputas por espaço entre outros movimentos políticos. Uma vez que não são plenamente aceitos na esfera política estatal, atuam politicamente fazendo uso de outros meios pelos quais se imaginam diferentes (e por vezes melhores) do que os políticos engravatados, sobretudo por exibirem mais abertamente convicções ideológicas fascistas. Não podemos, claro, tratá-los como cópias dos militantes do passado, pois certamente podemos cair no anacronismo. No entanto, é inegável que os *skinheads* trazem consigo a tentativa de se assemelharem a tais símbolos dos fascismos históricos, bem como de negarem os fascismos moderados adotados por partidos políticos aos quais muitas vezes se associam a princípio.

Essa rejeição a tais partidos está no fato de os *skinheads* assumirem abertamente a posição do ódio ao outro, coluna vertebral dos fascismos, sempre em nome da “salvação nacional” e recorrendo aos símbolos fascistas. São os protagonistas de um sem número de atos de violência urbana contra seus inimigos, levando a cabo o ódio dos fascismos históricos e reproduzido nos dias de hoje sob a luz de contextos próprios nos quais tentam “agir fascisticamente” (TEIXEIRA DA SILVA, 2013), sem romper por completo com o passado. Não vemos com frequência os políticos que dependem do

eleitorado protagonizando com tanta frequência cenas de violência urbana. Os *skinheads* assumem esse papel porque essa violência é resultado de uma forte idealização política e de uma significativa necessidade de difusão da mesma. Atrelado a isso está o tradicional culto fascista à guerra, à luta, à ideia de que há sempre um inimigo a ser exterminado para que os mais fortes e “puros” sobrevivam, os “herdeiros” dos bens nacionais.

Esses *skinheads* fazem parte de uma comunidade imaginada, que coexiste com a comunidade geral e sobre ela atua de dentro para fora, na tentativa de modificá-la. É uma comunidade de dentro para fora, que lhes serve como modelo para o entorno social que maldizem, devendo esse ser transformado para se aproximar do que desejam. Cada comunidade imaginada “existente em sociedades modernas desenvolveram seu próprio estilo musical, hinos, marchas, etc. Os neofascismos são uma das várias tendências culturais que adotaram esse padrão geral” (SZELE, 2012, p. 57). O *Hate Rock* cumpre esse objetivo, tornando-se um lugar de conhecimento no qual podemos ver com clareza a expressão de seus sentimentos como um tipo de comunidade imaginada e as identidades que buscam constituir historicamente. Por mais diferentes que sejam os *skinheads* neofascistas de cada território, há sempre a presença de visões comuns que os conectam a raízes históricas.

Essas visões comuns permitem uma socialização que se fortalece em meio ao compartilhamento do gosto pela música, pelas ideologias e pela participação em eventos musicais nos quais o público experimenta um senso grupal exclusivo. Isso implica um distanciamento em relação aos grupos externos, intensificado pelo componente emocional da música. Um componente que se mostra fundamental para estabelecer suas identidades e mobilizar os militantes, além de alcançar os novos (PIEROBON, 2012). As identidades são criadas tendo o passado como referência, mas seu processo de criação está impregnado com o presente. Ainda que essas bandas tenham uma “tendência a acreditar que suas ideologias são continuações diretas das correntes de pensamentos do período entreguerras” (SZELE, 2012, p. 68), estão ancoradas no presente ao qual pertencem e passaram por diferentes processos de transformação.

Ao mesmo tempo em que se unem em suas próprias comunidades, se distanciam de outras também formadas por *skinheads* em razão dessas não compartilharem de seus elementos particularizantes. Se há entre elas a busca por uma homogeneidade cada vez maior internamente, no âmbito externo há menos laços do que podemos imaginar. Fora as peculiaridades locais que podem distinguí-las, há também visões para além das

fronteiras nacionais que discordam quanto à legitimidade dos *skinheads* de um país qualquer justamente por estarem atrelados a uma nação ou comunidade que outros desprezam.

Há entre os neofascistas da Europa Ocidental uma noção compartilhada de que etnicamente seus povos possuem afinidades que os aproximam. Não é incomum vermos discursos entre as músicas do *Hate Rock* que evocam um “despertar” da Europa, não apenas de um país específico. A própria *Skrewdriver*, que mencionamos no capítulo anterior, lançou em 1984 a música *Europe Awake* (“despertar da Europa”), na qual questiona: “Europa, o que eles precisam fazer para que você volte à vida?/O que houve com a herança que era sua e minha?”³⁸. Essa noção aproxima os neofascistas europeus e os afasta dos que são provenientes de outras regiões do mundo. Por exemplo, algumas bandas de *Hate Rock* espanholas “compunham canções criticando a presença de africanos e sul americanos, oriundos de suas ex-colônias” (ALMEIDA, 2013, p. 06), na Espanha. Por não estarem inseridos nessa noção de proximidade étnica e histórica com os espanhóis, os neofascistas sul americanos (incluindo os brasileiros) não seriam considerados.

Além disso, é mister ressaltar que nem todos os *skinheads* são neofascistas, ainda que, desde as suas raízes, tenham adotado posturas chauvinistas e violentas contra grupos sociais dos mais distintos. Embora no final dos anos 1970 tanto a esquerda quanto a direita tenham buscado nesses jovens apoio político, sempre tendo em vista sua origem operária, os *skinheads* estão frequentemente atrelados à extrema-direita e os que verdadeiramente fazem parte dela buscam uma distinção intensa em relação aos que se distanciam dela (MARSHALL, 1993). Essa busca é também uma ação balizada pela construção histórica que os neofascistas mantem.

Os *skinheads* que criam, executam e consomem o *Hate Rock* atribuem valores a uma série de características nas quais buscam se reconhecer, em meio a movimentos nos quais não há a presença de um líder carismático. Entre mitos e saudosismos a respeito dos fascismos históricos, delimitam quem são ou como devem ser os militantes que atuam hoje em nome de causas neofascistas. Enquanto narram seu cotidiano, suas aspirações políticas e valorizam seus movimentos, exibem suas estruturas e as nuances dos próprios processos históricos dos quais são os principais agentes.

³⁸ SKREWDRIVER. Europe awake. In: **Hail the new dawn**. Germany: Rock-O-Rama, 1984, Faixa 09. 01 MP3.

2.2- “Fortes de corpo e puros de mente”: A construção do agente histórico e dos “guerreiros” neofascistas por eles mesmos

A identidade dos *skinheads* neofascistas do presente tem como pedra fundamental a imagem dos militantes do passado. Trouxeram de lá um esqueleto sobre o qual foram inseridas partes que, do âmago à epiderme, se distanciaram cada vez mais do passado ao qual se voltam. Se por um lado permaneceu a adoração aos símbolos fascistas e à sua política em si, pela qual estão dispostos a dar a vida como “guerreiros”, as razões para isso, por outro lado, mudaram tanto quanto a imagem estética desses agentes. O *Hate Rock* é o terreno no qual se revestem de sua identidade e pelo qual nos permite perceber essas mudanças; exaltando a si mesmos como os salvadores das suas nações, definem e delimitam seus parceiros e inimigos, modos de comportamento e posicionamentos históricos. Os *skinheads*, por meio da música, contaram sua própria história cercada de suas concepções políticas.

Nosso primeiro exemplo de autodescrição vem de 1995. A banda brasileira “Defesa Armada”, formada em São Paulo, possui dois discos lançados em menos de três anos. O primeiro, “São Paulo Paulista”, é de onde vem a música “Nacionalistas verdadeiros”. Examinemos o seu conteúdo:

Nós somos odiados
 Temidos e perseguidos
 Pelos nossos valores
 O nosso orgulho moral
 Somos os bravos guerreiros
 Iremos marchar pelas ruas
 Queremos o fim da censura
 Liberdade de expressão

Nosso povo paulista
 Vivemos em busca da paz
 Porém, os povos de longe
 Vieram aqui provocar
 Está chegando a hora
 Do nosso povo paulista
 Ficar um pouco distante
 Dos seus inimigos mortais³⁹

³⁹ DEFESA Armada. Nacionalistas verdadeiros. In: **São Paulo Paulista**. São Paulo: Independente, 1995. Faixa 06. 01 CD.

Ricardo Ampudia (2006, p. 07), em seu trabalho jornalístico de mapeamento dos grupos *skinheads* do Paraná, nos traz um excerto do *fanzine* “Consciência Oi!”, de São Paulo, no qual a reputação dos *skinheads* enfatizada pela letra acima mencionada é posta: “Odiados e orgulhosos, pelo nosso Brasil, nossa soberania”. A reputação de odiados que os envolveu, nomeadamente aquela atribuída com frequência pela mídia, foi apropriada pela banda e transformada em sinônimo de perseguição. Afinal, teriam assim sido nomeados pelos seus valores incompatíveis com os da sociedade que buscavam transformar politicamente. Colocaram-se, então, como guerreiros mal compreendidos dispostos a “marchar pelas ruas” pelo “fim da censura” e em nome da “liberdade de expressão”. E sendo odiados por isso, sentiam-se orgulhosos por serem diferentes dos outros.

A “censura” que buscaram encerrar, num momento em que o Brasil vivia a consolidação de sua redemocratização sob bases políticas neoliberais, era a que não lhes permitia agir explicitamente como defensores de políticas repressoras, cujas diretrizes ideológicas se pautam no ódio contra o “outro”. Se nos voltarmos à música, veremos que os membros da banda, apesar de nomearem-se “guerreiros”, supostamente desejavam a paz que da perspectiva deles haveria sido abalada pelos “povos de longe”. A escala da nação foi reduzida para servir à “defesa” de um território específico do país, no qual haveria uma comunidade muito distinta. E os meios para isso estariam sendo restringidos por políticas que os reprimem. Portanto, seriam guerreiros nacionais aprisionados a sistemas desfavoráveis.

Essa lógica passa pelo chamado nacionalismo territorial ou nacionalismo étnico, quando “grupos que rejeitam o atual conceito jacobino de Estado-nação” o modificam e “atribuem essa categoria à comunidade orgânica de idêntica etnia, cultura ou língua” (FLORENTINI, 1994 *apud* BARBOSA, 2015, p. 232). Trata-se de uma reconstrução histórica do nacionalismo fascista que visa direcioná-lo a comunidades inseridas em um território vastamente distinto em termos étnicos, culturais e linguísticos, ainda que essas distinções não sejam tão visivelmente demarcadas. Fazem parte da “comunidade imaginada” desses indivíduos, uma tentativa de buscar meios para adequarem seus discursos ao seu terreno de ação política.

Nesse sentido, nos é importante também considerarmos o que Norbert Elias (2000) chama de “sociodinâmica da estigmatização”. Essa seria a prática de um conjunto de condições por meio das quais um grupo social consegue lançar estigmas sobre outro. Esses estigmas estabelecem o que é ruim e desprezível em um povo

específico, chegando a desumanizá-lo. Trata-se de um processo coletivo e longo, cuja rede de ideias se sustenta no estigma formado através do tempo. Podemos pensar nos migrantes que chegam a uma cidade e são rejeitados pela população local como exemplo.

No Sul e Sudeste do Brasil, os nordestinos são estigmatizados por neofascistas como exploradores das economias locais em face de supostas carências em suas regiões. Não é o baiano, o sergipano ou o cearense, mas o nordestino. Um tipo social específico e estigmatizado, afastado pelos estabelecidos de uma comunidade por meio de uma série de construções históricas. Ao serem vistos como uma ameaça não apenas pelos neofascistas, esses acabavam ganhando respaldo para agir e defenderem o território. Para tanto, necessitariam se assemelhar a uma espécie de soldados.

Os primeiros *skinheads* brasileiros já postulavam, ainda no início dos anos 1980, que pertenciam a um movimento “composto por jovens de origem operária, conscientes e não-alienados, fortes de corpo e puros de mente, nacionalistas, dispostos a formar um exército de ‘carecas’ para salvar o Brasil” (COSTA, 2000, p. 13). Por sua origem impregnada de militarismo, o fascismo italiano, ou o *Fasci di Combattimento* de Mussolini, se traduzia como uma “fraternidade de combate” (PAXTON, 2007, p. 16) contra os inimigos da nação escolhidos por eles com o respaldo da sociedade. A semelhança não é desprovida de razões, uma vez que a subcultura *skinhead* brasileira já possuía vestígios da aproximação entre a subcultura inglesa e os neofascismos que criticavam a democracia.

Nos primeiros anos da década de 1980, o Brasil vivia ainda uma ditadura militar. Já na década seguinte, mesmo com alguns percalços, a democracia liberal tentava ser consolidada. Se pensarmos no sistema democrático como propício à liberdade de expressão, que razão levaria os neofascistas a não desfrutarem dela como afirmam? Pensemos que “a hegemonia do pensamento e das práticas neoliberais, consubstanciadas nas democracias liberais vigentes”, como no caso do Brasil de então, são opostas à “visão de sociedade defendida pelos movimentos fascistas”, do passado ou do presente, “pelo individualismo preconizado pela ótica liberal” (CRUZ; JESUS FILHO, 2012, p. 21). É preciso pensarmos que essa política é criticada pelos neofascistas justamente por fornecer um modelo democrático. Além disso, esse modelo se recusa a aceitar a restrição de liberdades proposta pelos neofascistas contra os seus inimigos, o que se configura em um dos mais comuns problemas desses movimentos:

confundir seus discursos de ódio com tal tipo de liberdade. A democracia se torna um muro diante de seus intentos.

Brasil e EUA, apesar de manterem relações políticas próximas nesse momento, sobretudo no que tange o ordenamento político, conduzem suas democracias de formas distintas. No Brasil, apesar da forte influência estadunidense, a democracia não deu brechas para que manifestações neofascistas ganhassem força. Já nos EUA, profundamente marcado pelas liberdades garantidas na Primeira Emenda Constitucional, todos os movimentos políticos possuem direito a se manifestarem, mesmo exercendo discursos de ódio e de exclusão⁴⁰.

Esse discurso não se distancia do que aparece em *Time has come*, da banda estadunidense *The Voice* que, em 1993, cantava: “Aqui na América estamos vivendo um tempo/Em que nosso governo quer controlar nossas vidas/Fazendo leis que oprimem o homem branco/Roubando nossa cultura e estuprando nossa terra”. Mais adiante eles acrescentam: “Penso em todas as crianças brancas e no que sobrou para elas/É pela sua sobrevivência que eu lutarei”⁴¹. Além do racismo preconizado com frequência pelas bandas neofascistas estadunidenses, existia a presença daquele que lutava contra o que considerava opressão. Nesse caso, contra tudo que se colocava politicamente contrário ao ódio que sustentava seus discursos.

No capítulo seguinte nos aprofundaremos nas questões raciais envolvendo os neofascismos. Por enquanto, vamos nos deter ao discurso que associava a ausência de suas liberdades ao governo estadunidense, responsável por impedir a valorização do que consideravam legítimo política e culturalmente. Outra vez houve o posicionamento vitimista, mostrando o Estado como um mal contra o qual afirmavam que iriam fazer frente. Também nos EUA havia a presença do liberalismo que se tornou o modelo político do Brasil nos anos 1990. A diferença, nesse caso, estava no papel que se esperava dos EUA em relação a processos que envolviam a manutenção de sua hegemonia política que, conseqüentemente, implicava, para parcelas da sociedade, na manutenção de sua hegemonia cultural.

Quando chegaram ao poder em 1993, Bill Clinton e seus parceiros políticos tentaram assumir uma postura “neo-Wilsoniana”. Ou seja: buscariam, por meio de seus

⁴⁰ É claro que isso pode ser problematizado, pois durante o período macarthista a emenda foi seguidamente violada pela perseguição a supostos comunistas com a tolerância explícita da grande maioria da sociedade.

⁴¹ VOICE, The. *Time has come*. In: **Rage**. St. Paul: White Terror Records, 1996, Faixa 04. 01 MP3. Tradução nossa.

recursos internacionais, promover a disseminação dos valores fundamentais dos EUA resumidos em políticas democráticas e mercados econômicos livres após a queda do comunismo real, o que não se concretizou por completo. O fim da União Soviética, que deveria significar o descrédito completo do comunismo e o triunfo capitalista junto a sua irmã siamesa democracia burguesa, não resultou no esperado e sim na retomada do poder por antigos líderes soviéticos no Leste europeu, em guerras ideológicas e problemas econômicos graves (HODGSON, 1999). A “sobrevivência das crianças brancas” que a banda afirmou defender se enfraqueceu em meio a esse tipo de fragilidade.

Após a queda do Muro de Berlim e da dissolução da União Soviética dois anos depois, a ideia conservadora de que o comunismo havia sido derrotado para dar lugar a um domínio completo do capitalismo se espalhou. Tal consequência, no entanto, não foi tão simples: o capitalismo não teve penetração fácil no Leste Europeu. Se tratou de uma construção ideológica que, na prática, encontrou barreiras densas como líderes políticos pouco interessados em alianças com os EUA, gerando a necessidade de novas intervenções militares estadunidenses. Os ecos da Guerra Fria permaneciam, não fazendo cessar as necessidades intervencionistas dos EUA frente aos seus novos inimigos, que viriam substituir o comunismo (MUNHOZ, 2004).

Consideramos importante ressaltar que as guerras desencadeadas pelos EUA no chamado Terceiro Mundo, a exemplo do Vietnã, Coréia, etc., bem como as intervenções militares na América Latina dos anos 1960, são, de modo geral, significativas para pensar a ideologia racista dos EUA uma vez que sua intervenção é localizada. Os alvos são frequentemente aqueles onde há a perda dos privilégios das elites brancas (HORNE, 1999), o que estaria fracassando no momento em que a já mencionada música *Time has come* foi escrita. O vigor dessa defesa racial teria ficado no passado, que se contrapõe a um presente reconhecido como decadente.

O que vemos nos casos presentes nas músicas é a noção de que para cada sociedade dita em decadência por não aderirem aos pensamentos sócio-políticos neofascistas, há também a existência de um corpo de indivíduos prontos para lutar contra isso. O hipotético problema da decadência, sobre os quais as autoridades estatais se mantem passivas, deveria, segundo esclareceram, ser combatido pela força, pela ação direta e com agressividade. Tudo isso direcionado aos inimigos que frequentemente são estabelecidos. É, portanto, uma série de referências físicas que constituem a visão dos

skinheads sobre si mesmos, pois esse conflito incessante contra o “outro” deveria ser, como veremos com afinco, conduzido por suas próprias mãos.

Podemos perceber isso com destaque na música “Dias difíceis”, da “Bandeira de Combate”: “Devemos ser valentes, jovens fortes com ideais/E a certeza de que estamos vencendo é algo que nos satisfaz”. Mais adiante: “Não podemos fraquejar/Devemos sim nos encorajar/Usarmos toda nossa força/Contra quem quer nos derrotar”⁴². Valentia, força e coragem contra o inimigo, o que luta em favor de sua derrota, foram os componentes da identidade “guerreira” dos *skinheads* em marcha contínua contra seus opositores, fossem eles quais fossem. Dos EUA, o discurso que nos chega é congênere. Quem nos mostra isso é a *Extreme Hatred*, em *Outline in the streets*: “Gangues patéticas, eles pensam que são homens/Cairão por suas próprias derrotas/Se você não for mais forte do que eles/Ficará acuado nas ruas”⁴³.

Sinalizando no sentido de que essas características são atribuídas a um gênero particular, é comum aos compositores de bandas do *Hate Rock* exaltarem a masculinidade. Por essa razão, se opõem a tudo que acreditam representar desvios de conduta. Possuem convicções particulares sobre o que é ser um homem ou não; portanto, esclarecem o que pensam sobre os que deveriam lutar com eles. Portanto, os homens homossexuais não raramente foram inferiorizados e representados de forma estereotipada nessas músicas, como demasiadamente sensíveis e incompatíveis com as representações de masculinidade que as bandas percebiam como “corretas”, que também se associam a visões sobre moral e virtudes. Assim, tornaram-se também vítimas do ódio neofascista como podemos ouvir na música *Homosexual*, da banda estadunidense *Chaos 88*:

Sacaneando sua esposa pelas costas
 Você diz aos seus filhos que está tudo bem
 Você é um erro, mentiroso estúpido
 Chupando paus, suas calças em chamas
 (...)
 Você gosta de garotos, não gosta de garotas
 Vivendo no seu mundinho de veados
 Chupando, fodendo, mentiras sujas
 Saindo escondido para encontrar os caras

⁴² BANDEIRA de Combate. Dias difíceis. In: **Bandeira de Combate (EP)**. Bahia: Independente, 1998. Faixa 06. MP3.

⁴³ EXTREME Hatred. Outline in the streets. In: **Have a nice day**. Detroit: Hate Records, 1998. Faixa 09. MP3.

Homossexual – Temos vergonha!
 Homossexual – Esse é o seu jogo!
 Homossexual – Onde está a culpa?
 Homossexual – Não consigo explicar
 Homossexual – Nós te odiamos.⁴⁴

Atribuir aos homossexuais um comportamento depravado foi uma forma de se distanciarem deles, tentando mostrar que suas ações são incompatíveis com a honestidade e com as concepções de masculinidade, de “ser homem”, com as quais compactuam os integrantes da banda. Mostrados como “mentirosos” e “enganadores” impulsivos, os homossexuais acabariam por enfraquecer instituições caras aos neofascistas, como a família, e por essa razão seriam pessoas dignas de vergonha. Se declamaram seu ódio e vergonha aos homossexuais, a banda e seu público buscaram se colocar em uma posição contrária a eles.

Ao mesmo tempo, resgatam o histórico ódio fascista (particularmente enfatizado pelo nazismo) contra os homossexuais. Para Francisco Carlos Teixeira da Silva:

a libido difusa que encontrava um prazer reprimido na apreciação do corpo nu, não como ele mesmo e sim como alegoria do partido – o Reich, o Partido, a Raça são algumas das esculturas que tomam como modelos atletas e soldados -, deveria ser recalçada e negada, transferida para o outro, o diferente, o contratipo – o homossexual que se permitia a realização do desejo, desta forma aflorando toda a dor e frustração naqueles que não permitiam a sua concretização (TEIXEIRA DA SILVA, 2000, p. 239).

O autor aponta que até 1933, práticas homossexuais eram comuns entre os nazistas e resultavam se seu culto ao virilismo. Entre as SA, força paramilitar exterminada pelo alto comando nazista, eram muitos os envolvimento sexuais entre homens sobretudo pelo caráter misógino do nazismo. Portanto, tais práticas eram vistas de forma distante da proposta freudiana, considerada pelos nazistas como falácia judaica. No entanto, para justificar publicamente o extermínio das SA, Hitler e seus comparsas assumiram uma postura extremamente homofóbica acusando os militantes assassinados de homossexuais depravados. Portanto, a prática homossexual dentro de

⁴⁴ CHAOS 88. Homossexual. In: **Welcome to Atlantic City**. New Jersey: Tri-State Terror, 1998. Faixa 06. 01 MP3. Tradução nossa.

uma proposta de culto ao corpo masculino era bem vista, enquanto a prática sexual norteada pela libido deveria ser duramente reprimida (TEIXEIRA DA SILVA, 2000).

Não é necessário ser um neofascista para aceitar esse tipo de ideia, como já debatemos anteriormente. Por isso é possível que os neofascismos ganhem campo ao passo em que esse tipo de ódio é compartilhado não só pelos seus adeptos. O apelo quase sempre se direciona a aquilo que culturalmente é estabelecido como fundamental para a formação de uma sociedade coesa e ao que é declarado incompatível em relação ao comportamento homossexual: a família, a religião, a identidade, entre outras coisas. Se pensarmos que organizações neofascistas de grande importância nos EUA, como a *Aryan Nations*, tinham como base os preceitos cristãos, que deveriam reger a nação por terem sido guia dos “pais fundadores” do país, perceberemos como essa influência cultural permeia o discurso acima transcrito⁴⁵.

Ao nos voltarmos para alguns discursos neofascistas brasileiros, vemos algo parecido. A já abordada música “Esquadrão Anti-Gay” da banda paulistana “Defesa Armada” nos diz: “Aberração da natureza/Meu ódio vem dessa tristeza/Desde os tempos de Sodoma/A sociedade entrou em coma”⁴⁶. Além de enxergarem os homossexuais como “aberrações da natureza”, usaram uma referência bíblica⁴⁷ para justificar o ódio empregado. Portanto, os homossexuais seriam contrários à ordem natural e às ordens religiosas cristãs das quais alguns neofascistas se aproximavam. Basta lembrarmos que o integralismo brasileiro se sustentava no lema “Deus, pátria e família”, usando-se da predominância católica nacional (BERTONHA, 2014) para exercer sua militância ainda nos anos 1930. Esse discurso, semeado em sociedades nas quais os homossexuais possuem participação política diminuta e os religiosos detém poder mais vigoroso, acaba sendo aceito por pessoas não conectadas aos neofascismos.

O Brasil dos anos 1990 vivia, em seu maior centro urbano (São Paulo, capital de onde vem a “Defesa Armada”), uma crescente movimentação de organizações formadas por homossexuais em busca de espaço e pelo fim da violência contra eles. Isso em meio

⁴⁵ FEDERAL Bureau of Investigation. **Subject Aryan Nations**. EUA: Federal Bureau of Investigation, 1983.

⁴⁶ DEFESA Armada. Esquadrão Anti-Gay. In: **São Paulo Paulista**. São Paulo: Independente, 1995. Faixa 02. 01 CD.

⁴⁷ As cidades de Sodoma e Gomorra teriam sido destruídas por Deus, segundo o livro do Gênesis, pois suas populações se encontravam imersas em pecados. Um deles seria o que ficou conhecido, mais tarde, como sodomia, ou seja, o coito praticado por via anal. Embora algumas interpretações se refiram a sodomia como sexo com animais ou mesmo simplesmente a falta de hospitalidade, o termo ganhou notoriedade por designar a prática do sexo anal sobretudo entre homens.

a um novo sistema político que buscava a estabilidade democrática. 1995 foi também o ano de fundação da “Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis”, forte organização que lutava pelo direito desses grupos em meio ao contexto em que vivíamos (FACCHINI, 2005). Enquanto isso, nos EUA, o descaso do governo de George Bush *senior* nos primeiros anos da década de 1990 em relação aos direitos homossexuais, bem como a superexposição pelo contágio da AIDS em casos como o da estrela do basquete Earvin “Magic” Johnson pela mídia em 1991 geraram uma histeria que, durante algum tempo, reforçou a ideia de que os homossexuais eram responsáveis por malefícios sociais e não poderiam usufruir de políticas de Estado que os protegessem (BÍSCARO, 2016).

Seja como for, os homossexuais, mais particularmente os homens, foram distanciados do perfil masculino ao qual os *skinheads* atribuem valores significativos. Os “guerreiros” que diziam ser foram imaginados como indivíduos puros e ajustados ao quadro de significações associados ao homem forte e viril, provedor da segurança e da força que deve garanti-la. É curioso pensarmos também o papel das mulheres em movimentos neofascistas com essas características, uma vez que elas são permitidas, mas ocupam um espaço submisso (SALAS, 2006). A própria “Defesa Armada” possui uma mulher como vocalista, uma raridade entre as bandas de *Hate Rock*. No entanto, o comportamento masculino ou masculinizador que defendem tem suas referências mantidas e priorizadas mesmo com a participação feminina.

Não eram todos os homens heterossexuais que formavam o ideal suscitado pelos *skinheads* neofascistas. Além daqueles que destoavam dos traços masculinos cobrados pela ideologia política que defendiam e pelos signos culturais de suas sociedades, foram excluídos também aqueles que dispusessem de uma série traços ligados aos dos compositores e militantes, mas abriam mão de comportamentos pelos quais esses nutriam paixão. Por exemplo: para uma banda neonazista, representante de movimentos nos quais o racismo e a defesa do arianismo são prioridades, um homem branco que defende um negro não é considerado parte de sua comunidade.

Isso está claro no manifesto lançado em dezembro de 2003 pela *White Revolution*⁴⁸ liderada por Billy Roper, nos EUA, fundada um ano antes. Nele, Ben Vyniard, outro líder do movimento neonazista estadunidense, diz: “Traidores da raça

⁴⁸ Fundada em 2002 por Billy Roper em Russelville, Arkansas, foi uma organização política neofascista com bases no racismo. Almejava, como outros movimentos racistas estadunidenses, a formação de uma frente revolucionária branca de combate a outras etnias.

como Nicole Kidman [atriz que, à época, namorava um homem “mestiço”] continuarão a existir até que alguém decida fazer dela um exemplo: cortar a ponta de seu nariz, cortar suas orelhas, amarrá-la a uma cadeira, banhá-la em gasolina e queimar sua carne” (VINYARD, 2003, p. s/n). O mesmo podendo se estender a aqueles que são liberais ou comunistas.

As músicas até aqui averiguadas constituem-se partindo de outros discursos e estão sujeitos à contestação da sociedade da qual e para a qual são proferidos. Para essas bandas, elas são a apoteose da celebração de seus iguais, dos verdadeiros “guerreiros” da nação, são os movimentos nos quais marcham os *skinheads*, os quais se voltarão, segundo seus discursos, à sociedade com a qual se desencantaram e buscarão transformar.

2.3.- *Skinheads*: Os braços e as pernas das militâncias neofascistas

Antonio Salas, codinome do jornalista espanhol que esteve infiltrado em movimentos neofascistas de seu país durante um ano, comenta que os *skinheads*, embora possuam uma força significativa como grupo, são, em sua maioria, um rebanho manobrado por políticos engravatados de partidos neofascistas em busca de espaço entre os jovens. Seriam a “força bruta” de um movimento muito maior, que aspira ao poder estatal e tenta se distanciar dos emblemas fascistas tradicionais, tão caros aos *skinheads*. Os políticos, interessados no apoio dos jovens nas urnas, ou como destabilizadores sociais que evidenciassem uma forjada necessidade de suas agendas, estariam por trás do financiamento do ideário *skinhead*, patrocinando bandas e shows de *Hate Rock*, por exemplo, enquanto os *skinheads* lhes garantiriam em troca tal apoio eleitoral (SALAS, 2006).

Essa dinâmica, apesar de real, não define por completo as relações entre os *skinheads* neofascistas e a política e ignora as ações desses para erguerem uma história própria. Os *skinheads* também não se resumem, como disse Tom Metzger, líder de uma das maiores organizações racistas dos EUA nos anos 1980, a uma “tropa de choque da revolução [branca] em curso” (BEIRICH, 2016, p. 01). Há que se pensar na profunda relação que possuem com suas ideologias e com os cenários políticos e históricos que os circundam. É dessa relação que surgirá a realidade histórica que tentam criar.

Em primeiro lugar, a cisão entre lideranças *skinheads* e organizações políticas mais formais é uma constante, como já vimos no capítulo anterior. Para os *skinheads*

que partilham do “viver fascisticamente” (TEIXEIRA DA SILVA, 2014a), a manutenção das insígnias clássicas dos fascismos, bem como de sua postura política, é prioridade ainda que se choque com a vida prática com a qual se deparam no presente. Enquanto os partidos formais buscam amenizar sua imagem, os *skinheads* insistem na busca pelas permanências, ainda que, nesse processo, acabem rompendo com o passado e se distanciando cada vez mais dos militantes aos quais aludem.

Em segundo lugar, os discursos dos *skinheads* que compõem a maioria das bandas de *Hate Rock* – em nosso caso, todas as presentes nesse estudo – não dependeram das agendas políticas de qualquer partido ou organização maior. Evocaram sim as ideias e práticas fascistas, que ajustaram aos seus mundos e reproduziram como meio de se posicionarem nele. Quando o fizeram, não esqueceram de criar suas identidades com base nos valores históricos que retiraram do período entreguerras e fincam num presente dentro do qual foram novamente modificadas. Por essa razão, os *skinheads*, bem como suas ideologias, não foram e nem são sempre os mesmos. Espalhados por quase todas as sociedades industriais do Ocidente, dependem dessas mesmas sociedades para definirem suas relações com elas e, conseqüentemente, suas identidades históricas.

Essas identidades não se desprendem por completo de identidades *skinheads* historicamente construídas antes da aproximação entre eles e os neofascismos. Desde os anos 1960, na Inglaterra, “ser um skinhead acabou se tornando sinônimo de botinada, botinada virou sinônimo de perigo social” (MARSHALL, 1993, p. 30), pois a violência era não apenas comum, mas parte de sua subcultura. Não podemos crer que os *skins* se tornaram violentos após a fusão com os neofascismos, mas que essa violência foi canalizada para alvos específicos que passaram a fazer parte do seu acervo de inimigos diários. Ao invés de agredirem *hippies* ou paquistaneses por serem símbolos do descompromisso com o trabalho e da falta de empregos para os ingleses, os agrediriam por sua falta de compatibilidade com a nação e com os neofascismos.

Os jovens que se tornam *skinheads* via de regra são atraídos pelo sedutor senso de pertencimento, união e força dos movimentos na busca por vencer esses “inimigos”. A música é, sem dúvida, um recurso importante para criar essa atmosfera e expandi-la para além dos grupos que a consomem. Por isso, o “ser *skinhead*” é tão valorizado pelas músicas. Essa é uma das poucas coisas que não se modificam: seja nos anos 1990 ou 2000, no Brasil ou nos EUA, o amor pelo grupo que compõem permanece menos alterado do que algumas posições políticas que podem variar no espaço e no tempo.

Esse senso de união emocional serve como uma propaganda aos que desejam combater inimigos em comum ou mesmo a jovens cuja pouca formação não lhes permite um discernimento mais profundo sobre o significado de tais ideologias⁴⁹.

Seguiremos com quatro exemplos que evidenciam isso, dois do Brasil e dois dos EUA, capazes de sintetizar com vigor quem os *skinheads* neofascistas pensam que são, bem como os fios condutores que ainda os conectam às suas origens, mesmo que elas residam em outro país. O primeiro exemplo é um fragmento da música “Poder Careca”, da “Bandeira de Combate”: “Sua turma é forte, não abaixe a cabeça/Você é o melhor, você é um Careca/No peito orgulho e coragem, no braço a força bruta/E em qualquer situação nós somos invencíveis/Somos carecas e nada irá nos deter”⁵⁰. Força, orgulho, coragem e invencibilidade foram características com as quais a banda se identificou e que possuem respaldo de muitos *skinheads*, pois assim se reconhecem. Aquilo que deveriam ser é ditado por eles mesmos.

Apesar da violência ser parte das frentes *skinheads* desde suas origens nos anos 1960, a ideia de “formação militar” imbuída do culto à forma física e da coragem “guerreira” assumida por eles remete à aliança entre os mesmos e a extrema-direita no final dos anos 1970, em clara alusão aos fascismos clássicos que tanto valorizavam esse tipo de “virtude” (MARSHALL, 1993). Se seriam a linha de frente dos movimentos neofascistas, fossem eles independentes ou não de partidos, era necessário se comportar como empregadores da força. Essa ideia necessitou de ornamentos que lhes dessem ares de guerreiros, dos fortes responsáveis pela salvaguarda nacional, e não de jovens baderneiros como costumeiramente a mídia os classificava.

Porém, trata-se de uma mera idealização. Os *skinheads*, apesar de protagonizarem constantes episódios de violência urbana, não possuem a mesma força de milícias fascistas do passado como gostam de acreditar, ou mesmo dos veteranos de guerra que ganharam a atenção dos líderes fascistas no entreguerras. Não possuem o mesmo valor para a política eleitoral. Não são, como pensam, em número ou significância, como os responsáveis por levar Mussolini e Hitler ao poder. Apesar disso,

⁴⁹ Não defendemos aqui a ideia de que os jovens são passivos e completamente suscetíveis a esse tipo de cooptação. No entanto, a forte presença de jovens em suas fileiras sinaliza para a intensa influência que os neofascismos podem exercer em indivíduos que, em primeiro lugar, possuem uma formação familiar ou cultural conservadora e, em segundo lugar, ao não dispor de referências opostas, desconhecem outros meios de minimizar os problemas apontados pelos neofascismos.

⁵⁰ BANDEIRA de Combate. Poder careca. In: **Questão de honra**. Bahia: Ultraviolence Records, 2001. Faixa 06. 01 MP3.

são provas da existência do impulso tomado pelos neofascismos em sua busca por resistir no tempo e dos perigos que isso representa.

Essa busca é perigosa porque gera uma “fascinação pela violência, a violência triunfante, a violência que dá sensação de poder, de potência” (COSTA, 2000, p. 143), emprestada do passado e direcionada ao preenchimento de lacunas que impedem justificativas plausíveis para suas ideologias em sociedades democráticas do presente. Mesmo que não sejam réplicas exatas dos fascistas do passado, são numerosos e expressivos ainda que lhes falte maior organização.

Em 2001, ano em que a música da “Bandeira de Combate” é lançada, a imagem que os *skinheads* tinham de si mesmos não era muito diferente daquela preconizada pelos seus antepassados brasileiros, ou mesmo britânicos. Tomemos como exemplo a música *If there's a riot*, da banda inglesa *Skrewdriver*, para vermos como os pioneiros do *Hate Rock*, ainda em 1984, se identificavam como *skinheads*: “Você vai se ver banido de todos os lugares/Você vai encontrar críticas difíceis de engolir/Mantenha seu sentimento de força, sua cabeça erguida/Certifique-se de que os *skinheads* não morrerão”⁵¹. A descrição vista na música é compatível com o que Márcia Regina da Costa nos diz sobre a figura do “careca” brasileiro dos anos 1980, que “se visualiza como um herói, um guerreiro que, por meio da força, da altivez, da não-submissão, impõe-se socialmente” (COSTA, 2000, p. 133).

Apesar de serem, como vimos na música acima, rechaçados socialmente, os *skinheads*, por vezes se colocando como vítimas do preconceito, se mobilizaram no sentido de superar as adversidades com força e coragem. Tais características possuem conexão direta com o universo militarista dos fascismos italiano e alemão. A permanência dos *skinheads* na sociedade, em meio à nação pela qual relataram estarem lutando, dependia deles mesmos e da força, indo, dessa forma, muito além da política. Os fascismos, desde sua gênese, foram mais viscerais do que cerebrais, dependendo de um conjunto de incitações emocionais que produzissem um efeito mobilizador (PAXTON, 2007).

Esse efeito mobilizador está fortemente atrelado à instigação emocional proveniente da ideia de um grupo forte que almeja defender a nação ou a comunidade.

⁵¹ SKREWDRIVER. *If there's a riot*. In: **Hail the new dawn**. Germany: Rock-O-Rama, 1984. Faixa 06. 01 MP3. Tradução nossa.

Como dito pelo neofascista estadunidense William Pearce, líder da *National Alliance*⁵², “a música fala conosco em um nível mais profundo do que livros ou mera retórica política: ela fala com nossa alma” (PEARCE *apud* POTOK, 2012, p. 06). Se tratando de uma prática política historicamente ligada a uma postura mais visceral do que racional, faz sentido que a música exerça essa função.

Suponhamos que um jovem em formação, imerso em uma cultura política onde a maioria da qual faz parte não integra o rol dos “inimigos” históricos, sejam do passado ou do presente, estabelecidos por políticas de Estado ou não, ouvisse a música *Extreme Hatred*, da banda homônima, lançada em 1994:

A cidade é nojenta e cheia de escória
Quando ando pelas ruas, preciso destravar minha arma
Mas estou preparado, caso seja atacado
Defenderei minha vida, nunca recuarei
As ruas são más, mas eu sobreviverei
Porque eu sou forte, não morrerei!

Skinhead, skinhead, iremos comandar!
Lutar para viver é nossa única regra
Não fazemos joguinhos, nos manteremos vivos
Skinhead, skinhead, não vamos morrer!⁵³

O jovem que reconhecesse na música elementos do seu cotidiano poderia facilmente entender que algo precisava ser feito a respeito da “escória”, sem necessariamente saber – pela falta de referências explícitas na música – que a banda classificava assim desde homossexuais até negros, judeus, comunistas, estrangeiros de modo geral ou qualquer um que não possuísse o arsenal de “qualidades” que os *skinheads* reivindicam como necessários. Essa “escória”, segundo a banda, seria uma ameaça à vida de seus membros e de seus pares e é contra ela que eles deveriam manter uma guerra armada nas ruas, pois essas foram tomadas por aqueles que clamavam ser os inimigos nacionais. As ruas eram um desafio a ser enfrentando, com força e bravura, para que um recado fosse dado: o de que eram os *skinheads* as figuras imaginadas como solução para a “escória”, imbuídos de suas ideologias neofascistas. Eles disseram que

⁵² A *National Alliance* é uma organização política estadunidense formada com o propósito de difundir crenças na desigualdade entre as raças, baseando-se em ideólogos e teorias científicas do século XIX para justificar sua postura racista. Segundo a organização, a segregação racial é a única forma de trazer a paz.

⁵³ EXTREME Hatred. *Extreme Hatred*. In: **Now is the time**. Detroit: Phoenix Records, 1994. Faixa 08. 01 MP3. Tradução nossa.

lutariam para sobreviver em meio a tudo que os ameaçava para que seu grupo permanecesse existindo. O imaginado senso de coesão e disposição a dar tudo pelo grupo atrai jovens que se deparam com problemas ou rejeições sociais sem necessariamente compreenderem suas origens, aceitando o discurso da banda.

Em conformidade com o que afirma Chiara Pierobon (2012), o *Hate Rock*:

influencia e reforça as vagas atitudes dos que pertencem ao ambiente da extrema-direita. Essa música também fortalece um senso de identidade que ajuda a mobilizar apoiadores; a extrema-direita também se utiliza dela fora do cenário ao qual pertence para atrair jovens aos seus eventos e organizações (PIEROBON, 2012, p. 10).

Devemos examinar com zelo essa afirmação e sua relação com a música. Ora, se os *skinheads* se colocam como unidos e imponentes o bastante para lidar com o que há nas ruas (compreendendo que seus militantes determinam que lá existem ameaças), e passarem sobre tudo se mantendo inatingíveis, é possível que alguém de fora de seus movimentos deseje o mesmo.

Serge Bernstein (1996), embora esteja se referindo aos partidos políticos, formações mais articuladas e envolvidas com o poder de Estado, nos auxilia a compreendermos também o papel e os objetivos de movimentos políticos mais distantes do panorama político institucional imediato. O autor nos diz que é no:

espaço entre o problema e o discurso que se situa a mediação política, e essa é obra das forças políticas, que têm como uma de suas funções primordiais precisamente articular, na linguagem que lhe é própria, as necessidades ou as aspirações mais ou menos confusas das populações (1996, p. 61).

A construção do *skinhead* pela música e por músicos que são *skinheads*, mostrando-os de uma forma positiva, está impregnada de política ao passo em que convida grupos externos a se banharem em suas perspectivas políticas e hipoteticamente se apresentarem como “remédio” às suas comunidades, fornecendo uma mediação entre problemas, soluções e aspirações. Tudo isso por meio de uma construção intencional que remove de sua imagem as análises históricas que iluminam os fascismos como políticas repressoras, não o contrário, como se imaginam.

Essa construção, diz George Marshall, passa desde a vestimenta, que deveria “refletir agressividade e ser característico da classe operária”, até a formação de núcleos mais fechados, como as gangues. O autor afirma ainda que “para cada membro, a

gangue era o mundo”. Assim sendo, “quem fosse estranho no pedaço era um alvo potencial da treta. Isso valia para o membro da gangue rival ou para a pobre alma que estivesse no lugar certo na hora errada” (MARSHALL, 1993, p. 27). Mesmo que o autor esteja se referindo aos *skinheads* anteriores à chegada dos neofascismos entre eles, esse imaginário permanece e se funde às ideologias pelas quais muitos lutarão mais tarde. Soma-se a isso particularidades desse universo fechado que nadam contra a corrente da imagem de pureza que buscavam passar, nos apresentando mais uma das muitas contradições de seus adeptos.

É um consenso entre um bom número de autores que estudaram a subcultura *skinhead* que apesar do enfático gosto pelo culto à pureza do corpo e à forma física advindos da fusão com os neofascismos, a vida noturna e a embriaguez são parte indispensável do “ser *skinhead*” e de suas formas de socialização. Seja entre os “carecas” do passado ou do presente, a diversão é uma prática contraditória. Enquanto Marshall (1993) nos mostra que os *skinheads* dos anos 1960-70 haviam herdado o ritual de frequentarem *pubs* e se embriagarem de cerveja dos seus familiares operários, Salas (2006), Costa (2000) e Moyano (2004) nos mostram a permanência dessa prática mesmo que esses agentes por vezes se mostrem contrários a tais excessos. Ao passo em que tentam se aproximar dos exemplos fascistas das primeiras décadas do século XX, encontram barreiras impostas pela identidade de sua subcultura.

Embora a *Chaos 88* seja uma banda peculiar entre as demais por expor menos os discursos abertamente neofascistas, muitas vezes até se utilizando dessas ideologias para simplesmente justificar seu racismo e seu ódio, é uma banda amplamente inserida e respeitada nesse cenário. Além da já mencionada referência aos *AC Skins* nos agradecimentos do seu disco *Welcome to Atlantic City*, há uma dedicatória a um considerável número de *skinheads* neofascistas estadunidenses e bandas desse meio, como a *Extreme Hatred* (também analisada nesse trabalho), *Brutal Attack* e *Konkwista 88*. São *skinheads* e suas músicas também expressam seu universo. Vejamos o que dizem em “Drunk Edge”: “Sempre que acordo não acredito que ainda estou vivo/Uma ressaca terrível, gostaria de estar morto/Vomitando até as tripas, cagando sangue/Mãos sobre a cabeça, mijando no assoalho”⁵⁴.

⁵⁴ CHAOS 88. Drunk edge. In: **Welcome to Atlantic City**. Atlantic City: Tri-State Terror, 1998. Faixa 05. 01 MP3. Tradução nossa.

O comportamento acima descrito não parece o mesmo de outros grupos que compactuam com a mesma ideologia. Ora, como é possível serem ao mesmo tempo os “guerreiros” urbanos que irão defender a nação, “fortes de corpo e puros de mente”, e sujeitos que sucumbem ao álcool de forma tão displicente e excessiva? Além do mais, os *punks* são duramente criticados pelos *skinheads* neofascistas dentre tantas coisas por, segundo dizem, estarem associados ao uso abusivo de drogas e por comportamentos desviantes provenientes dessa prática. Também se referem às drogas como barreiras à união e promotora de desavenças entre os jovens, além de contribuir para uma imagem de marginalização da qual os *skinheads* tentam, ao mesmo tempo, fugir e se aproximar (AMPUDIA, 2006).

Nesse caso, é possível que essa atitude seja mesmo uma mera carga do passado histórico *skinhead* da qual não conseguem se desfazer, tornando-se uma forte contradição entre um discurso e sua prática. Além disso, ao nos voltarmos aos fascistas de outrora nos quais se espelharam os do presente, não podemos garantir que todos eles, mesmo sob o jugo do Estado em relação a esse tipo de disciplina, não consumissem bebidas alcólicas durante o Terceiro Reich e a ditadura de Mussolini.

Agora atentemos para a música “Skinhead rock”, dos portoalegrenses da “Comando Blindado” (2006): “Cordialidade com as garotas/Pros inimigos um desprezo sem fim/As botas sempre lustradas/Skinheads vivem assim/As festas sempre animadas/Com muita cerveja e mulher/Isso é o que a gente gosta/Isso é o que a gente quer”⁵⁵. De forma menos intensa a banda brasileira também apresenta a importância da bebida para essa subcultura e sua socialização. É parte dos momentos de lazer e do “ser *skinhead*” da mesma forma que as “botas lustradas” e a violência. Referem-se à sua construção identitária.

Enquanto o ouvinte é apresentado a um “senso claro da ideologia que rege a cena”, bem como as posições ideológicas dos *skinheads* em relação ao passado de cada nação (ao qual se voltam em repúdio a um “presente em decadência”), incidindo sobre “os inimigos e agentes que não pertencem à ‘comunidade eleita’ ” (PIEROBON, 2012, p. 21), ele também conhece a identidade dos que regem essa batalha sangrenta nas ruas. Ao menos conhece o que esses regentes orquestram sobre si mesmos, num esforço constante para serem vistos como o oposto do que a imprensa expõe. Porém, suas

⁵⁵ COMANDO Blindado. Skinhead rock. In: **Marchando rumo à vitória**. Porto Alegre: Zyklon-B Records, 2006. Faixa 11. 01 MP3.

músicas não tentavam convencer o ouvinte de que não praticavam crimes de ódio tutelados pelos neofascismos. Ao contrário: tentaram mostrar porque entendiam que essas práticas eram positivas.

Por essa razão tentaram construir a imagem de heróis. Trouxeram do passado influências para o presente e converteram-nas em formas particulares que foram moldadas ao contexto vivido por cada movimento. Isso possibilitou a existência de contradições e problemas que nem sempre são simples de serem compreendidos. O que se compreende com clareza é que foram consequência, ao mesmo tempo, da permanência de ranços dos *skinheads* tradicionais e suas novas versões construídas durante o tempo e sob a influência de espaços políticos distintos. Apesar dessas diferenças, se ergueram historicamente, ao menos de forma imaginada, com semelhança nos dois países: fortes, nacionalistas e numa posição que deveria servir de exemplo, pois se mostraram como superiores por suas idealizações neofascistas.

Ao mesmo tempo, buscaram nos mesmos recursos formas de se divertir que os afastou da imagem que construíram. De todo modo, o que se pode concluir é que enquanto realizaram esse processo de transformações e reforços de identidade, se mostraram como os certos num mundo de errados. Portanto, os que não estavam com eles imediatamente estavam contra. Isso criou a ideia de que eram perseguidos e atuaram como qualquer outro movimento social cuja participação sócio-política era restrita, em decorrência de um domínio estatal contrário aos seus anseios.

As bandas do Brasil e dos EUA buscaram não se afastar da história, seja ela a dos *skinheads* antepassados (ainda que haja divisões significativas entre os neofascistas e os que não são), seja ela a história dos fascistas com os quais buscavam se assemelhar. A verbalização do que é ser um *skinhead* é uníssona e não depende de diferenças sócio-políticas e culturais, estejam elas nos anos 1990 ou na década seguinte. O “ser *skinhead*” muda muito pouco em comparação ao que pretendem politicamente nos dois países. Apesar disso, se distanciam quanto à postura em relação à legitimidade dos movimentos que não pertencem à sua nação, como veremos no capítulo seguinte. Ou seja: ser *skinhead* para neofascistas brasileiros e estadunidenses é igual no discurso, mesmo que desconheçam isso e que um lado discorde da possibilidade do outro ser parte de um mesmo todo. São as divergências quanto às noções de neofascismos e de seu nacionalismo que provocarão estranhamento, já que o modelo de quem deve levar esse tipo de política a cabo são semelhantes. Ocorrendo isso ou não, ambos se percebem

como vítimas, nunca como algozes. E com essa convicção, buscam construir movimentos sociais legítimos.

2.4.- Neofascismos e movimentos sociais no Brasil e nos Estados Unidos: possibilidades e incompatibilidades

Para alguns autores como Alain Touraine (1989), os movimentos sociais historicamente empreendem lutas e pressões coletivas, no âmbito civil, a fim de conquistar junto às instituições políticas o cumprimento de suas demandas e empreender debates a respeito de suas necessidades em sociedade. Normalmente, as ações vinculadas aos movimentos sociais buscam dar visibilidade a grupos ou classes marginalizadas dentro de uma comunidade. Trata-se de uma luta civil pelo exercício de poder que lhes garanta direitos e participação na construção social. Parte dessa construção se concentra na cultura, terreno de disputas e, ao mesmo tempo, motivador de tensões sociais.

Nesse sentido, as chamadas “políticas culturais são postas em ação quando movimentos intervêm em debates políticos, tentam dar novo significado às interpretações culturais dominantes, ou desafiam práticas políticas estabelecidas” (ALVAREZ; DAGNINO; ESCOBAR, 2000, p. 23). Quem participa dos manejos pelo estabelecimento da cultura hegemônica, aquela que dirige a sociedade e acaba sendo preservada por ela, ainda que não beneficie a todos os seus setores, tem maior poder em seu interior. Buscando espaço, os movimentos sociais que representam as parcelas menos favorecidas nessa lógica política se utilizam, dentre outras coisas, das suas expressões culturais para alcançarem tal objetivo e desfazerem construções sociais e políticas históricas.

Nos anos 1970, as esquerdas latino-americanas sofreram mudanças em relação à abordagem entre cultura e política, sobretudo inspiradas nas ideias de Antonio Gramsci sobre “hegemonia cultural” e o papel da cultura na sociedade. Nos anos 1990, o Brasil viveu intensos debates sobre a redemocratização consolidada em 1988 e os meios pelos quais sua manutenção seria estabelecida. Com a ascensão de governos neoliberais ao poder, em ampla sintonia com o sistema estadunidense, o afastamento do Estado em relação a questões sociais importantes fez com que grupos emergissem em nome de suas identidades e culturas, buscando atenção frente a esse novo formato político (DAGNINO, 2000).

As bandas do *Hate Rock* brasileiro, representantes dos neofascistas locais, nadaram contra essa corrente. Além de criticarem fortemente a democracia, confrontaram a luta de grupos sociais marginalizados e, mais do que isso, empreenderam críticas às suas culturas, que entendiam como ameaças. Por serem movimentos compostos majoritariamente por grupos civís, nem sempre próximos a partidos políticos ou movimentos mais sólidos, tentavam assumir o papel de força popular contra as instituições que os mantinham como subalternos e davam voz aos seus inimigos. Desejavam, no entanto, não apenas a participação, mas a reversão dessa suposta dinâmica.

Nos anos 1990, como vimos, o *Hate Rock* ganhou mais visibilidade mundial e um considerável número de bandas brasileiras surgiu. A “Brigada NS”, uma das protagonistas desse período, cantou em sua música “Judeocracia” a posição de seus compositores sobre o contexto, dizendo: “Tentando acabar com todo tipo de idealismo/Que liberte os povos do sionismo/A democracia age sempre assim/Se precisa até a merda da ONU lhe garante esse fim”⁵⁶. Lançada já no início do século XXI, a banda evidencia suas impressões sobre o sistema sócio-político vigente desde o início da década anterior, mas sem se voltar completamente ao presente, olhando para o passado e trazendo dele o desprezo pela democracia cultivado pelos fascismos históricos. A democracia aparece como algo nocivo, uma imposição desagradável associada aos judeus, portanto controlada por forças políticas que reprimiam os neofascistas. Nesse caso, os judeus, seus “inimigos” históricos, seriam responsáveis por criar meios de impedir o progresso ideológico neofascista e darem espaço para grupos sociais que eles repudiavam.

Para a “Brigada NS”, esse discurso intencionava reverter uma situação histórica: a imagem dos nazistas frente à “solução final” imposta aos judeus, resultante da perseguição aos mesmos desde os primeiros anos do Terceiro Reich. As palavras cantadas e que expõem a vontade da banda de “acabar com todo tipo de idealismo que liberte os povos do sionismo”, busca no negacionismo um sustentáculo a uma vitimização que ignora a história e cria uma outra particular. Para os neonazistas, o negacionismo “é a tese da não existência do extermínio contra judeus (...), tentando apagá-lo da memória histórica” e afirmando que “os campos de extermínio nazistas, portanto, seriam uma mentira inventada pelos ‘sionistas’” (CRUZ, 2012, p. 190).

⁵⁶ BRIGADA NS. **O retorno da velha ordem**. São Paulo: D-14, 2001. 1 CD. Faixa 02. 01 MP3.

A democracia liberal também sempre foi alvo dos fascistas, dentre outras coisas, pelas mudanças culturais provenientes dela. Instituições como a própria democracia surgem de necessidades coletivas, baseadas em problemas comuns a grupos sociais, como uma forma de organizá-los e dar sentido a eles. Estas instituições não são organismos dotados de vida e pensamento próprios; elas expressam a ideologia de um determinado grupo social ou mesmo de toda uma comunidade. Por esse motivo, não são congeladas no tempo, mas se dinamizam ao passo em que os indivíduos mudam suas formas de ver o mundo e suas necessidades (BERGER; LUCKMANN, 1976). Logo, os neofascistas discursaram no sentido de tentar mostrar que a ideologia presente na democracia liberal era um problema. Assim, a democracia também representaria para os neofascistas uma instituição erguida sob os ditames de uma cultura que deveria ser destruída: a cultura judaica.

Na Alemanha, ainda no século XIX, conflitos internos possibilitados pela vasta extensão territorial propiciaram crises políticas que se estenderam para o início do século XX. Tais conflitos, gerados nas fragmentações do Primeiro Império, deixaram o país vulnerável frente a outras nações. Há então duas consequências: o medo do povo alemão em não encontrar um modo pacífico de convivência e o anseio por uma autoridade forte que fizesse frente a estes conflitos. Já nos anos 1920, a arena pública multipartidária, incapaz de dar conta dos conflitos existentes na Alemanha, gerou entre a população desconfiança frente à democracia parlamentar, que seria uma política de Estado, dentre outras coisas, teria sido responsável pela fragmentação cultural germânica resultante de seu pouco autoritarismo. Os alemães, ao menos parte das classes altas, diziam que esse tipo de política não servia para o país, pois era “não-alemã”, bem como o liberalismo (ELIAS, 1997). Portanto, mais tarde, culturas e culturas políticas “não-alemãs” foram ambas alvo do ódio nazista. Embora a “Brigada NS” não estivesse na Alemanha que viu Hitler chegar ao poder, foi esse contexto que inspirou seus discursos para tratar do Brasil recém entrado no século XXI.

A “Defesa Armada” é outra banda que, em 1995, no disco “São Paulo Paulista”, manifestou claramente sua opinião a respeito da presença de outras culturas em sua cidade. Em “Inimigos da Pátria” ouvimos: “Tivemos pena daquele povo que sofria/Vocês vieram invadindo o terminal do Tietê/Querendo impor suas maneiras e

costumes/Aniquilando nossa segurança social”⁵⁷. Naquela década, o terminal do Tietê ficou conhecido nacionalmente por receber milhares de nordestinos que chegavam à capital paulista buscando oportunidades de emprego (DEDECCA; CUNHA, 2004).

Entre as bandas neofascistas do Sul-Sudeste do Brasil, caso de ambas supracitadas, o ódio aos nordestinos, como já mencionado, foi muito comum. Foram acusados de parasitas sociais, cujas culturas seriam incompatíveis com aquelas presentes nas regiões para as quais migram, resultando em violência e na degradação dos costumes locais e, conseqüentemente, na decadência da comunidade. Pouco diferente do antissemitismo dos nazistas alemães durante o Terceiro Reich, cujas bases são étnicas, e que resultou na perseguição e na violência física contra esse povo, visto como externo à nação germânica e responsabilizado pelo enfraquecimento nacional. A diferença é que no caso do Brasil o nordestino se tornou um “inimigo” interno, mas também externo, particular ao nosso contexto.

Em setembro 1992 o Centro de Tradições Nordestinas de São Paulo, projeto que se reconhece como “refúgio ideal dos migrantes”, bem como “polo de divulgação e preservação da cultural nordestina”⁵⁸, sofreu um atentado promovido por *skinheads* neofascistas. Estes dispararam tiros dentro do centro e o picharam com suásticas e dizeres ofensivos aos nordestinos.⁵⁹ O ataque a um centro onde se organizam movimentos sociais em defesa de culturas vistas como externas à região sinaliza a contrariedade dos movimentos neofascistas em relação a eles.

Os neofascismos, em consonância com os fascismos de outrora, criam inimigos próprios que, embora sejam resultantes de uma mesma prática (a xenofobia), se distinguem pelas especificidades locais. Queremos com isso dizer é que esse inimigo não precisa ser único e nem mesmo exatamente os mesmos antigos inimigos dos fascistas do passado. Também não são compartilhados por todos os neofascistas do presente, mas são incorporados na alteridade, nos que supostamente, por diferentes critérios, são incompatíveis com os ideais de nação, comunidade, sociedade, raça ou postura política que defendem. Basta lembrarmos que “os fascistas americanos demonizaram os negros e, algumas vezes, os católicos, além dos judeus. Os fascistas

⁵⁷ DEFESA Armada. Inimigos da pátria. In: **São Paulo Paulista**. São Paulo: Independente, 1995. 1 CD. Faixa 04. 01 MP3.

⁵⁸ Ver “Centro de Tradições Nordestinas” – Disponível em <<http://www.ctn.org.br/octn#octn>>. Acesso em 01/12/2015.

⁵⁹ FOLHA de S. PAULO. Veja outros casos envolvendo skinheads, São Paulo: 06 de setembro de 2000. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u9458.shtml>>. Acesso em 01/12/2015.

italianos demonizaram seus vizinhos eslavos do Sul, especialmente os eslovenos” (PAXTON, 2007, p. 72), e assim por diante. Se a relação entre passado e presente é fundamental para os neofascismos, nada mais esperado que os movimentos de cada região estabeleçam um inimigo conveniente. Por essa razão, os judeus e os nordestinos foram demonizados pelos neofascistas brasileiros. Os primeiros, trazidos da tradição racista do passado nazista; os segundos, inimigos particulares dos neofascistas brasileiros.

Outro fator é relevante nesse caso: desde a lei 7.716, de julho de 1994, portanto no engatinhar da democracia liberal brasileira pós ditadura militar, os neofascismos se tornavam ainda mais restritos. Isso porque ela “pune com até cinco anos de cadeia todos que fabricarem, comercializarem, distribuïrem ou veicularem símbolos, emblemas, ornamentos, distintivos ou propaganda” (KAHN; CARVALHO, 1993, p. 245) neofascista de qualquer tipo. Outra vez, os militantes se vitimizaram como se oprimidos por um governo liberal que não defende a restrição a migrantes, mas destaca-se por pressionar politicamente pelo fim dos neofascismos. Ou seja, criticam o governo pela ausência de rigidez em relação aos problemas que entendem como mais relevantes. Tentaram reverter os papéis tendo o ódio como principal motor.

Como é dito por Peter Gay, “seja nação, província ou cidade, seja região, classe ou cultura – quanto maior o amor por si mesmo, maior o direito de odiar o Outro” (1995, p. 76). Este suposto direito é enfatizado no *Hate Rock* por intermédio de um exercício contínuo para justificar suas letras, que procuram desumanizar o sujeito “diferente” para que apliquem a ele as mais nefastas formas de agressões verbais ou físicas. Nega-se “o Outro como verdadeiro humano para poder excluí-lo, causar-lhe mal, destruí-lo” (HÉRITIER, 2000, p. 25). Um exercício humano intencional que é praticado nos discursos do *Hate Rock*. Esses princípios foram institucionalizados pelos fascismos e foram postos em prática, mesmo longe das instituições estatais de que dispunham os regimes italiano e alemão, num passado próximo e em contextos particulares.

Em um passado mais distante, durante os anos 1930, o Brasil testemunhou a chegada de movimentos fascistas que buscaram se enraizar em meio ao operariado paulista procurando adeptos, sobretudo entre os imigrantes italianos que haviam deixado o país para buscar oportunidades no Brasil. A intenção era não somente unir os italianos em torno do fascismo, buscando uma difusão no país, mas também dar-lhes a ciência de uma preocupação do Estado italiano em recebê-los de volta. Esses

movimentos buscaram no anticomunismo, já bastante praticado pela política varguista, as bases de sua propaganda. Ao mesmo tempo, iriam disputar terreno com movimentos antifascistas (BERTONHA, 2010).

Nesse sentido, os movimentos fascistas no Brasil de então buscavam fortalecer as identidades étnicas e nacionais como forma de angariar adeptos, fortalecer o movimento e ganhar espaço entre os operários do país, o que acabou se tornando pouco efetivo, uma vez que a maioria dos italianos operários fazia parte de uma segunda geração, mais identificada com o Brasil, um país que não possuía uma xenofobia marcante contra eles (BERTONHA, 2010). Entre os italianos que viviam no país, havia também uma variedade considerável de grupos nos quais figuravam marcantes “diferenças de classe, regionais, geracionais e outras que dividiam fortemente tal comunidade e, conseqüentemente, sua visão de fascismo” (BERTONHA, 2012, p. 86), o que dificultava a proposta das lideranças fascistas de criar uma unidade homogênea total.

Entre as bandas brasileiras de *Hate Rock* houve também diferenças a respeito das concepções de fascismo. Enquanto a maior parte das bandas são provenientes do Sul e Sudeste, onde há uma maior presença de heranças culturais europeias por meio das quais os neofascistas locais buscam legitimar sua afiliação ideológica, a “Bandeira de Combate”, da Bahia, aparece como uma surpresa. Em suas músicas não há a presença do racismo que se tornou típico aos fascismos, com os quais eles não se identificavam. Sua postura fascista, no entanto, se apropriou dos elementos nacionalistas, antidemocráticos, anticomunistas e antiliberais que lhes eram familiares, entre outras coisas.

Ao contrário dos neofascistas europeus ou estadunidenses, os integrantes da “Bandeira de Combate” não partem de perspectivas históricas ou étnicas semelhantes para fundamentar suas ideias. Nesse caso, eles próprios podem se tornar vítimas da exclusão de outros neofascistas, uma vez que são originários de uma região construída histórica e etnicamente de forma dissemelhante aos territórios considerados centrais sócio-economicamente. Nesses territórios, principalmente o Sul e o Sudeste, é forte a presença de heranças culturais europeias nas quais os neofascismos buscam sustentáculos para se aproximarem de seus supostos ancestrais fascistas. Foram essas regiões que irradiaram discursos que situavam os nordestinos em patamares sociais, étnicos e culturais inferiores (ALBUQUERQUE JR., 1999).

O desenvolvimento de práticas como o racismo no Brasil “sem uma instrumentalização política sistemática ‘de cima’”, como é o caso de muitas organizações políticas europeias ou estadunidenses, encontra “nos processos macro-estruturais da atualidade a matéria-prima para o aprofundamento de suas contradições” (SOARES DO BEM, 2005, p. 04). A “Bandeira de Combate” é um exemplo dessas contradições. Ainda que não compartilhem os denominadores socioculturais que os neofascistas do Sul e Sudeste, assumem o imaginário criado por uma “miscigenação positivada” (como exploraremos mais adiante) para criarem uma identidade nacional particular. Curiosamente, essa identidade está menos atrelada a modelos europeus do que a dos neofascistas que podem descreditá-los por serem provenientes de uma região alvo de críticas. Ao mesmo tempo, discursos como o nacionalismo, ainda que de forma particular, são proferidos e utilizados como construtores de uma identidade compartilhada.

Assim, na música “Vida Careca”, lançada no disco “Questão de Honra”, no ano de 2001, cantaram: “Vim do subúrbio para agitar/Amar meu país e por ele lutar/No meu peito há uma fúria/A minha arma é a bravura/Temos orgulho do nosso estilo de luta/Assim nós nascemos, assim morreremos/O nosso país nós defenderemos”.⁶⁰ A referência ao subúrbio como lugar de origem dos *skinheads* nos remete aos primeiros *skinheads* ingleses, provenientes da classe operária. No Brasil, os primeiros “carecas” surgiram no subúrbio de São Paulo, na região do ABC Paulista, tradicional reduto operário, o que marca uma continuidade dessa subcultura no país em relação aos seus antepassados europeus. O amor pelo país e a fúria contra aquilo que o ameaça motivava sua “luta”, pela qual estavam dispostos a agir sem medo. Nesse aspecto, não há distinção quanto a diferentes tipos nacionais como visto nos dois casos anteriores.

As “armas” que definem para a “luta” que propõem distinguem o grupo. Reconheceram-nas em si e por isso procuraram se diferir de outros. Enquanto os *punks*, por exemplo, situados geralmente à esquerda e seus inimigos tradicionais nas disputas civis pela idealização da sociedade, são vistos como frágeis por uma preconceituosa associação às drogas a à desorganização proveniente delas, os *skinheads* estariam mais aptos por suas características construídas por eles mesmos (AMPUDIA, 2006).

⁶⁰ BANDEIRA de Combate. Vida Careca. In: **Questão de Honra**. Salvador: Ultraviolence Records, 2001. 1 CD. Faixa 09. 01 MP3.

Em primeiro lugar, devemos problematizar o discurso da banda em sua música. A princípio, não há explicitamente a presença de qualquer indício que prove uma postura plenamente fascista por parte de seus compositores. A defesa do país e o orgulho que se tem dele não são exclusividades dos fascismos, haja vista que o nacionalismo pode ser também recurso da esquerda. A música escolhida para a análise, ao contrário de outras, reduz a possibilidade dessa conclusão. No entanto, é importante considerarmos o fato de a banda ter lançado o álbum supracitado pelo selo *Ultraviolence Records*, o mesmo responsável pelo lançamento de bandas declaradamente neofascistas.

Em segundo lugar, é válido também ressaltarmos o já conhecido comportamento *skinhead* de se prontificam como um exército de jovens capazes, ao menos em teoria, de darem a vida em nome da defesa da nação, em nome de uma guerra permanente em relação a tudo que possa ameaçá-la (COSTA, 2000). Essa postura é comum à grande maioria dos *skinheads* neofascistas, sobretudo os brasileiros. A ideia de um exército civil pronto para salvar o país na ausência de uma ação estatal em nome disso é essencial nos fascismos clássicos, nos quais estes jovens buscaram referência. Não foram às instituições formais que esses jovens pagaram tributo como as defensoras da nação, mas a si mesmos.

Podemos perceber as múltiplas faces que os neofascismos possuem não correspondendo necessariamente a um padrão histórico do passado, mas sendo remanejado no decorrer do tempo e em espaços diferentes. O nazismo alemão é a face política que mais permeou o imaginário das bandas. Vejamos o que é dito pela “Comando Blindado”, na música “Nutrindo raiva, causando dor”, sétima faixa do disco “Marchando rumo à vitória”, de 2006, ilustrado por soldados e bandeiras nazistas em sua capa: “Não perca tempo esperando seu tempo chegar/Arme-se até os dentes e vá pro front lutar/Jogue fora os sentimentos de compaixão e amor/Uma luta só se vence nutrindo a raiva, causando a dor”. Contra quem tal luta deveria incidir? A própria banda se encarrega de esclarecer mais adiante: “O inimigo está perto, está controlando você /Invade sua mente através do jornal e TV/São os malditos judeus que tem o controle das massas/Que dominam a mídia e promovem tanta desgraça”⁶¹.

⁶¹ COMANDO Blindado. Nutrindo raiva, causando dor. In: **Marchando rumo à vitória**. EUA: Zyklon B Records, 2006. 1 CD. Faixa 07. 01 MP3.

Como na Alemanha nazista, a banda vê no judeu um inimigo que deve ser combatido sem compaixão, sem amor, de forma violenta, raivosa e dolorosa, pois seriam um dos responsáveis pela decadência nacional. Algo que novamente aproximou presente e passado, ao passo em que, também naquele momento, os nazistas se esforçavam para desenvolver o “nós-ideal” alemão, espécie de estado de espírito social que guardaria características que circunscreviam o seu código de conduta social específico (ELIAS, 1997). A sugestão de ir ao *front* e lutar atesta o tradicional gosto pela guerra existente entre os fascismos como meio de defender esse “nós-ideal”, ação que prevê a destruição do “outro”.

A crítica feita aos judeus buscou dar-lhes feições de dominadores das massas em benefício de seus propósitos, dos quais indivíduos defensores do nazismo, por motivos claros, não podem participar. Foi mais uma vez a tentativa de se colocarem como vítimas das sociedades em que viviam, combatendo a prevalecente imagem que teria sido criada por meios de comunicação (e construções culturais provenientes deles) controlados por seus inimigos. Trata-se de buscar um posicionamento semelhante ao que movimentos sociais assumem, utilizando a defesa de sua ideologia para tanto.

Nesse caso, podemos perceber uma aproximação entre as ideologias neofascistas brasileiras e seus mecanismos de ajuste aos tempos atuais com as bandas do *Hate Rock* estadunidense. Em ambos os casos, houve um costume em comum: a vitimização da “raça” branca. Porém, nos EUA essa estratégia se utiliza da cultura política local para justificar seus discursos. O racismo é o tema mais abordado entre as bandas mais relevantes do *Hate Rock* naquele país, onde os negros são os principais inimigos internos nomeados pelos neofascistas estadunidenses. No Brasil, o racismo aparece menos nos discursos.

Isso porque no Brasil “o discurso sobre a miscigenação entrou no imaginário nacional a partir da positivação encetada por Gilberto Freyre, dando origem ao mito da democracia racial” (SOARES DO BEM, 2005, p. 14). Essa ideia, que percorreu o tempo e foi reforçada inclusive pela Aliança Integralista Brasileira, acabou ganhando espaço entre os neofascistas locais como elemento unificador. Dessa forma, muitos desses militantes (com exceção dos envolvidos com o neonazismo) acreditavam que a união entre as três “raças” (os brancos, os negros e os indígenas) era a identidade étnica e histórica que sustentaria seus discursos. Já nos EUA, as noções que os neofascistas compartilham com a sociedade são diferentes.

Em agosto de 2014, na cidade de Ferguson, no Missouri, Michael Brown, um jovem negro de 18 anos, foi baleado múltiplas vezes por um policial branco. Isso e o fato de que o jovem estava desarmado, além da absolvição do policial, gerou não apenas amplos debates sobre o racismo na sociedade estadunidense de hoje, mas revoltas populares contra o crime⁶². Trata-se de um país onde a segregação racial levou bastante tempo para ser encerrada institucionalmente. Em razão disso, “cada comunidade vive separadamente, sem ser agitada por nenhum movimento separatista” (FERRO, 2008, p. 17), havendo a presença de guetos onde existe a busca pela afirmação de identidades estadunidenses diversas. Apesar de a segregação racial ter se dissolvido oficialmente no país, é necessário entendermos que ela ocorre ainda por meios informais. No Brasil não é diferente, embora não tenhamos, para além do desmanche do sistema escravocrata, tornado a segregação uma política de Estado declarada.

Além disso, devemos ressaltar que a busca por uma “supremacia branca” faz parte da cultura política estadunidense de forma mais acentuada em suas políticas de Estado desde a sua formação. Gerald Horne comenta que “não se pode começar a entender a política estrangeira dos EUA nesse século sem contemplar a raça e o racismo”, bem como “não se pode começar a entender a diminuição e o aumento da importância da raça e do racismo nessa nação sem contemplar um contexto global” (HORNE, 1999, p. 303, tradução nossa). Horne afirma que a cultura política racista dos EUA ocorre em seu âmbito interno e externo, restringindo a participação de outras etnias na vida política e social, compreendendo que elas representam uma ameaça à hegemonia branca, e intervindo em outras nações quando o domínio das elites brancas está ameaçado. Ou seja, sem a participação de outras etnias em sua formação cultural torna-se mas difícil aceitar o “Outro”. Torna-se um empecilho também aceitar o “Outro” interferindo em seus interesses internacionais.

A banda *Angry Aryans*, mais famosa no cenário neofascista nacional estadunidense, explorou essa cultura em músicas como *Condemned*, do CD *Old School Hate*, ao dizer: “Purifiquem nossa raça antes que ela morra/Não consigo lidar com a saturação desse esgoto/A mentalidade criminosa se espalhando como uma

⁶² Ver “Entenda o caso Michael Brown e os protestos em Ferguson” – Disponível em <<http://www.dw.com/pt/entenda-o-caso-michael-brown-e-os-protestos-em-ferguson/a-17861142>>. Acesso em 01/06/2016, às 20h40.

doença/Homens brancos se comportam como negros”⁶³. Afirmando que a raça branca está ameaçada, colocaram-se na posição de vulneráveis. Declararam que os negros foram responsáveis por comportamentos criminosos que degradavam a sociedade e interferiam na cultura.

Há nos EUA, com maior força nos estados do Sul, debates acirrados sobre causas raciais que perpassam décadas e mesmo séculos nos quais a cultura herdada genealogicamente pelos brancos é evocada. A presença de fortes organizações racistas como a Ku Klux Klan, que defende abertamente a segregação racial e busca afirmar a supremacia dos brancos inclusive por meio da violência, além de uma forte cultura racista em boa parte dessa região, dá respaldo aos discursos da banda. Eles se utilizaram da vasta compreensão cultural de que a segregação é fundamental para a manutenção de sua “raça” (compreensão essa que é histórica), tendo em vista um posicionamento vitimista inconcebível.

Diante desse contexto, “a ‘política do ressentimento’, com raízes numa religiosidade e num nativismo autenticamente americanos, ocasionalmente leva à violência contra alguns dos mesmos ‘inimigos internos’ atacados pelos nazistas” (PAXTON, 2007, p. 329). Isso torna mais simples a adesão à ideologias fascistas. Ao mesmo tempo, agregam novos desses “inimigos internos” a partir da suposta incompatibilidade deles com a nação que almejam. Por exemplo, no caso estadunidense os fundamentos cristãos podem aparecer como elemento constituinte dos neofascismos, que se mostram violentos contra grupos religiosos divergentes, caso dos próprios judeus. O mesmo pode ser dito sobre a ausência desse chamado “nativismo”, que está relacionado a uma genealogia europeia e essencialmente branca defendida pelos neofascistas.

O discurso da banda *The Voice*, na música *White Warrior*, segunda faixa do álbum *Verdunkeln*, nos chama a atenção: “No campo de batalha jaz outra vítima/ Ele lutou para salvar o seu país/ Ele morreu para salvar a sua raça/ E com sua espada ele assassinou seu inimigo/ Ele lutou contra eles até o fim”⁶⁴. A ideia de “raça” foi associada à de “país”, sendo necessário defender ambos, mas os confundindo. A ideia de uma guerra constante e permanente entre as “raças” foi abordada pela grande maioria das

⁶³ ANGRY Aryans. Condemned. In: **Old School Hate**. EUA: Resistance Records, 2001. Faixa 10. 01 MP3. Tradução nossa.

⁶⁴ THE Voice. White Warrior. In: **Verdunkeln**. EUA: Resistance Records, 1993. 1 CD. Faixa 02. Tradução nossa.

bandas estadunidenses pertencentes a esse gênero. Defender a “raça” branca assumiu um protagonismo exaustivo.

Atentemos para o posicionamento da banda e a postura de “guerreiros” que lutam em nome de uma causa. Aqueles que lutam, normalmente enfrentam um ataque ao que consideram justo e legítimo, como a igualdade ou a ampliação de espaço numa sociedade, como estamos acostumados a observar. No discurso da banda, o que aparece é uma falsa impressão de perda da hegemonia branca frente a outras “raças”. Em sua ânsia por eliminar os que consideravam seus inimigos, apelaram para uma cultura política que, em certa medida, lhes deu ouvidos e terreno para atuar.

A afirmação de si e contra aqueles que repudiam se converte em discurso de luta, tentando reverter a situação e buscando colocar os *skinheads* neofascistas e seus pares em uma posição histórica de grupo social em ameaça. Notemos que as convocatórias normalmente foram destinadas aos civis, como os *skinheads* e “o homem branco”. Isso demonstra a opinião dos neofascistas de que o Estado, as autoridades e as instituições não dispunham de meios para apoiá-los ou estavam contra eles, o que de fato ocorreu, pois suas ideias políticas vislumbram a agressão social declarada, seja nos EUA ou no Brasil. O ódio e a violência são indissociáveis dos neofascismos, estando assim sob a vigilância do Estado, seja ele de direita ou esquerda, que será criticado pelas bandas por supostamente defender seus “inimigos”, para logo se converter em um deles. Esses fatores parecem ser intrínsecos e não dependem da nacionalidade desses militantes.

No caso dos EUA nos anos 1990, governado por Bill Clinton, cuja simpatia por “correntes políticas de inspiração social-democrata” (sic) era considerável, bem como sua identificação com “movimentos progressistas” (ALMEIDA, 2011, p. 286). Ainda que tais aproximações levassem consigo a tradicional cultura política estadunidense, foi um cenário pouco favorável aos intentos imaginados pelos neofascistas. Diante de uma política de Estado de maior abertura e flexibilização, ainda que tímida, as propostas violentas das bandas do *Hate Rock* buscaram respaldo entre grupos insatisfeitos com o cenário presente. Por essa razão, por não estarem diante de um governo que minimamente atenda às suas idealizações extremistas, surge seu discurso vitimista.

Na Inglaterra dos anos 1990, o *British National Party*, que possuía uma agenda fortemente neofascista, lançou uma campanha intitulada *Rights for Whites*. Seu objetivo era defender as comunidades brancas do interior do país, sobretudo nas regiões em que alcançavam um maior número de votos e onde o senso de união por meio da noção de

“raça branca” e pertencimento nacional eram maiores. Seu discurso sustentava a ideia de que os brancos ingleses eram na realidade os principais afetados pelas tensões raciais e migratórias ocorridas no país, às quais o liberalismo parlamentar se mantinha passivo e a esquerda se mostrava aberta, sendo necessário um representante político que pudesse defender os “verdadeiros ingleses”. Difundiam uma noção equivocada de que os brancos, a maioria no país, eram os perseguidos e, nesse sentido, tentavam declaradamente imitar os movimentos sociais estadunidenses que lutavam pelos direitos dos negros (COPSEY, 2004).

As músicas tentam mostrar como as razões para lutar contra esses inimigos é legítima e direcionam seus potenciais militantes nesse sentido. O mesmo pode ocorrer em relação a bandas que disseminam discursos de esquerda, como muitas das que atuam no movimento *punk*, mas no caso do *Hate Rock* a história é reapresentada para mostrar movimentos sociais legítimos como inimigos da nação. Em movimentos sociais mais comuns, as críticas podem ser direcionadas ao racismo, à ausência de leis de inclusão, ao descaso em relação a certa identidade, à pouca participação de setores sociais nas decisões públicas; enfim, a tudo que se mostra política e culturalmente excludente. Assim sendo, os movimentos neofascistas estão impedidos de serem considerados movimentos sociais?

Para responder a essa questão, devemos atentar para outro importante problema que está ligado à definição científica e a regras que acabam ignorando possibilidades de flexibilizações do conceito de movimentos sociais. Ana Maria Doimo nos alerta para o fato de que os movimentos sociais de hoje, ao contrário dos que existiram no passado, “jamais reproduzirão o padrão clássico do conflito de classes porque as contradições agora são de outra ordem e porque os conflitos aí instalados são metapolíticos” (DOIMO, 1995, p. 46), uma vez que se pautam fundamentalmente nos valores e menos em reivindicações passíveis de negociação. Nesse sentido, aquilo que não era concebido como movimento social durante um período específico da história pode hoje ser visto como movimento social. Essa possibilidade gera indagações e levanta dúvidas.

Karl Schurster, ao debater as ideias de Ernst Nolte, explica que os próprios fascismos eram fenômenos metapolíticos, portanto, “algo que está além das compreensões habituais da política, algo que para Nolte, não poderia ser entendido pelas experiências passadas por romper com elas e apresentar uma nova experiência”, que estaria “além do já vivido, experimentado” (SCHURSTER, 2014, p. 49). Dessa forma, os fascismos exerciam um tipo de política estruturado em novas razões de existência e

de novas ações práticas para exercê-la. Tendo movimentado as massas, esses movimentos políticos permitiram que elas fizessem parte de sua caminhada e que elas os transformassem. Nos parece que essa característica vem resistindo ao tempo, embora as “massas” que seguem os fascismos hoje sejam diminutas.

Doimo afirma ainda, tecendo mais dúvidas em relação à já estabelecida e reforçada definição de movimentos sociais, que após 1970 os movimentos brasileiros assumiram outra postura, atuando em um campo ético-político. Assim, “a existência de uma sociabilidade comum a florada pelo senso de pertença a um mesmo espaço compartilhado de relações interpessoais e atributos culturais” (SCHURSTER, 2014, p. 68), desde códigos de identificação até linguagens próprias, influencia uma movimentação de sujeitos sociais, mesmo que estes estejam situados em meio a ideologias políticas neofascistas. Isso pode ser dito também sobre os EUA?

Até aqui não foi possível chegarmos a tal conclusão. No entanto, podemos constatar por meio de semelhanças e diferenças como os neofascismos atuaram nos dois países, para termos uma dimensão de suas buscas por se estruturarem como movimentos sociais de resistência (ainda que não sejam) que pleiteiem espaço político, além de suas capacidades de flexibilização e potenciais metapolíticos. Essas características se mostram importantes na tentativa de criar laços com a nação em questão, podendo manter práticas ou abandoná-las de acordo com cada contexto. Ao mesmo tempo, nos oferecem subsídios para entendermos se as semelhantes relações que estabelecem com a sociedade podem nos direcionar para uma conclusão a respeito do questionamento feito no parágrafo anterior.

Foi possível vermos que as bandas do *Hate Rock* de ambos os países, na condição de representantes de grupos neofascistas, buscaram no passado as referências para atuarem no presente. Apesar do abandono de alguns discursos do passado, mostrando que cada banda possui não apenas uma relação própria com os fascismos clássicos, mas também com os discursos que emitem, entre as bandas dos dois países houve o aparecimento de continuidades e também rupturas. Isso é resultante de um longo processo de transformações cuja origem está no fim dos fascismos como política de Estado e aparece em todos os tipos de neofascismos.

Essas rupturas dizem respeito, principalmente, aos novos “inimigos internos” criados historicamente pelos neofascismos. No caso brasileiro, vimos a complexidade que envolveu a presença de diferentes concepções de neofascismos em um mesmo território, ao passo em que bandas do Sul e Sudeste se manifestavam com ódio aos

nordestinos, mesmo que no Nordeste haja também a presença de neofascistas. Estes, por sua vez, configuram e flexionam sua ideologia para adaptarem-na ao seu contexto. Enquanto isso, nos EUA houve uma homogeneidade maior quanto à construção da ideia de nação e de quem deveria fazer parte dela ou não. Não há uma distinção étnica, por exemplo, entre regiões dentro do próprio país que possa ser vista em qualquer um dos discursos musicados que apresentamos ou mesmo em outros que não fizeram parte desse trabalho. Isso porque a cultura política estadunidense permitiu uma homogeneidade social mais estabelecida na qual são os não-estadunidenses que apresentam ameaça. Mesmo os negros nascidos no país são representados como agentes externos por terem supostamente se misturado àquela sociedade, mas não fariam parte dela historicamente. Não se distancia da forma como os judeus alemães foram tratados durante o regime nazista.

Apesar dessa diferença, os neofascistas dos dois países se colocam na mesma posição de vítimas ou de grupos ameaçados, que devem lutar contra seus inimigos e estabelecer suas nações ideais mesmo que por meio da violência. Para tanto, agiram como resistência política frente a uma história que consideraram construída pelos seus inimigos, que supostamente desfrutavam de um controle sociocultural mais amplo, responsável por marginalizar os *skinheads* nos dois países durante duas décadas diferentes. Visando pôr fim a esse dito controle, reforçaram sua oposição aos grupos que dizem ameaçá-los por não compactuarem com seus discursos e práticas. Buscando a liberdade para atuar em nome de práticas políticas desumanas, tentam restringir a liberdade de outros.

A oposição que se manifestou por meio dos discursos presentes no *Hate Rocke* se concretizou por meio da violência urbana, praticada por uma comunidade imaginada de soldados dispostos a usarem da violência para cumprirem seu papel dentro e fora dela. Portanto, em ambos os casos os crimes de ódio foram realizados em meio à busca pelo expurgo dos “inimigos” e pelo fortalecimento das identidades neofascistas que se explicitam nas músicas. Ela é incentivada pela música e exposta como meio de promover as mudanças que os Estados controlados por forças opostas (nesse caso, ambos estariam sob esse julgo) seriam incapazes de fazer.

Assim, podemos concluir que juntando a violência intrínseca aos fascismos clássicos com o uso da música como forma de direcionar movimentos humanos, o *Hate Rock* aparece como catalisador desses propósitos e lugar de questionamento dos neofascistas quanto a seus contextos sócio-políticos, seja no Brasil ou nos Estados

Unidos. Além disso, o gênero torna-se um campo de idealizações e difusão de suas ideias. Apesar de suas diferenças, ambos os países testemunharam agrupamentos neofascistas que adequaram seus discursos aos cenários e às culturas políticas onde viveram inseridos durante duas décadas subsequentes. Esse processo histórico tem intenções e motivações políticas, presentes em todos os casos averiguados. A forma como se relacionam com o presente é o que acaba por distinguir os discursos sobre os quais nos debruçamos. De todo modo, Brasil e EUA, apesar de suas aparentes distinções sócio-políticas e culturais, não estão tão distantes.

Enquanto os movimentos sociais tradicionais lutavam por inclusão, pela participação social de setores marginalizados, num processo que compreende o social como coletivo, questionando construções históricas que levaram ao seu afastamento do todo, os movimentos neofascistas apoiaram a exclusão, a violência e mesmo o extermínio daqueles que consideravam empecilhos aos seus planos políticos, às suas ideologias. Não há preocupações com qualquer coletivo ou sociedade que esteja além daquela que os circundam, daquela que apoia suas visões de mundo, comportamento evidenciado em ambos os países. Se os movimentos sociais buscam participação, sem discursar a favor da destruição violenta de outros grupos, os neofascistas agem exatamente ao contrário.

A agressividade, a violência e o ódio, mesclados a um permanente discurso de que há uma guerra a ser vencida, da qual devem sair vitoriosos apenas por meio da derrubada sangrenta de seus inimigos, é um fator aglutinador nesse ponto. A base de todo o discurso neofascista presente nas bandas do *Hate Rock* de Brasil e EUA é o ódio que lhe batiza. Há o discurso neofascista, a idealização social, a classificação dos inimigos e os meios para combatê-los. Por essa razão, os crimes de ódio são frequentes entre os militantes desses movimentos. Devemos pensar, no entanto, que embora o percurso pareça o mesmo, cada etapa dele é particular ao espaço que cerca os neofascistas, exceto os meios para concretizá-lo.

Portanto, podemos perceber como esses movimentos são incompatíveis com a sociabilidade, com políticas que buscam a inclusão do coletivo; ao contrário, apoiam um pensamento antissocial e que contempla apenas a parcela dos seus iguais, determinando, por meio do ódio, que os “Outros”, os diferentes, devem ser retirados da sociedade como forma de torná-la melhor de acordo com suas visões de mundo. É nesse sentido que seus discursos políticos caminham e tentam reelaborar a história.

No entanto, é mister levarmos em conta que, embora pratiquem atos politicamente antissociais, os neofascistas o fazem a partir de uma relação social, mesmo que desejem se desfazer dela. Sem esse contato, um movimento neofascista não existiria haja vista que seus discursos buscam uma reelaboração política e social. Não devemos desconsiderar as terríveis ameaças sugeridas por esses movimentos, como apresentadas nas músicas e aqui analisadas, e empreendidas por eles; é importante entendermos de onde resultam. Ou seja, é necessário pensarmos que seus pressupostos políticos são formados a partir da visão de sociedade que possuem, não sendo possível desassociá-los da malha social que buscam excluir de maneira aterradora. A transformação dos fascismos na atualidade responde a contextos presentes e é exercida por aqueles que veem em tais ideologias as soluções para o que compreendem como problemas sociais, bem como para o reerguimento da nação.

CAPÍTULO 3 – HATE ROCK E NEOFASCISMOS: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE BRASIL E ESTADOS UNIDOS (1990-2010)

Ao se tornarem novos movimentos de caráter popular, muito embora mais dispersos e menos aceitos, os neofascismos reestruturam ideias antigas e transmitem para o presente práticas desenvolvidas no passado. Esse exercício é parte de um processo no qual ações praticadas no passado não se repetem, mas são intencionalmente transformadas para continuarem funcionando. Nesse sentido, vem sendo necessário um esforço humano e coletivo capaz de criar novas formas de atuar e suprir suas necessidades violentas frente aos ressentimentos atuais desses militantes. Ao passo em que vemos a permanência de discursos, como o antiliberalismo, o anticomunismo, o nacionalismo extremado do qual resultam uma xenofobia e um chauvinismo violentos e, muitas vezes, práticas antisemitas e racistas, vemos também novos discursos que emergem de diferentes culturas políticas (TEIXEIRA DA SILVA, 2004a).

Por um lado, o chauvinismo típico dos fascismos clássicos, que implica na insistente adoração ao que é nacional e um repúdio feroz sobre o que é externo à nação se estende para além das fronteiras geográficas o tempo, fazendo-se presente nos discursos proferidos por neofascistas brasileiros e estadunidenses. Por outro lado, a xenofobia decorrente desse chauvinismo, essa desconfiança ou temor pelo que não é parte da nação, se manifestará de forma diferente nos dois casos. Por vezes, esses discursos serão proferidos por brasileiros contra os estadunidenses e vice-versa.

A remodelação dos fascismos no presente é um movimento constante de aproximação e de distanciamento com o passado, sempre tendo o nacionalismo como canal e independentemente de relações políticas de proximidade entre os movimentos neofascistas de diferentes países. Esse nacionalismo pressupõe a ideia de que a nação, seja ela qual for, precisa ser forte novamente, idealizando um passado de glórias que, por vezes, existe apenas no plano das ideias. Para tanto, a nação deveria recuperar suas tradições culturais. Ressentidos com os políticos que responsabilizam pela decadência nacional, os neofascismos trataram-nos como inimigos ferrenhos e assumiram com frequência posturas fortemente antiliberais e antissocialistas. Apontaram esses inimigos históricos como responsáveis pela perda de valores que consideram prioridade, como a preservação nacional. Discursam contra o materialismo capitalista e a democracia liberal que supostamente havia permitido a presença de imigrantes e a assistência a eles em seus países, enquanto a população nacional sofria os reveses das crises permanentes.

E em sua ânsia por recuperarem uma dita grandeza nacional, defendem agendas que excluem grupos étnicos por intermédio de discursos abertamente racistas e imbuídos de ressentimentos.

Assim, “o nacionalismo é um componente fundamental das ideologias de direita”. Elas partem de “concepções do darwinismo social” por meio do qual exerceram “e continuam a exercer uma violenta, xenófoba e elitista exclusão dos antípodas de seus respectivos projetos de Estado, fundamentados em visões organicistas de ordenamento social” (BARBOSA, 2015, p. 21). Os fascismos levaram esse componente a níveis extremos que são reelaborados nos dias atuais. Essas concepções deixam seu berço para ganhar novas formas de ação sob visões de mundo e histórias das mais distintas, servindo a interesses que não necessariamente se assemelham por completo aos dos fascistas do passado.

Como mencionamos em nossa introdução, há importantes debates a respeito da impossibilidade de existência dos fascismos longe do recorte espacial e temporal que abrange somente os regimes italiano e alemão. Não sendo nosso objetivo nos prolongarmos nessa complexa análise em torno da universalidade ou não dos fascismos, é fundamental para nós distinguirmos os fascismos como movimentos e os fascismos como regimes para, assim, compreender a impossibilidade de seu aprisionamento temporal e espacial. No primeiro caso, é possível percebermos a existência dos fascismos em movimentos políticos que surgiram depois do fim da Segunda Guerra Mundial, uma vez que tratamos das práticas políticas por eles perpetradas; o segundo caso entendemos não ser pertinente ao nosso debate, pois não houve qualquer regime de Estado igual aos ocorridos na Itália e na Alemanha em outros países (BARBOSA, 2015).

Por essa razão, Francisco Carlos Teixeira da Silva (2004) nos sugere que façamos um exercício de anatomia dos neofascistas, e não de seus inimigos. Isso nos permite compreender como seus militantes conduziram os fascismos no tempo até os dias atuais e para além de fronteiras físicas. É dessa forma que compreenderemos as particularidades de seus discursos de ódio, tão disseminados nas letras do *Hate Rock*, como instrumento de energização política e narrativa de comportamentos políticos próprios a um contexto específico, ainda que compartilhem denominadores comuns. A frieza e a busca incessante pelo distanciamento do “outro”, a fim de afirmar cada vez mais quem são os verdadeiros membros da nação e tornar falsamente justificável a violência aos que não o são, são permanência dos fascismos clássicos. O que muda são

os meios para realizar tais práticas, bem como se acrescentam novas características específicas do tempo e espaço em que estão situados.

3.1. – Ódio nacionalista: a pedra fundamental dos neofascismos

Após 1945, os esforços para exibir ao mundo os terrores provocados pelos fascismos, em especial pelos nazistas, fizeram com que esses fossem duramente rejeitados, e mesmo criminalizados, ainda que seus seguidores remanescessem. Os órfãos dos regimes fascistas europeus, tão logo findou a guerra, buscaram se reestruturar e manter movimentos que dessem continuidade a suas ideologias políticas. E embora Itália e Alemanha tenham, nos anos 1960, testemunhado a existência de partidos fascistas que foram vigorosamente abatidos pelas leis locais, muitos movimentos estariam ainda a crescer. Isso porque, diante da criminalização de suas ideias, seus militantes buscaram recursos para amenizar seus discursos e encaixá-los em cenários políticos recentes, além de se colocarem em posição vitimista, alegando perseguição política (COPSEY, 2004), como visto no capítulo anterior.

Podemos dizer que, “assim, ao longo dos anos 60 e 70 [do século XX], nada permitia prever a possibilidade de um amplo movimento de massas, capaz de levar ao poder pela via do voto um partido de caráter fascista” (TEIXEIRA DA SILVA, 2004b, p. 607). Isso mudaria ao passo em que esses movimentos, buscando participação ativa no cenário e nas decisões políticas, afastariam-se dos símbolos e das agendas explícitas dos fascismos clássicos, reelaborando seus perfis e transmitindo as ideologias fascistas sob novas perspectivas. Tudo isso dialogando com os ressentimentos e as crises estruturais de sua época. Dessa forma, “os temas tradicionais do fascismo, particularmente o ataque às instituições democráticas e o racismo, eram, provisoriamente, deixados em segundo plano” (TEIXEIRA DA SILVA, 2004b, p. 607) na tentativa de ganharem legitimidade.

Ocorre que o contexto no qual essas transformações ganharam mais força e possibilitaram uma ascensão mais ampla de movimentos e partidos neofascistas, é o contexto de uma Europa que saía da polarização política centrada na dinâmica da Guerra Fria, em fins dos anos 1980, para entrar em um momento de hegemonia das políticas liberais. A luta contra o comunismo, que ainda era a chave dos discursos neofascistas durante a Guerra Fria, seria transformada em uma luta pela preservação nacional contra os migrantes que deixavam os antigos países soviéticos. Isso, fora o

desemprego estrutural “e as práticas liberais dos novos regimes, ao lado da presença dos imigrantes – em especial islâmicos e ciganos – constituir-se-iam nos alvos centrais do ressurgimento dos fascismos” (TEIXEIRA DA SILVA, 2004b, p. 607).

Essas versões presentes dos fascismos estão impregnadas de interferências intencionais que possibilitaram-nas agir em contextos múltiplos, buscando neles os referenciais para o desenvolvimento e prática de seus discursos. Em meio a isso, tentaremos perceber como esse processo gerou contradições e particularizou as ideologias, ainda que seu cerne permanecesse intacto e compartilhado. A presença desse denominador comum, que se resume pela definição de Paxton (2007), é o que buscaremos entre os neofascismos do Brasil e dos Estados Unidos.

Ao mesmo tempo, atentando para as diferenças entre os discursos neofascistas dos dois países, perceberemos como o esforço para conquistar o poder sobre a legitimidade dos mesmos expõe nuances desse processo. Considerando que se trata de dois países com significativas diferenças em termos de culturas e cenários políticos, no espaço de tempo que vai de 1990 a 2010, perceberemos que entre as semelhanças e diferenças há rupturas e continuidades capazes de sintetizar a conversa entre as bandas do *Hate Rock*, representantes dos neofascismos no presente, com o passado. Mais do que isso: nos mostrará como ideologias do passado atualmente são flexibilizadas para atender a concepções políticas específicas e mútuas. Entre essas semelhanças está a disputa por um monopólio sobre quem, de fato, é fascista ou não.

Os neofascismos, como veremos, se ocupam de uma busca por essa restauração moral e política da nação, se voltando às nações nas quais estão instalados os seus militantes. O nacionalismo ao qual se ancoram não é “uma inflamação da consciência nacional que pode ser, e por vezes foi, tolerante e pacífico”, mas o resultado “de uma ferida, de uma humilhação coletiva” (BERLIN, 1993, p. 433)⁶⁵, cujo resultado é o ressentimento do qual se utilizarão para comover outros indivíduos. Os neofascismos possuem, como os fascismos clássicos, uma forte crítica ao internacionalismo. Ainda que movimentos de *skinheads* em todo o mundo acabem dialogando de alguma forma, cada um deles se deterá ao seu território nacional. Esse nacionalismo “por definição exclui de sua alçada todos os que não pertencem à sua própria nação, ou seja, a grande maioria da raça humana” (HOBSBAWM, 1992, p. 176). Portanto, as características

⁶⁵ Tradução nossa.

nacionais de cada um deles serão exaltadas para que tentem justificar a sua superioridade.

José Carlos Mariátegui, que escreveu sobre o fascismo italiano como testemunha viva de seus primeiros passos, nos dá suas impressões sobre o programa do “fascio”:

Seus dirigentes declaram que sua bússola é a nação e que consultarão seus interesses supremos para resolver qualquer problema, considerando-a em sua expressão geral e histórica de coletividade étnica contínua. Acreditam que o interesse nacional é superior aos interesses pessoais, aos grupos e às classes, às próprias contingências de uma geração, pois com frequência deve sacrificar-se uma geração inteira no interesse das gerações futuras (2010, p. 154).

Ou seja, embora isso não tenha sido de fato praticado⁶⁶, a nação se torna a prioridade do Estado fascista e ele estabelece seus membros e seus “inimigos” políticos e culturais, bem como os caminhos e regras para a unidade nacional. Uma dessas regras é que apenas os membros da nação possam decidir o seu destino, o tanto quanto for possível, em um regime tão autoritário. Isso resultou em um cerceamento dos direitos individuais daqueles que não atendem a essas exigências. Essa unidade e esses “inimigos” são estabelecidos conforme as particularidades históricas e conveniências italianas, assim como foram estabelecidos na Alemanha⁶⁷.

Fica claro também, segundo Mariátegui (2010), que tanto o individualismo liberal quanto a consciência de classes comunista devem ser derrubados para a construção de um corpo social sólido e unido, orgânico, uma nação que se baseia em sua história para se revitalizar. Porém, o passado histórico pelo qual a nação deve se guiar é uma construção que não dispõe verdadeiramente das qualidades apresentadas

⁶⁶ Eis aí um dos grandes debates que envolvem o problemático uso do termo “totalitarismo” para abordar regimes políticos fascistas. Este pressupõe a existência de um organicismo total, um corporativismo completo, quando em realidade ele não houve, pois a luta de classes não foi abolida por esses regimes, bem como as opiniões e posições individuais em relação a eles. Seja na Itália ou na Alemanha, as diferenças sociais permaneceram e a satisfação com os regimes não era total. Há quase um consenso de que o regime italiano não se constitui exemplo de totalitarismo. Hanna Arendt (1989) entende que a Alemanha, sob Hitler, e URSS, sob Stalin, seriam regimes totalitários. Esse conceito que surge no imediato pós-primeira guerra empregado tanto por fascistas (Mussolini) quanto marxistas (Kautski) gera muita confusão e imprecisão. Além disso, a sua reelaboração por Arendt (1989) e outros serviu como um instrumento de luta ideológica no contexto da Guerra Fria.

⁶⁷ Foi conveniente aos dois regimes estabelecer alianças com o capital financeiro, a fim de criarem sustentáculos para suas escaladas ao poder. Apesar do latente antiliberalismo e anticapitalismo dos movimentos fascistas, o grande capital financeiro contribuiu em muito para o fortalecimento de Mussolini e Hitler, preferíveis em relação aos comunistas que ganhavam cada vez mais força. Para os grandes empresários, seus interesses estariam mais seguros com os fascismos, o que de fato ocorreu.

pela narrativa nacionalista. Seja na Itália e na Alemanha dos anos 1920, seja no Brasil e nos EUA das duas últimas décadas.

Segundo Eric Hobsbawm (1992), definir um conceito para o nacionalismo implica não se deter apenas às características objetivas que, desde o século XIX, vem sendo utilizadas para tal fim. Uma definição de nação dada por seus membros simplesmente pela sua constituição étnica, linguística e territorial, como ocorreu com os fascismos, corre o risco de ser questionada uma vez que tais elementos são instáveis e mutáveis. Todavia, as características subjetivas que podem definir a nação também são problemáticas. Ainda de acordo com o autor, a nacionalidade não pode ser definida meramente por dimensões políticas ou culturais como corriqueiramente ocorre entre os neofascistas, bem como não se institui pela simples vontade de pertencimento de seus membros ou por um passado histórico exclusivo compartilhado, pois dificilmente essa distinção existe como é exibida. É preciso unir ambas perspectivas para irmos além.

Da junção dessas perspectivas surge a ideia de que a nação é uma busca por união entre pares e afastamento entre estes e seus díspares. Tentam estabelecer quem pertence e quem não pertence a ela, algo forjado na Revolução Francesa e na formação dos primeiros Estados-nação que, na ânsia por tornarem-se autônomos, inventaram fundamentos históricos para mostrar que a vontade do povo comum ligado por um considerável número de características era superior à de um déspota, delimitando as necessidades de sua autonomia. Busca também fornecer aos “Estados falidos” os recursos para “fortalecer suas bases nacionais” (BOSWORTH, 2007, p. 07)⁶⁸, encorajando as massas a defendê-lo.

Frente à crise que se instalou no pós-guerra em 1918, os fascistas que Mussolini organizou acreditavam que os políticos liberais no poder eram incapazes de promover a autonomia e a união dos italianos, que dependiam de um vigoroso exercício de energização nacional e de um Estado forte. Apesar de a Itália estar do lado vencedor, um forte ressentimento surgiu do fato de haver sido tratada como parceira de segunda categoria, vendo negados seus objetivos por Inglaterra e França. Além disso, na Alemanha, os liberais foram culpados de haverem se submetido aos vencedores e aceitado tratados que os nazistas, sobretudo os veteranos da guerra imbuídos pelo nacionalismo extremado, consideravam humilhantes. Dessa forma, quando findou a Primeira Guerra Mundial, Mussolini “cunhou o termo *fascismo* para descrever o estado

⁶⁸ Tradução nossa.

de ânimo do pequeno bando de ex-soldados nacionalistas e de revolucionários sindicalistas pró-guerra que vinha reunindo ao seu redor” (PAXTON, 2007, p. 15). A guerra é, como sabemos, um dos fundamentos dos fascismos clássicos e responsável por incentivar as massas em favor da nação e contra os inimigos, que deveriam ser combatidos incessantemente.

Ocorre que:

movimentos não tradicionais da direita radical haviam surgido em vários países europeus em fins do século XIX, em reação ao liberalismo (isto é, à transformação acelerada das sociedades pelo capitalismo), à ascensão dos movimentos da classe trabalhadora, e, de maneira geral, à onda de estrangeiros que invadia o mundo na maior migração de massa da história até aquela data (HOBSBAWM, 1995, p. 122).

Constata-se que esses movimentos, precursores dos fascismos, lideraram lutas contra as transformações liberais, mas também investiram contra as consequências dessas mudanças, que se apresentavam sob a forma de ideologias de esquerda, como o comunismo, e a mistura entre culturas possibilitada pela convergência de diferentes povos e nações europeias distintas. É nesse contexto que o nacionalismo ganha espaço e se torna a principal bandeira dos movimentos fascistas, que depois chegarão ao poder. Uma vez no poder, os fascismos buscaram garantir que a nação se mantivesse unida como um organismo vivo, defendendo-se de ameaças internas e externas a esse sistema.

Para os neofascistas do Brasil e dos EUA, como veremos nas músicas do *Hate Rock*, os Estados nos quais estavam inseridos eram incapazes desse feito, permitindo que os “inimigos” nacionais não apenas tivessem liberdades, como também participassem da vida política de suas nações. Eis aí a alusão aos ressentimentos tão importantes para esse comportamento político. E se para os neofascistas o Estado é um dos mecanismos que organizam a nação, tornava-se necessário que ele não fosse controlado pelas forças que eles repudiavam e que segundo a sua perspectiva impediam a existência de uma nação de acordo com suas idealizações, frequentemente disponibilizadas nas músicas. Por essa razão, os discursos musicais buscavam pressões políticas que revertissem essa situação. Ao mesmo tempo, reforçaram a necessidade de ações civis à margem do Estado para sanar o que consideravam feridas políticas.

Essas músicas convocaram indivíduos e grupos sociais a lutarem em nome da nação – ainda que esse ideal possa variar – ao apresentarem suas versões do presente,

buscando tangê-los e atraí-los para as causas que expuseram e defenderam. Forneceram subsídios para pensarmos essa “preocupação obsessiva” com a nação e, principalmente, a busca por uma unidade disposta em torno de sua defesa, mesmo que para isso necessitassem empreender essa tal “violência redentora”. Entre o passado dos fascismos históricos e o presente dos neofascismos, veremos o que mudou e por que tais mudanças ocorreram com o objetivo de transpor ideias e práticas do passado para um período que circunscreve as duas últimas décadas, bem como para territórios nacionais tão distintos.

3.2. – Em nome da nação: O *Hate Rock* como lugar de idealização política nacionalista

Que a nação à qual pertencem os *skinheads* neofascistas deveria ser salva dos “inimigos” políticos internos e externos demonizados por eles, é um consenso que pode ser facilmente apreendido por meio dos discursos musicais no *Hate Rock*. Cultura, soberania e etnia são frequentemente mencionados como delimitadores nacionais em ameaça, sobre a qual os Estados se mantêm alheios. Esses Estados, por sua vez, não foram guiados pelas mesmas mãos durante o período que vai de 1990 a 2010, seja no Brasil ou nos EUA. Portanto, as relações desses Estados com a nação foram diferentes em cada território e também entre os dois países. Ao mesmo tempo, essa dinâmica modificou em parte a cultura política de ambos.

Nos anos 1990, o Brasil testemunhou o crescimento das políticas liberais e projetos para uma “nova” democracia após anos de ditadura militar. O liberalismo, expressivamente praticado durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, mas iniciado com Fernando Collor, provocou uma drástica redução da participação do Estado no saneamento de agudos problemas sociais. Como consequência disso ocorreu o surgimento de novos agentes políticos civis obrigados a “assumir as responsabilidades sociais evitadas agora pelo Estado neoliberal em processo de encolhimento” (ALVAREZ; DAGNINO; ESCOBAR, 2000, p. 15). Esses agentes políticos organizados em movimentos sociais atuaram ideologicamente em defesa de seus interesses e demandas. Em alguns casos, os movimentos políticos defenderam causas extremistas, como grupos neofascistas.

É importante lembrarmos que a vitória do projeto neoliberal brasileiro acompanhou “uma tendência regional e mundial, sob o impulso da derrocada dos regimes do chamado ‘socialismo real’ e do Consenso de Washington” (KAYSEL, 2015,

p. 69). Portanto, um momento no qual os representantes da esquerda se encontravam fragilizados e impopulares. Prova disso foi a vitória de Fernando Collor, um jovem novato pouco conhecido nacionalmente, sobre Luís Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores (PT), já reconhecido mas fortemente ligado a bases políticas que foram associadas a um perfil político recentemente fracassado.

Sendo o liberalismo uma versão atualizada de um sistema político e econômico do passado ao qual os fascismos eram opositores, os neofascistas se voltariam contra ele por razões semelhantes, sobretudo por sua visão de democracia. Em 1995, portanto no primeiro ano do primeiro mandato do presidente FHC, a banda “Defesa Armada” expressou sua crítica frente à democracia liberal recentemente implantada, na música “Excesso Democrático”, do disco “São Paulo Paulista”:

A democracia foi longe demais
Excesso de direitos individuais
Inútil, assalta usando nosso aval
A liberdade destrói nossa nação
Direito total e votos pra todos
Fazendo de nós o papel de tolos
Os burros, os tolos e todos vadios
Decidem o futuro da nossa nação

O acesso fácil às vias da justiça
Criou uma arma terrível, poderosa
Na mão de pessoas cretinas
Nem deveriam nascer
Temos direitos iguais na justiça
Os mesmos que tem os vadios⁶⁹

Embora a banda tenha evocado uma postura aparentemente apenas nacionalista, podemos ver na letra de “Excesso democrático” uma série de evidências sobre sua postura neofascista que se confirma em outras músicas. Em primeiro lugar, o discurso antidemocrático e contrário aos direitos individuais tão fortalecidos pelo liberalismo é intrínseco aos neofascistas, pois seu comportamento político caminha na direção de um corporativismo sob a tutela de uma autoridade forte. Sabemos que “os fascistas denunciavam a emancipação liberal” (HOBSBAWM, 1995, p. 121), que modificava dinâmicas sociais como a participação da mulher no mercado e o direcionamento deste em função de interesses privados. Soma-se a isso a declaração de Mussolini sobre os

⁶⁹ DEFESA Armada. Excesso democrático. In: **São Paulo Paulista**. São Paulo: Independente, 1995. Faixa 09. 1 CD.

questionamentos dos democratas a respeito do programa fascista, dizendo que esse consistia em “quebrar os ossos dos democratas, o quanto antes for possível” (BOSWORTH, 1998, p. 39)⁷⁰, reforçando a postura antidemocrática ressentida do fascismo.

O que incomodava os compositores da música era o fato de a democracia liberal possibilitar a intervenção de todos na vida política brasileira, inclusive indivíduos que eles consideravam inaptos para decidir os rumos nacionais por não estarem inseridos em suas noções de nação. “Os burros, tolos e todos vadios” não deveriam, segundo a letra, ter liberdade para esse tipo de participação. Essa liberdade é criticada e sinaliza para a defesa de um regime político que atuasse na contramão desses direitos. E mais: os que deveriam ser impedidos de participar das decisões políticas nacionais eram parte dos grupos que os fascistas normalmente rejeitavam no curso do darwinismo social que seguiam. A banda emitiu oposição a qualquer igualdade em relação a eles. Por sua distinção, acreditavam-se superiores. A nação não deveria, de acordo com suas palavras, sofrer a interferência de seus díspares.

Algumas faixas antes, em “Sistema social”, a mesma banda disse: “A democracia é falsa liberdade/Somos os reféns de um sistema social”⁷¹. Não apenas a democracia foi criticada como sistema falho, mas acusaram-na de tirarem suas liberdades por se tornarem reféns, num claro discurso de vitimização. Isso ocorreu devido a ideia de que os inimigos da nação estariam interferindo em seu funcionamento e se utilizando de sistemas políticos como o liberalismo para tanto. Colocaram-se na posição de vítimas porque não podiam expressar seus discursos de ódio livremente, como já ressaltamos. Para os neofascistas, democracia e liberdade restringem suas ideologias e deformam a nação.

Essa posição não se modificou entre os neofascistas brasileiros no alvorecer do século XXI, já no final do segundo mandato de FHC. Quem nos mostra isso é a banda paulistana “Brigada NS”, surgida no final dos anos 1990 e talvez o nome mais famoso entre as bandas neofascistas do Brasil. Trata-se de um conjunto que apoiou declaradamente o nazismo: o “NS” de seu nome é uma sigla para nacional-socialismo e a capa de seu primeiro e único disco, “O retorno da velha ordem”, de 2001, é ilustrada por um guerreiro ariano e uma suástica. Atentemos ao que diz o restante da letra de

⁷⁰ Tradução nossa.

⁷¹ DEFESA Armada. Sistema social. In: **São Paulo Paulista**. São Paulo: Independente, 1995. Faixa 05. 01 CD.

“Judeocracia”, presente no referido álbum e abordada no capítulo passado: “A democracia age sempre assim/Se precisa até a merda da ONU lhe garante esse fim/Todo dia, toda noite eu tenho de suportar/A tão dita democracia democraticamente tentando nos calar”⁷².

Podemos concluir que a democracia foi instaurada e mantida por organizações específicas, como a Organização das Nações Unidas, ao menos de acordo com o que foi apontado pela banda. Essa democracia, respaldada por tais instituições, seriam responsáveis por uma repressão voltada à ideologia da banda e de todos que ela em tese representava. Para eles, as forças que conduziam a democracia eram suas inimigas e por essa razão lhes silenciaram. Por se tratar de uma música chamada “Judeocracia”, fica evidente que a tradição antissemita nazista foi evocada para definir um inimigo, suposto responsável pela democracia como um instrumento em benefício próprio que, conseqüentemente, sufocaria os neofascistas. No entanto, a democracia aparece sempre atribuída à forças políticas inimigas, sejam quais forem. A nação, portanto, não deveria ser democrática pois seria comandada por poderes externos que não dispõem dos elementos necessários para ser parte dela.

O ódio antidemocrático dos neofascistas, consonante com os fascistas do passado, ocorre devido ao fato de que os fascismos optam por uma reformulação das “relações entre o indivíduo e a sociedade, de forma que um indivíduo não tivesse qualquer direito externo ao interesse comunitário” (PAXTON, 2007, p. 28), ao menos em tese. Essa é uma permanência que necessita ser enfatizada como essencial nos neofascismos, pois diz respeito à forma ideal que compreendem para o funcionamento político da nação. Além disso, o discurso de que os vencedores impõem a “verdadeira história” é usado pela banda tendo em vista sua vitimização, levando esse discurso a uma disputa por poder.

Essa característica dos neofascismos se torna, ao menos no caso brasileiro, mais específica se pensarmos que em meio às disputas eleitorais ocorridas em 1989 e 1994, a direita necessitou reorganizar seus discursos frente ao desgaste do regime militar recém encerrado. Além disso, a fundação do PT e da Central Única dos Trabalhadores (CUT) sinalizava para uma clara organização da esquerda buscando força política. Enquanto a direita “se reinventava para responder à ofensiva da esquerda, em uma conjuntura na

⁷² BRIGADA NS. Judeocracia. In: **O retorno da velha ordem**. São Paulo: Divisão 18, 2001. Faixa 02. 01 CD.

qual confluíam a transição democrática e uma profunda crise econômica e social” (KAYSEL, 2015, p. 68), parte convergiu em direção ao liberalismo enquanto outra parte se radicalizou.

Nas duas últimas décadas, o Brasil viu florescer partidos políticos que, diante do domínio hegemônico liberal, ganharam espaço no cenário eleitoral por propor agendas conservadoras e pautadas no chauvinismo, já desde o final dos anos 1980. Dois exemplos são o Partido da Reedificação da Ordem Nacional (PRONA), liderado pelo caricato Enéas Carneiro, e o Partido Nacional Socialista Brasileiro (PNSB), além de tentativas de rearticulação do integralismo (BARBOSA, 2015). Embora radicais em diferentes níveis, cada um erguendo suas cortinas de diferentes formas e revelando o que pensam conveniente sobre suas agendas extremistas, foram organizações políticas fortemente críticas ao liberalismo com as quais muitos neofascistas se identificaram.

Essa permanência não é restrita aos neofascismos brasileiros. A banda estadunidense *The Voice*, contemporânea à “Defesa Armada”, lançou em 1995 o disco *Rage*, no qual há uma faixa intitulada *Hang'em High* (“enforcem-nos no alto”). Nela ouvimos:

Votamos em políticos e tentamos levantar nossas vozes
 Parece que eles venderam nosso povo
 Por liberdades de escolhas próprias
 Agora eles pensam que somos suas posses
 Pensam que nossas vozes estão mortas
 Se eles continuarem a foder conosco
 Começaremos a esmagar cabeças

Todos os dias eles criam leis para encobrir suas mentiras
 Tentam tornar as coisas difíceis para nós
 Estamos lutando por nossas vidas
 Se não ficarmos de pé e lutarmos por nossa nação
 Não haverá futuro para o homem branco

Ei, políticos! Quem vocês pensam que são?
 Sentados em Washington, vendendo o homem branco
 Por quanto tempo vocês acham que sobreviverão?
 Agora acordamos e vamos enforcá-los lá no alto.⁷³

O sistema político estadunidense vigente, sob o comando geral do então presidente Bill Clinton, parecia incapaz de lidar com as necessidades nacionais

⁷³ VOICE, The. *Hang'em high*. In: **Rage**. St. Paul: White Terror Records, 1995. Faixa 03. 01 CD. Tradução nossa.

reclamadas pela banda, além de reprimir e rebaixar os seus camaradas, como costumam se chamar os *skinheads* neofascistas. Os políticos que representavam a força estatal estariam sendo responsáveis pelo abandono daqueles que, dizem, estavam lutando por uma nação íntegra. Nação que, segundo esse ponto de vista, pertence aos brancos, haja vista duas menções ao fato de a hegemonia da “raça” branca estar sendo prejudicada pelas ações governistas e sua passividade frente a problemas que os neofascistas consideram prioridade. A própria questão racial é uma delas, mas falaremos sobre isso mais tarde.

Por enquanto, discorreremos sobre como a banda se posicionou em relação à democracia e ao liberalismo estadunidense com o qual conviviam. As “liberdades de escolhas próprias” tomadas pelos políticos só seriam possíveis diante de uma dinâmica política na qual tais liberdades seriam aplicáveis, especialmente no que diz respeito às individualidades. Reforçam, portanto, a ideia de que um Estado forte necessita direcionar a sociedade para defender a nação. As “leis para encobrir suas mentiras” também remetem à forma como a política vinha sendo exercida erroneamente, ao menos de acordo com a banda.

Ela faz uma ameaça, na qual sugere “esmagar cabeças” e “enforcar políticos” caso suas vozes não sejam ouvidas. Essas vozes representam o ódio ao diferente e a tudo aquilo que não se encaixa em seus modelos de nação. Forjam, olhando para o passado, um inimigo político a ser exterminado. Lançam mão do ódio que fundamenta os discursos das bandas ligadas ao gênero para transmitir e incitar uma revolta, cujas direções para atuar são estabelecidas. Nesse caso, a política de Estado estadunidense é incompatível com os desejos de nação neofascistas. Com isso, os movimentos neofascistas buscam, converterem-se em resistência.

Para tanto, o que os neofascistas estadunidenses tentam é dialogar com uma cultura política local que permeia a sua sociedade, embora não possua qualquer respaldo oficial no presente. A música *White nigger loser* (“branco-negro perdedor”, em referência a um indivíduo branco que, dizem, não é digno de sua “raça”), faixa 03 do disco *Old School Hate*, de 2001, da banda *Angry Aryans*, diz: “O negrinho tem um amiguinho que se chama branco liberal/O negrinho estupra sua mulher durante o dia e rouba seu dinheiro à noite/O branquelo é desleixado e deixa o negrinho escapar”⁷⁴.

⁷⁴ ANGRY Aryans. *White nigger loser*. In: **Old School Hate**. Hillsboro: Resistance Records, 2001. Faixa 03. 01 CD. Tradução nossa.

Para os neofascistas estadunidenses, o racismo é prioridade e particulariza seus discursos. Novamente adiaremos o debate sobre essa questão para nos determos às contrariedades da banda a respeito de como a política liberal fracassa. Para eles, o “branco liberal” é um dos responsáveis pela decadência nacional, particularmente por permitir que os chamados inimigos atuem livremente em sociedade. Esse indivíduo, que representa um todo na interpretação da banda, estaria prejudicando a nação e seus componentes por praticar um tipo de política considerada conivente com tudo que a banda despreza e que origina seu ressentimento. Ao dizerem que “o negrinho tem um amiguinho que se chama branco liberal”, especifica que tipo de indivíduos querem criticar e como a política liberal é nociva aos seus interesses nacionais por não restringir as liberdades dos negros.

E se, por um lado, as políticas liberais recentes são alvo das críticas neofascistas, por outro a esquerda, sobretudo a comunista ou socialista, também é atacada. No disco *Verdunkeln* (1993), da já mencionada banda estadunidense *The Voice*, o ódio ao comunismo aparece em duas ocasiões. Na faixa *The Voice* eles cantam: “Somos a voz que luta contra o comunismo/Somos a voz do nacional-socialismo/Somos a voz e estenderemos nossa bandeira no alto/Somos a voz e não vamos morrer”⁷⁵. Seu discurso sinaliza para uma oposição ao comunismo que é resultante imediato de sua adesão ao nazismo, cujo ódio é parecido com aquele destinado aos liberais.

Eric Hobsbawm nos diz que “a ascensão da direita radical após a Primeira Guerra Mundial”, incluindo os fascismos, “foi sem dúvida uma resposta ao perigo, na verdade à realidade, da revolução social e do poder operário em geral, e à Revolução de Outubro [de 1917]” (HOBSBAWM, 1995, p. 127), que colocavam o socialismo e o comunismo como alvos do grande capital financeiro que, de forma contraditória, seriam apoiadores do fascismo, preferível à “ameaça vermelha”. Sem esse apoio, dificilmente os fascistas chegariam ao poder na Europa, atenta à Revolução Bolchevique. Essa, porém, não foi a única razão pela qual o fascismo foi uma reação ao comunismo. Ocorre que os fascismos, bem como o restante da direita radical europeia, rejeitavam “todos os movimentos que ameaçavam a ordem existente da sociedade ou podiam ser culpados pelo seu colapso, especialmente a classe operária organizada” (HOBSBAWM, 1995, p.

⁷⁵ VOICE, The. *The Voice*. In: **Verdunkeln**. Michigan: Resistance Records, 1993. Faixa 11. MP3. Tradução nossa.

128). Soma-se a isso o internacionalismo comunista que nadava contra a corrente do nacionalismo fascista.

Ainda no mesmo disco, na faixa anterior à música previamente mencionada, a *The Voice* nos mostra um discurso mais enfático sobre a postura que deve ser tomada contra o comunismo, na música *Warrior's Call* (“chamado do guerreiro”): “Chegou a hora de ouvir o chamado do guerreiro/Para erguer-se e lutar/Antes que nossa nação venha a baixo/O exército vermelho se move silenciosamente/Está aqui para destruir nossa raça ariana”⁷⁶. O “exército vermelho”, clara alusão ao comunismo, é representado como ameaça à nação que deve ser barrada pelo guerreiro, responsável por mantê-la de pé.

Também do início dos anos 1990 a “Defesa Armada” se opôs ao comunismo na música “Nossa bandeira irá brilhar”:

Nossa batalha está chegando
Será a vitória final
Haveremos de varrer
O controle comunista
Aqui ninguém irá mandar
Temos família e tradição

Nossa nobreza irá brigar
Pelo sangue e pelas armas
Defenderemos nossa pátria
Pela força e pela espada⁷⁷

Assim como a *The Voice*, a banda “Defesa Armada” idealiza a “batalha” e a “briga” como recursos para defender a nação. Nesse caso, a defesa é contra o mesmo inimigo estabelecido no passado que permanece no presente: o “controle comunista”. Tal defesa deveria ser empreendida pela força, pelo poder humano e pelas armas, se voltando ao gosto fascista pela guerra como meio de salvaguardar a dita pátria. Por meio dela a “vitória final” poderia dar o controle aos que a banda defende. Curioso é notar que tanto Brasil quanto EUA não viviam governos de esquerda, menos ainda comunistas ou socialistas. No âmbito das permanências, não é somente o anticomunismo que as bandas do Brasil e dos EUA compartilham.

⁷⁶ VOICE, The.. *Warrior's Call*. In: **Verdunkeln**. Michigan: Resistance Records, 1993. Faixa 01. MP3. Tradução nossa.

⁷⁷ DEFESA Armada. *Nossa bandeira irá brilhar*. In: **São Paulo Paulista**. São Paulo: Independente, 1995. Faixa 08. 01 CD.

Tanto os neofascistas brasileiros quanto estadunidenses exploram a mitologia fascista do chamado “soldado da linha de frente”, tendo Adolf Hitler sido um dos exemplos máximos. Os soldados e jovens nacionalistas, “depois de novembro de 1918, ressentiram-se de sua oportunidade perdida de heroísmo”. Assim, ao ganharem espaço nos fascismos, que os representava, tornaram-se “um corpo substancial dos primeiros esquadrões ultranacionalistas violentos” que levaria tais regimes ao poder. Isso era um resultado da Primeira Guerra Mundial, “uma máquina que brutalizou o mundo, e esses homens se regozijaram com a liberação de sua brutalidade latente” (HOBBSAWM, 1995, p. 128). O ideário da guerra e da batalha é trazido para contextos presentes. Por essa razão, “os fascistas não tinham qualquer intenção de manter a paz. Eles esperavam que as inevitáveis guerras permitiriam (sic) que as raças superiores prevalecessem sobre as demais” (PAXTON, 2007, p. 63), que se tornariam suas escravas.

Por essa razão há referências às batalhas sem fim que derrubarão os inimigos e emanciparão a nação. O ódio a esses inimigos, tão incitado pelo *Hate Rock*, funciona como direcionador dessa luta constante. A força física e o empenho na luta em nome de seus ideais neofascistas resultam na tomada de uma postura inspirada nos soldados que formaram as linhas de frente paramilitares dos movimentos fascistas, que se apresentavam como salvadores da nação quando muitos deles eram veteranos de guerra abandonados pelo Estado e não reconhecidos pela sociedade. É nos exemplos desse passado que a inspiração para resolver crises do presente é vislumbrada por militantes neofascistas e evocada pelas músicas.

Vale lembrar, por exemplo, que 1989 foi marcado pela corrida presidencial brasileira por votos diretos desde o fim da ditadura militar quatro anos antes, “tendo ainda como pano de fundo a derrocada do socialismo no Leste Europeu (processo largamente explorado por candidatos conservadores)” (VIZENTINI, 2003, p. 71). Como político conservador que era considerado, Fernando Collor, mesmo que em um governo curto, empenhou-se no “processo de liberalização da economia brasileira, de retomada das relações com os EUA” (VIZENTINI, 2003, p. 71-72), que o afastava cada vez mais das políticas de cunho esquerdista que poderiam ser apontadas por neofascistas, de forma comum e errônea, como socialistas ou comunistas. O mesmo podendo ser dito a respeito do breve governo Itamar Franco, que não permitiu barreiras ou políticas que gerassem “retrocessos em nenhuma das reformas estruturais concernentes à privatização, à desregulamentação, à normalização das relações financeiras com a

comunidade internacional e a liberalização do comércio” (RICUPERO *apud* VIZENTINI, 2003, p. 79).

O governo de FHC, mais longo na década em questão, intensificou, no plano doméstico, “o processo de privatizações das grandes e eficientes empresas públicas (...), sem se preocupar com as empresas privadas nacionais”. Além disso, levou o Brasil a “preferir questões domésticas em prol de uma maior atuação no cenário internacional” (VIZENTINI, 2003, p. 88). Não houve, portanto, espaço para políticas consideradas comunistas, socialistas ou mesmo de esquerda em seu âmbito político estatal, embora isso tenha propiciado o crescimento de movimentos políticos civis situados à esquerda. Além do mais, o olhar reduzido para questões domésticas fomenta o descontentamento de nacionalistas.

Essa aproximação política e econômica do Brasil com os EUA, que naquela década se regozijava com a queda da URSS e da expansão de sua hegemonia global, caminhava num sentido de afastamento do Estado frente às questões sociais normalmente reclamadas pela esquerda, incluindo os simpatizantes do socialismo e comunismo. O fato de o modelo neoliberal brasileiro ser fortemente inspirado no proposto pelos EUA marcava ainda mais esse distanciamento. Bill Clinton, que esteve à frente do país durante oito anos da década de 1990, testemunhou os avanços globais estadunidenses e a ampliação de suas políticas de democracia liberal capitalistas sem os entraves antes propiciados pelos soviéticos.

Com George W. Bush, o liberalismo disputou espaço com um conservadorismo particular que se inicia no seu primeiro ano de mandato, a partir dos atentados ao *World Trade Center* em 2001. Sua política doméstica e internacional se direcionam à busca por convergências que se aliam ao estado de alerta provocado pelos atentados e pela paranóia da “guerra ao terror”. Essa fase se inicia pouco antes de Luiz Inácio Lula da Silva assumir a presidência do Brasil, despertando olhares desconfiados dos estadunidenses por suas agendas consideradas esquerdistas, graças à sua tradição trabalhista. Apesar disso:

Na política externa, Lula adotou uma postura pragmática, mantendo um baixo perfil de confronto com os Estados Unidos, isolando os assuntos e as negociações onde havia maior divergência, valorizando os pontos de convergência, de modo a evitar um antagonismo com a administração republicana. Esta conduta apresentou bons resultados, pois apesar de se movimentar num eixo ideológico mais à esquerda, aproximou-se dos Estados Unidos (CABRAL, 2011, p. 312).

No Brasil, o governo Lula se deteve a questões sociais antes pouco abraçadas pelo Estado, ainda que as dimensões de sua atenção não tenham sido amplamente satisfatórias aos que aguardavam transformações mais intensas. Também não houve o esperado rompimento com políticas liberais antes fortemente criticadas pelo partido do emblemático metalúrgico. Seu partido, “principal força de oposição durante o octênio de FHC, se inclinaria para o centro, construindo uma ampla coalizão para o governo e entrando em acordo com setores-chave das classes dominantes” em nome de uma “preservação da estabilidade macroeconômica” (KAYSEL, 2015, p. 70). Essa mediação entre as classes populares e as elites empreendida por Lula ficou conhecida pelo que André Singer (2012) chamou de “lulismo”.

O fato é que as novas demandas a serem atendidas pelo governo Lula, mesmo minimamente, frente ao esperado, se relacionavam a grupos sociais rechaçados por neofascistas. Ao passo em que se distancia, em comparação a FHC, de uma amizade política profunda e evidente com os EUA, o que poderia significar aos neofascistas uma breve emancipação frente ao imperialismo estadunidense, Lula passa a atender àqueles que, internamente, consideravam como seus inimigos. E não tarda para que ele e o PT sejam classificados como comunistas, numa clara adaptação de feições fascistas do passado a práticas políticas recentes que flertam e dialogam, ainda que minimamente, com campos semelhantes aos das esquerdas repudiadas por Mussolini e Hitler. A aproximação de Lula com líderes políticos considerados socialistas como Hugo Chavez (Venezuela) e Evo Morales (Bolívia) fermentaram essas impressões equivocadas sobre o PT seguir o mesmo alinhamento político.

Em 2002, portanto no momento em que Lula estava prestes a ser eleito presidente do Brasil pela primeira vez, a banda “Comando Blindado”, do Rio Grande do Sul, na música “Pano de chão”, que integra o disco “Luta Nacional”, expressou: “Ei você, de bandeira vermelha/O que pretende com isso na mão?/Não envergonhe a nação brasileira/Isso não nos serve nem de pano de chão”. Mais adiante, seus autores complementam: “Pegue como exemplo China, Rússia e Cuba/E se recheie com experiências cretinas e burras/Esse é o tal sistema que você tanto aposta/Isso é lixo, isso é nada, comunismo é bosta”⁷⁸.

⁷⁸ COMANDO Blindado. Pano de chão. In: **Luta Nacional** (EP). Rio Grande do Sul: Independente, 2002. Faixa 01. MP3.

Quando vemos hoje, em meio a manifestações de ódio da população brasileira ao PT, ao ex-presidente Lula e à então presidenta Dilma Rousseff, palavras de repúdio se referindo a eles como comunistas, é difícil não pensarmos que a “Comando Blindado” partiu de um mesmo pressuposto. A diferença é que em seu caso, a banda se utilizou de um discurso previamente estabelecido em sua ideologia que foi transferido ao exemplo de esquerda voltada às questões sociais que chegou ao poder no Brasil. A “luta nacional” que intitula o disco expressa o desejo da banda de que esses “comunistas”, a esquerda representada pela cor vermelha, fossem combatidos tendo em vista os exemplos supostamente fracassados de sistemas que tentariam copiar aqui.

O ódio ao comunismo enfatizado pela banda ganha proporções ainda mais perigosas quando pensamos no anticomunismo como uma posição política frequente no Brasil. Esse anticomunismo:

“já fazia parte do imaginário político da direita brasileira desde os anos 1920. A ANL [Aliança Nacional Libertadora] e o posterior levante de 1935 [conduzido precipitadamente por comunistas contra o governo Vargas] o intensificaram sobremaneira, em particular nas Forças Armadas. Por fim, o início da Guerra Fria e o bom desempenho eleitoral dos comunistas acabaram selando a sorte da agremiação [o Partido Comunista Brasileiro], o que privou o sistema partidário brasileiro de uma força capaz, a médio prazo, de lhe conferir maior consistência ideológica” (KAYSEL, 2016, p. 62).

O ódio ao comunismo estimulado e institucionalizado por Vargas a partir de 1935, reforçado no regime militar a partir de 1964 sob a luz da Guerra Fria e revigorado pela queda da URSS em 1989 solidificou o caminho para que esse sentimento permanecesse de forma intensa até um passado mais recente. Soma-se a isso o frequente revezamento das elites e dos defensores de seus interesses no poder do país desde o início da Primeira República, rechaçando movimentos que empreendesse lutas sociais em favor de classes subalternas ou que almejassem transformações sociais mais profundas, capazes de abalar os interesses das elites. Embora os neofascistas também se voltem contra as elites, retiram da cultura política brasileira elementos que podem dar respaldo aos seus discursos. Esses discursos acabam, ao mesmo tempo, sendo guiados por essa cultura.

Entre os anos de 2000 e 2010, é notável como a quantidade de músicas das bandas aqui analisadas que tratam do comunismo é maior entre as brasileiras. São oito músicas divididas entre as bandas “Defesa Armada” (05) e “Comando Blindado” (03).

Já entre as bandas estadunidenses, há a presença de apenas quatro menções ao anticomunismo nessa década, sendo importante ressaltar que não é o tema central de suas músicas. Podemos concluir que, no caso brasileiro, a presença de um governo identificado com ideias à esquerda e julgado por muitos como simpático ao comunismo, historicamente criticado, exigiu dos neofascistas brasileiros um esforço no sentido de identificar as agendas petistas com as dos inimigos antigos dos fascismos. Havendo a necessidade de preservar esse discurso, há também a necessidade de encaixá-lo no presente, refazendo seus direcionamentos e ressignificando seu ponto de vista, cujo respaldo pode ser encontrado no passado brasileiro e na trajetória desse discurso.

Nos EUA o que predominou nesse período foi a xenofobia, intensamente elevada pelo 11 de setembro, e o racismo, que se mesclam para nos mostrar como os neofascismos se fazem da cultura política local e de seu espírito momentâneo para germinar. É a partir dela que os inimigos internos particulares serão gerados e distinguirão cada linha neofascista. Embora elas sempre se voltem ao passado para manterem suas referências, estabelecem os excluídos de sua nação ideal com base em seus territórios, bem como na presença específica de grupos e indivíduos que não se encaixam à nação que buscam. Neofascistas brasileiros e estadunidenses mantêm o ódio tradicional aos liberais, à democracia, à esquerda e ao comunismo, ainda que possuam experiência diferentes em sua relação com tais lógicas políticas. As distinções se sobressaem quando se voltam para seus terrenos, provocando seu afastamento.

Os muçulmanos são historicamente visados pelos estadunidenses, sobretudo por estarem associados a uma cultura percebida como demasiadamente oposta àquela que se tornou hegemônica no chamado Ocidente (sob a tutela dos EUA, inclusive), seja em termos religiosos ou não. Assim, essa “associação dissemina a ideia de que o fundamentalismo islâmico é o grande responsável pelos recentes dissabores da ordem democrática e fundador de subjetividades violentas” (MUNHOZ; SOUZA, 2012, p. 602). Logo, segundo essa visão, os muçulmanos seriam os responsáveis pelas instabilidades e conflitos sociais disseminados contra eles mesmos. No Brasil, para os neofascistas do Sul, ainda que em uma medida de proporções diferentes, os nordestinos são acusados de serem os disseminadores de tensões provenientes de choques entre costumes.

3.3.- Inimigos internos, externos e neofascismos em conflito: os migrantes e as soberanias nacionais

Em abril de 2013, um grupo de *skinheads* neonazistas tentou espancar um nordestino em Niterói, cidade do Rio de Janeiro. O grupo de “carecas”, munidos com bastões e tatuados com símbolos nazistas, foi preso e encaminhado à 77ª DP da cidade⁷⁹. A violência praticada pelo grupo não deve ser compreendida como uma influência direta da música, mas das práticas neofascistas que estão presentes em suas frentes e são defendidas pelo *Hate Rock*. Isso porque seus discursos promovem um vigoroso senso de distinção entre “nós” e “eles”, entre o grupo e os externos. Esse mecanismo de exclusão permite a criação de uma identidade grupal mais forte na qual o indivíduo desaparece e é substituído pelo “nós”, os que devem ser protegidos política e socialmente (PIEROBON, 2012), premissa clássica dos fascismos que se mantém. No caso do Brasil, nem sempre essa visão se aplica a todo o território nacional, o que se converte em uma peculiaridade.

Vamos observar o que diz a música “Migração”, penúltima do álbum “O Retorno da Velha Ordem”, da banda paulista “Brigada NS”:

Dia após dia, migrando do Nordeste
Centenas de imundos que são uma grande peste
Nossa histórica cultura está sendo esquecida
Nosso povo se mistura com essa espécie apodrecida

Não, não migração!
São Paulo está ficando pequeno demais
Tenho de lutar, não vou ficar parado⁸⁰

Desta vez, o alvo das críticas foram os nordestinos. Foram concebidos por este discurso como uma “peste”, e os compositores, ao proporem uma “luta”, afirmaram ser correto que casos como o ocorrido em Niterói fossem reproduzidos. Entenderam os nordestinos como “imundos”, uma “espécie apodrecida”, ou seja, algo que deveria ser rejeitado por ser externo à “nação” e capazes de comprometerem a hegemonia do “nós”. A alusão a uma “peste” fornece a ideia de um mal destruindo algo puro.

Desde o início do século XX, em meio a disputas por poder, ideólogos e teóricos como Oliveira Vianna e Dionísio Cerqueira ajudaram a construir historicamente o

⁷⁹ Ver: “Neonazistas são presos em Niterói por agredir nordestino” – Disponível em <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/04/neonazistas-sao-presos-em-niteroi-rj-por-agredir-nordestino-diz-policia.html>>. Último acesso em 22 de abril de 2016, às 19h50.

⁸⁰ BRIGADA NS. Migração. In: : **O retorno da velha ordem**. São Paulo: D-14, 2001. 1 CD. Faixa 10.

Nordeste e os nordestinos como exemplos de degeneração racial, do ponto de vista físico e intelectual. Consideravam suas características como uma consequência do encontro entre um habitat desfavorável e a mestiçagem. Neste sentido, a superioridade de São Paulo – estado ao qual pertence a banda - não seria historicamente elaborada, pois, para eles, “o Nordeste era inferior por sua própria natureza” (ALBUQUERQUE JR., 2009, p. 56). Esse discurso era um mecanismo para atrair a atenção do poder central no sentido de desenvolver as regiões mais economicamente ativas do país, num contexto em que estudos sobre higienização e “pureza racial” estavam em voga.

Nos anos 1990 a Região Metropolitana de São Paulo observou um crescimento significativo da migração de nordestinos em sua direção, com um volume de fluxo de 36% (DEDECCA; CUNHA, 2004). Naquele momento em que o Brasil acompanhava um longo período de políticas liberais que deixavam de lado importantes questões sociais, como já mencionamos, privilegiando as iniciativas privadas e contemplando as elites, a participação do Estado no saneamento de problemas que amenizassem esse fluxo migratório foi minimizada. Ao culparem a ausência do Estado, a banda assumia um papel político.

Nesse caso, dois pontos devem ganhar destaque. Primeiro, a opinião da banda sobre qual deve ser o modelo de nação seguido no Brasil. Este modelo, como fica claro, é o paulista, sobretudo por ser uma região historicamente forte em termos econômicos, culturalmente ligada à presença dos europeus em suas bases e, portanto, sócio-economicamente distinta de outras regiões que supostamente se interessariam apenas em parasitar o Estado. Em segundo lugar, devemos destacar a presença de um elemento específico na construção do ódio neofascista brasileiro em comparação ao estadunidense: o nordestino.

O nordestino é visto como um inimigo interno por ser historicamente construído como inferior, durante muitos anos, por disputas econômicas que tornavam a região Nordeste dispensável frente aos avanços econômicos do Sudeste (ALBUQUERQUE JR., 2009). Essa inferiorização, produzida por brasileiros de uma região que consideravam distinta, é enfatizada e continuada no *Hate Rock* por meio de um exercício permanente para justificar suas letras, que procuram desumanizar o sujeito “diferente” para que, assim, se torne passível de sofrer violência. O nordestino seria a representação de uma considerável mistura entre etnias, incompatível com a ideia de uma raça “ariana” conforme os pressupostos mais tradicionais do nazismo trazidos ao presente, em consonância com o passado e elogiados pela banda. Ao mesmo tempo,

essa mesma razão impediria a hegemonia étnica e cultural defendida pelos neofascismos uma vez que o “nós” por eles idealizado não compartilha da mesma tradição histórica e cultural que os nordestinos.

A distinção cultural é enfatizada na letra como uma preocupação específica do grupo. Com ela seria impossível alcançarem a nação orgânica defendida pelos seus pares. Se no passado o nazismo defendia a superioridade da cultura germânica, recentemente a “Brigada NS” fez o mesmo ao glorificar São Paulo como berço e residência de uma cultura privilegiada, ímpar, que deve ter sua salvaguarda garantida mesmo que por meio da violência. “Tenho que lutar”, diz a voz em “Migração”. Esta “luta” tentou justificar a agressão praticada contra nordestinos por diferentes grupos que compreenderam este chamado e simpatizaram com a lógica da banda.

Ainda que a “Brigada NS” tenha estruturado seu discurso com base nos ideais nazistas de política e sociedade, o ódio aos nordestinos não é uma exclusividade deles. Basta lembrarmos as recentes eleições presidenciais de 2014, quando milhares de eleitores do Sul e Sudeste agrediram verbalmente nordestinos por terem dado a maioria dos votos à presidenta Dilma Rousseff, do PT⁸¹. Não podemos concluir que esses indivíduos são neofascistas como a banda que analisamos aqui, mas sabemos que em ambos os discursos reside um ponto em comum.

É este ponto que permite a conquista de novos adeptos para os neofascismos, mesmo que consideravelmente menos do que eles gostariam. Nesse caso, uma música pode ter um efeito mais eficiente do que um panfleto, ou mesmo um discurso televisionado, sobretudo quando o PT é associado a políticas de esquerda, o que leva os nordestinos a serem vistos como coniventes em relação às suas políticas. Se pensarmos que existem opiniões conservadoras que tentam evidenciar a remessa de verbas, via programas como o “Bolsa Família” e “Minha casa, minha vida”, como benefícios excessivos aos nordestinos em detrimento aos estados do Sul, essa ótica se reforça. Isso porque se afastando dos meios de comunicação convencionais, a música pode se aproximar de jovens cuja opinião é desfavorável a esses meios.

Muito antes disso, quando o Brasil ainda estava sob o governo FHC, a banda “Defesa Armada” se manifestou de forma semelhante em relação aos “estrangeiros”, na música “Inimigos da pátria”, aqui novamente analisada:

⁸¹ Ver “Após reeleição de Dilma, eleitores do Nordeste são atacados nas redes sociais” - <<http://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,apos-reeleicao-de-dilma-eleitores-do-nordeste-sao-atacados-nas-redes-sociais,1583393>>. Último acesso em 26 de abril de 2016, às 17h30.

Fora, estrangeiro, inimigo da pátria
 Temos que fazer uma nova nação
 Vocês saqueiam, vocês humilham nosso estado
 Usando a falsa desculpa da falta de emprego
 Chegando aqui de longe pra nos perturbar
 Vocês, vadios, são nossos verdadeiros inimigos⁸²

Desde os anos 1970, os movimentos neofascistas europeus dentro dos quais o *Hate Rock* surgiu, como visto no primeiro capítulo, a xenofobia era pauta intrínseca às suas agendas, reforçada pelo “colapso da solidariedade” provocada pela chegada massiva de migrantes provenientes das antigas colônias europeias. Esses migrantes, bem-vindos nos tempos de fartura, por assumirem “o trabalho sujo recusado pela força de trabalho nacional”, agora eram hostilizados num momento em que os europeus passaram, pela primeira vez desde a Grande Depressão, “a enfrentar o desemprego estrutural” (PAXTON, 2007, p. 295).

Os estrangeiros de modo geral, dos quais os nordestinos seriam apenas um tipo (uma vez que não considerados parte da “nação”), mas sendo necessário considerar sua particularidade para os neofascismos brasileiros, são apontados como ladrões que usam “a falsa desculpa do desemprego”, são inimigos externos dos neofascistas do Sul e Sudeste por serem provenientes de outra região, mas são também internos por fazerem parte do mesmo território nacional. Não se trata de um grupo social proveniente de outro país, mas de um povo que, no mesmo país, possui traços culturais e étnicos distintos. A distinção feita pelos neofascistas, no entanto, é permeada por fatores raciais já comentados anteriormente, construções históricas reassumidas pelos neofascistas e que são arrastadas pelos anos.

Não só os nordestinos são alvo da xenofobia neofascista do *Hate Rock*, mas os estrangeiros em geral, como visto acima; aqueles que por suas diferenças podem representar suposta ameaça à nação. Voltemos à banda “Defesa Armada”, agora nos atentando à música “São Paulo para os paulistas”, também de 1995:

Quando vejo nas esquinas
 Gente ruim e assassina
 Não são daqui, é meu palpite
 A paciência passou do limite
 Todo tipo de bandido, gente ruim aqui entrou

⁸² DEFESA Armada. Inimigos da pátria. In: **São Paulo Paulista**. São Paulo: Independente, 1995. Faixa 04. 01 CD.

Fomos bondosos e cordiais nesse século que passou”⁸³

Aqueles que provocam crimes, a “gente ruim”, não são, para a banda, os de origem paulista, mas aqueles que se aproveitaram da “bondade” e da “cordialidade” dos locais. Em troca, os estrangeiros teriam espalhado problemas sociais graças a um possível conflito cultural.

No caso acima apresentado, a escala da nação é reduzida a uma comunidade específica e menor que é exaltada como sendo distinta das demais, dotada de um patrimônio ameaçado. O discurso exerce um chauvinismo que não corresponde ao nacional, mas ao local, muito embora o local sirva como exemplo político ao nacional, ou mesmo uma justificativa frágil para militar em favor de algum tipo de separatismo. Não veremos o mesmo entre as bandas dos EUA. Em seus discursos o que veremos é uma maior integração e senso de união nacional, uma vez que construções históricas como aquelas desenvolvidas no Brasil que colocava os nordestinos em posição inferior não foram institucionalizadas em qualquer região dos EUA. Não há no discurso neofascista estadunidense o uso de um estado ou cidade, muito menos região, para servir como exemplo nacional como veremos em breve.

Já no Brasil ocorre o contrário, uma vez que construções históricas partindo de agentes interessados em estabelecer a proeminência de suas regiões ou estados é verificável em nossa sociedade. Já no século XIX temos exemplos de esforços das forças públicas para isso, como visto no relatório produzido pelo Secretário dos Negócios da Justiça de São Paulo, em 1895. Nele há uma exaltação do trabalhador paulista e uma intensa crítica aos imigrantes, indivíduos que, segundo o relato, chegavam à capital “corrompidos, estragados pelo vício e pela ociosidade” (PEIXOTO, 1895 *apud* MUNHOZ, 2015, p. 44). Ainda que essa exaltação não fosse comum, uma vez que na maior parte do tempo os trabalhadores paulistanos eram bastante reprimidos e a visão sobre eles era a de desordeiros, tal empenho sintetiza a xenofobia com a qual as forças públicas operavam e buscavam distinguir seus espaços.

Por essa razão, é importante pensarmos que a particularidade dos discursos neofascistas brasileiros é complexa ao ponto de haver, no próprio país, correntes que partilham de uma mesma ideologia política, mas que se comportam de forma diferente ao usá-las, o que por si só poderia ser passível de uma análise comparada. Como já

⁸³ DEFESA Armada. São Paulo para os paulistas. In: **São Paulo Paulista**. São Paulo: Independente, 1995. Faixa 07. 01 CD.

dissemos, há no Brasil bandas de *Hate Rock* nordestinas como a “Bandeira de Combate”, da Bahia, que poderia ser criticada por neofascistas de outras partes do país pelas circunstâncias históricas nacionais que permitem a emissão de discursos etnicamente diferenciadores e regionalistas.

A “Bandeira de Combate”, embora não articule discursos xenófobos em suas músicas, se esforça para mostrar como a presença estrangeira é nociva à nação que buscam constituir. Nesse caso, o “Outro” não é o que causa danos sociais ou o que é frequentemente associado ao parasitismo social, mas o que domina e impede a hegemonia nacional desejada. Vejamos o que cantam em “Tio Sam”, música do disco “Questão de honra” (2001):

A águia americana quer por suas garras sobre a nossa bandeira
Expulsem tio Sam, ele quer por suas mãos em nossas riquezas
Por isso aponta para nós sua pistola da ganância
Com um tiro fatal ele irá ferir o orgulho nacional
USA, um monstro capitalista
Quer encher seus bolsos
Às custas de nossos esforços
Mas não podemos deixar
Que sua intransigência
Venha sobrepor à nossa sobrevivência⁸⁴

O que vemos é uma ideia chauvinista comum não só entre a extrema-direita, mas também frequentemente utilizada pela esquerda de que os EUA exercem sobre o Brasil e a América do Sul uma influência política dominadora. O imperialismo atribuído aos EUA é rejeitado por impedir o exercício da soberania nacional, o que daria ao Brasil uma posição subalterna nessa relação. Além disso, os EUA são tratados como usurpadores de riquezas nacionais que poderiam ser usufruídas pelos brasileiros. O “orgulho nacional” é ferido pela “pistola da ganância” estadunidense, em referência ao materialismo liberal, tão criticado pelos neofascistas, e à força bélica estadunidense. Nesse caso, a ideia de um “invasor” que vem explorar a nação não diverge dos discursos chauvinistas que vimos anteriormente.

Desde os anos 1990, a política econômica externa do governo estadunidense, frente à ampliação do seu poder político com a queda do socialismo real após o fim da URSS, se modificou. Dessa forma, “em contraste com a postura defensiva da década

⁸⁴ BANDEIRA de Combate. Tio Sam. In: **Questão de honra**. Bahia: Ultra-Violence Records, 2001. Faixa 03. 01 MP3.

anterior, a característica central da nova estratégia residiu na busca dos instrumentos compatíveis com a condição de potência singular hegemônica” (ARAÚJO JR., 2000, p. 67). Soma-se a isso o fato de que a partir de 2001, com os atentados ao World Trade Center, a agenda internacional do governo Bush fez com que seus aliados convergissem em direção à sua cruzada contra o terror (ALMEIDA, 2011). Assim, o controle estadunidense sobre outras nações, como o Brasil, se reforçou.

É compreensível perceber tais relações como unilaterais, nas quais o Brasil aparece como mero subalterno às vontades políticas e necessidades econômicas dos EUA, sobretudo pela tradição estadunidense em exercer seu imperialismo na América Latina como um todo. Porém, tal análise superficial não deve ser considerada em sua totalidade uma vez que as relações entre Brasil e EUA são tensionadas e não beneficiam apenas um lado. Enquanto o Brasil atua como parceiro dos EUA, esse pode garantir o seu fortalecimento na América do Sul, comprovando que há também uma satisfação dos interesses políticos brasileiros (McCANN, 2011). Ocorre que tal relação pode ser criticada por neofascistas dos dois países: no Brasil, pela pouca liberdade dada ao país; nos EUA, pelo excesso de complacência do Estado com os latino-americanos.

Se há entre os neofascistas uma xenofobia intrínseca, resultado de um chauvinismo tradicional, os latino-americanos, por sua variedade étnica e cultural, independentemente de sua formação genealógica, não são bem vindos aos EUA. Voltemos à banda *The Voice*, dessa vez nos debruçando sobre a música *Fight for what's right*, do álbum *Rage* (1996), para percebermos o discurso de proteção nacional baseado no impedimento de “invasores” e na manutenção dos EUA como força hegemônica: “Lutamos nas ruas porque somos os que não podem ser abatidos/Lutamos para salvar a nossa raça, estamos ascendendo para conquistar tudo/Nos sobrepondo sobre cada nação/Lutando para manter nossa terra livre”⁸⁵.

Essa “ameaça” à liberdade de uma terra, que pressupõe uma batalha para os militantes neofascistas, é trazida à tona também pela banda *Extreme Hatred* em outro trecho da música *Extreme Hatred* (1994): “Gangues vem de fora para destruir nossa nação/Temos que forçá-las para fora, não as queremos aqui/Elas trazem drogas e se convertem para o crime/A nação vai explodir, é só uma questão de tempo/Lutaremos

⁸⁵ VOICE, The. Fight for what's right. In: **Rage**. St. Paul: White Terror Records, 1996. Faixa 06. 01 MP3. Tradução nossa.

para matar a escória”⁸⁶. Os dois discursos se direcionam aos que vem de fora. No entanto, há duas perspectivas a serem consideradas quando tratam de seus inimigos externos.

No caso da *The Voice* fica clara a tradição clássica dos fascismos relacionada ao expansionismo necessário para a manutenção de um espaço vital, muito utilizada pelo nazismo. Visto que sua ideologia de expansão fundamentada na guerra pressupunha uma vitória das nações mais fortes sobre as mais fracas, “o que estava em risco nessa luta não era só o futuro doméstico” de nações europeias durante a Segunda Guerra Mundial, “ou a guerra e a paz de um modo geral, mas a defesa das nações” (HOBSBAWM, 2011, p. 164) e de sua soberania contra os alemães. Ao dizerem que “estão ascendendo para conquistar tudo” e que estão “se sobrepondo a cada nação”, revelam o interesse em apoiar, de alguma forma, as forças estadunidenses que reforçam sua autoridade mundial incluindo sobre a América Latina.

Já a *Extreme Hatred* vincula seu discurso à xenofobia mais comum entre os neofascistas: considerar que o mal vem de fora e deve ser combatido por meio de uma luta que “mate a escória”. Essa “escória” não são seus pares, mas os outros, aqueles que não compartilham dos denominadores comuns que são capazes de inseri-los no panorama nacional. Se aliarmos os dois discursos, podemos perceber que o esforço é para mostrar que a veemência do subjugo de outras nações deve ser mantida, a fim de que os estrangeiros não destruam sua nação. Aliam à idealização dos EUA como potência superior a obrigação deste se manter assim, mostrando suas razões para tanto, enquanto no Brasil o discurso é centrado na busca por emancipação.

Seja como for, de ambos os lados há uma preocupação com a decadência da nação, o que se transforma em força encorajadora ao ser reportada na música. A metáfora da decadência é uma das mais usadas para justificar as ações violentas de *skinheads* nos grandes centros urbanos, uma vez que ela é associada pela música aos agentes “malévolos”, externos e internos, em especial os estrangeiros e os grupos políticos que se abstêm de interferir (SZELE, 2012). Graças a isso os neofascistas idealizam suas sociedades politicamente sem a presença desses agentes, e sob a autoridade de um governo que não compactua com os sistemas políticos estabelecidos.

⁸⁶ EXTREME Hatred. Extreme Hatred. In: **Now is the time**. Walnut: Phoenix Records, 1994. Faixa 08. 01 MP3. Tradução nossa.

O medo e a raiva de movimentos neofascistas em relação a esses inimigos provém de um receio sobre o enfraquecimento e possível erradicação do poder de seus iguais por meio de crescentes migrações, sobretudo de diferentes etnias, de uma maior aceitação da mistura entre estas e do multiculturalismo, impulsionado pela globalização (MARTINEZ JR.; SELEPAK, 2013). Em *Asian Invasion* (1999), a banda *Angry Aryans* reforça isso ao dizer:

Há uma invasão acontecendo
 Uma invasão lenta da raça amarela
 Apostando nosso futuro, um tolo joga o dado
 Estes nipônicos de olhos puxados
 Que não podem viver sem arroz
 Eles vêm da terra do sol nascente
 Ei, homem branco, você está nessa?⁸⁷

Devemos, primeiramente, observar a estereotipização como forma de agressão a um grupo específico estigmatizado. A banda generalizou sua ofensa aos asiáticos, mas especificamente os japoneses foram o centro da crítica ao mencionarem “estes nipônicos”. Referindo-se a eles como indivíduos “que não podem viver sem arroz”, os autores deram a uma característica cultural dos japoneses um significado desprezível. Em segundo lugar, podemos ressaltar um discurso de ódio direcionado a dois grupos: os japoneses e os migrantes.

Stuart Hall (2006, p. 50) afirma que “as identidades nacionais foram uma vez centradas, coerentes e inteiras”, mas agora se encontram “deslocadas pelos processos de globalização”. Este processo vem permitindo a entrada de migrantes e diferentes características culturais em muitos países, o que comprometeria a unidade percebida como fundamental para grupos neofascistas conceberem suas nações, sobretudo no tocante à unidade étnica. No caso da *Angry Aryans*, esta unidade nacional estaria pautada no racismo, compreendendo que a mistura entre “raças” e culturas não seria benéfica para a estruturação de suas identidades nacionais ideais. O ódio ressentido em relação aos japoneses se assemelha ao que os neofascistas britânicos bradam contra paquistaneses, por exemplo.

Embora a banda fale sobre uma “invasão”, afirmando assim seu repúdio à vinda de migrantes japoneses, é importante lembrarmos que os cidadãos estadunidenses de

⁸⁷ ANGRY Aryans. *Asian Invasion*. . In: **Racially Motivated Violence**. Detroit: Tri-State Terror, 1999, Faixa 05. 01 MP3. Tradução nossa.

descendência japonesa já foram vítimas de duras políticas de repressão no país. Basta lembrarmos dos campos de aprisionamento para japoneses estabelecidos no interior dos EUA nos anos 1940, em represália aos ataques de Pearl Harbor. Naquele momento, os Estados Unidos se envolveram diretamente na Segunda Guerra Mundial junto aos aliados contra o Eixo, formado por Itália, Alemanha e Japão. Certamente, um duro golpe à cultura e identidade nipônicas no país (DRINNON, 1989).

A banda se mostrou simpática a repressões desse tipo ao afirmar que sua nação estava sendo “invadida” por uma cultura diferente, não-branca, não-estadunidense. Se pensarmos no *Hate Rock* como um discurso político disseminado por um movimento liderado por forças pertencentes à sociedade, entenderemos a afirmação de que para a sociedade estadunidense alcançar seu patamar ideal seria necessário tomar atitudes, por vezes violentas, em relação aos migrantes e, principalmente, a um grupo específico entre eles: os japoneses.

Mas, por que os japoneses, haja vista que o nazismo clássico pouco se preocupou em agredi-los? Em 2000, apenas um ano depois do lançamento de *Asian Invasion*, aproximadamente 1.148.932 japoneses viviam nos Estados Unidos, sendo que 15.745 residiam em Michigan⁸⁸, estado onde a *Angry Aryans* nasceu. Não se trata de uma presença muito grande se comparada à dos 7.966.053 brancos existentes no estado naquele mesmo ano⁸⁹. O caso é que a simples presença de um grupo étnico diferente foi vista pelos neonazistas como uma ameaça aos seus propósitos de unidade, da mesma forma que os neofascistas do Sul-Sudeste brasileiro em relação aos nordestinos. Tornase conveniente direcionar o ódio aos asiáticos por constituírem uma presença maciça à qual os neofascistas podem atribuir culpa por quaisquer desaranjos sociais. Como já vimos, o comportamento político neofascista flexiona os discursos às necessidades de críticas dos seus militantes e idealizadores.

A respeito disso, devemos lembrar que os judeus representavam apenas menos que um por cento da população da Alemanha quando Hitler chegou ao poder em 1933. Eram mais integrados que os judeus de diferentes outras regiões, como no Leste Europeu. Ou seja, pouco se diferenciavam, se é que isso ocorria. No entanto, ao lado das posições raciais hitleristas sobre os judeus, havemos de pensar que políticos como

⁸⁸ Ver “Asia Matter for America” – Disponível em <<http://www.asiamattersforamerica.org/japan/data/population>>. Último acesso em 17 de fevereiro de 2016, às 17h40.

⁸⁹ Ver: Census - <<http://www.census.gov/census2000/states/mi.html>>. Último acesso em 17 de fevereiro de 2005, às 17h45.

Walter Rathenau, por seus esforços em reconhecer as medidas do Tratado de Versalhes e em amenizar as relações com a URSS, contribuíram para que os nazistas transformassem os judeus em inimigos e traidores.

A unidade anteriormente mencionada foi pautada em um neonazismo que entende como estadunidenses apenas aqueles que estavam ligados aos fundamentos socioculturais e religiosos do país, bem como suas diretrizes políticas históricas. Uma adaptação do nazismo alemão, que reprimiu de maneira violenta aqueles que não eram germânicos. Apenas por meio da conservação destas tradições, os *Angry Aryans* acreditam que os Estados Unidos estariam a salvo, uma vez que, conceitualmente, o neonazismo compreende a sociedade como um organismo vivo avesso a mudanças.

A comunidade mais antiga e coesa estabelecida em um território busca, por meio da inferiorização da comunidade mais recente e menos coesa no novo terreno em que busca estabilidade, manter o seu poder e a sua superioridade. Para tanto, utiliza-se de mecanismos específicos que possam não apenas reafirmar sua posição distinta, mas reafirmar a posição marginal dos *outsiders*, aqueles que vem de fora (ELIAS, 2000). Um desses mecanismos pode ser a unidade social em torno da “raça”, da língua, de uma história compartilhada, enfim, daquilo capaz de gerar um senso de comunidade em oposição às “ameaças externas” e aos traidores internos coniventes com elas e responsabilizados pela decadência nacional.

Os migrantes são odiados pelos neofascistas por representarem uma dita ameaça às estruturas socioeconômicas e culturais, ocupando espaços que, pensam, deveriam ser destinados aos membros da nação que compartilham de uma mesma série de denominadores comuns. Nesse sentido, o racismo se torna uma das práticas diferenciadoras mais comuns entre os neofascistas. Direciona-se a qualquer etnia que destoe da que consideram necessitar ser predominante na nação ou região à qual pertencem e ocupem um considerável espaço nela. Os nordestinos, no Brasil, e os asiáticos ou japoneses, nos EUA, não são vítimas do ódio neofascista por serem apenas externos à sociedade, mas por representarem supostas diferenças “raciais”. Esses militantes dirão o mesmo a respeito dos negros e dos judeus, inimigos predominantes de seus discursos de ódio.

3.4 – Racismo e antissemitismo: Guerra aberta contra o “outro”

Uma vez que os neofascistas de cada sociedade determinam seus próprios “inimigos objetivos”, é pertinente pensarmos que “o judeu pode ser o outro conveniente por excelência numa sociedade com grande número de judeus, cultos e ativos politicamente” (TEIXEIRA DA SILVA, 2014, p. 33), como foram na Alemanha dos anos 1920-30. O mesmo pode ser dito sobre qualquer outro grupo social que represente um suposto contraste. Mesmo que alguma “raça” se encontre em uma posição de minoria o discurso neofascista irá se vitimizar e buscar respaldo no passado para tanto. O passado é remanejado por grupos humanos para servir ao presente.

O nazismo é o tipo de fascismo em maior evidência entre as bandas que procedem dessa maneira. Isso porque a própria perseguição aos judeus mobilizada pelos nazistas no Terceiro Reich “não se tratava de destruir uma cultura e uma religião, mas a destruição de uma ‘raça’, de todo um grupo humano, posto que o mal que o judaísmo representava residia no próprio sangue judeu” (TEIXEIRA DA SILVA, 2014, p. 45). Essa herança antissemita é mantida no pós-Segunda Guerra Mundial e chegou até o presente não necessariamente pela presença massiva de judeus em países como Brasil e EUA, mas por ser cara à militância hitlerista, como uma espécie de cartão de identidade posto que não há neonazismo sem antissemitismo.

Ao mesmo tempo, o racismo com o qual se manifestam em relação a outras etnias, como aos negros, reside em culturas particulares compartilhadas pelos dois países. No Brasil, ela é mais presente, como veremos, entre neofascistas de regiões do país identificadas com genealogias europeias ou onde há uma ancestralidade em relação aos europeus. Nos EUA, se trata de algo menos centralizado. Além disso, devemos ressaltar a busca por uma “supremacia branca” como parte da cultura política nativista estadunidense existente desde a sua gênese, gerida por homens brancos. Embora no Brasil essa ideia fosse também fomentada, sua institucionalização foi diferente.

Gerald Horne (1999, p. 303) comenta que “não se pode começar a entender a política estrangeira dos EUA nesse século [XX] sem contemplar a raça e o racismo”, bem como “não se pode começar a entender a diminuição e o aumento da importância da raça e do racismo nessa nação sem contemplar um contexto global”. O autor afirma que a cultura política racista dos EUA ocorre em seu âmbito interno e externo, restringindo a participação de outras etnias na vida política e social, compreendendo que elas representam uma ameaça à hegemonia branca, e intervindo em outras nações quando o domínio das elites brancas se encontra ameaçado.

Horne (1999) nos mostra ainda que a guerra de 1904 entre Japão e Rússia, resultando na vitória do primeiro, teve como consequência numa crescente onda de questionamentos a respeito da perda do poder ocidental e branco globalmente, uma vez que uma nação europeia havia sido derrotada por uma nação asiática. Isso fez com que, mais tarde, os EUA fossem vistos como os postos avançados para frear o avanço do que parecia ser uma derrocada dos brancos no controle mundial, sobretudo por meio de seu poderio econômico e militar no pós-1945 em aliança com sua mentalidade racista. Embora hoje essas ideias expliquem menos o racismo nos EUA, pois conhecemos as conquistas efetuadas por minorias étnicas no sentido de diminuir as barreiras raciais no país, elas refletem profundamente uma cultura política enraizada que persiste mesmo não sendo institucional.

Isso fica expresso inclusive em intelectuais conservadores de primeira linha como Samuel Huntington (1997), pois sua teoria do choque de civilizações trabalha exatamente com a noção de decadência do Ocidente. Bernard Lewis (1990) e mais ainda Huntington (1997) invertem e distorcem o sentido de choque de civilizações criado no imediato pós-Guerra por Arnold Toynbe (1961). Em *Who we are* (2004), Huntington assume um discurso abertamente ligado à cultura étnica branca e defensor do conservadorismo cristão e das raízes anglo-saxônicas.

Em relação aos judeus, além da já mencionada transposição do antissemitismo nazista para o presente, o ódio é reforçado por sua significativa presença no país. Segundo estatísticas da *American-Israeli Cooperative Enterprise*, em pesquisa realizada no ano de 2008, ao menos 80% da comunidade judaica votante estadunidense ajudou a eleger Bill Clinton e outros 78% foram responsáveis por sua reeleição quatro anos mais tarde⁹⁰. Este fato, aliado ao processo de chegada de um considerável número de judeus ao país no fim da Guerra Fria – portanto, apenas dois anos antes do início de seu primeiro governo - contribui para uma análise que chama a atenção para as relações entre a comunidade judaica dos Estados Unidos, alvo do ódio neofascista, e o então presidente Bill Clinton (MAYSEL; FORMAN, 2001). O ódio aos judeus é também reforçado pela presença de um fundamentalismo cristão cuja presença cultural é significativa.

⁹⁰ Ver: Jewish Virtual Library - <<http://www.jewishvirtuallibrary.org/jsourc/US-Israel/jewvote.html>>. Último acesso em 17 de fevereiro de 2015, às 17h35.

O antissemitismo é tão presente em discursos neofascistas estadunidenses que mesmo após os atentados de 11 de setembro de 2001 e o foco das autoridades em um inimigo nacional trazido de volta aos holofotes, os muçulmanos, tão insistentemente vilanizados pela mídia e pela imprensa, críticas a eles são pouquíssimas entre as bandas do *Hate Rock* local. Se entre as quatro bandas estadunidenses aqui analisadas (considerando as músicas que foram possíveis transcrever, graças à baixa qualidade sonora de algumas) há 18 músicas que revelam sua postura antissemita, apenas uma se coloca contra os muçulmanos (*Islam, religion of whores*, da banda *Angry Aryans*⁹¹).

3.4.1- O antissemitismo como base do discurso neonazista

Nosso primeiro exemplo sobre o formato antissemita dos discursos nazistas do presente vem de “Fé Hitlerista”, música que abre o primeiro disco da “Brigada NS”:

Pense bem, irmão branco
 Esta é a nossa nação
 Está infectada por hebreus
 Não queremos esta invasão

Nosso alvo é o sionismo
 Nossa fé no hitlerismo
 Temos que lutar⁹²

A cada estrofe deste trecho podemos observar a presença de elementos fundamentais para o nazismo. Na primeira linha, há menção clara ao racismo, uma vez que os compositores convocam os “brancos” para uma reflexão, devendo esses se oporem à presença dos judeus. A “nação” mencionada, seguindo uma interpretação lógica do discurso da letra, pertence apenas aos seus semelhantes. O nacionalismo é de fundamental importância para os nazistas, uma vez que o destino nacional, aos olhos dos fascismos, “é histórico, porquanto constitui a profunda essência, a razão e a explicação da história de cada povo” (MARIÁTEGUI, 2010, p. 154). Neste sentido, podemos concluir que a nação que a banda idealizava deveria ser formada por homens brancos, afastando os judeus desse perfil e ressaltando suas diferenças étnicas.

⁹¹ ANGRY Aryans. *Islam, religion of whores*. In: **Old school hate**. Hillsboro: Resistance Records, 2001. Faixa 14. 01 MP3. Tradução nossa.

⁹² BRIGADA NS. *Fé hitlerista*. In: **O retorno da velha ordem**. São Paulo: Divisão 18 Records, 2001, Faixa 01. 01 MP3.

Ao dizerem que a “nação” estava sendo invadida, acabavam pressupondo que ela lhes pertencia, não havendo espaço para o “Outro”, para a alteridade. Eric Hobsbawm afirma que:

Mito e invenção são essenciais à política de identidade pela qual grupos de pessoas, ao se definirem hoje por etnia, religião ou fronteiras nacionais passadas ou presentes, tentam encontrar alguma certeza em um mundo incerto e instável, dizendo: “somos melhores do que os Outros” (1998, p.19).

A banda almejou o “retorno de uma velha ordem”, como aparece no título do álbum, que não ocorreu no país, mas na Alemanha nazista, de onde veio sua inspiração e seu ideal de nação, bem como suas referências de identidade. Na Alemanha nazista, o racismo promoveu a ideia de que o povo germânico, embora definitivamente superior em número aos outros povos, “estava em perigo mortal de desintegração. Por essa razão, a pureza do seu sangue necessitava ser preservada o que significava, sobretudo, a eliminação da influência judaica” (LAQUEUR, 1996, p. 24)⁹³. Os compositores da música, representando um movimento mais amplo e tendo como referência o nazismo clássico, entenderam que a política nazista deveria ser reproduzida e, dessa forma, seria possível edificar a sociedade que sugeriram como ideal, sem a presença daqueles que consideravam entraves à purificação do sangue “ariano”. Segundo a música supracitada, estes seriam os judeus, considerados inferiores. Nesse caso, definiram sua etnia, mesmo que não fossem germânicos, como superior e deram a si a legitimidade para assumir essa questionável postura histórica herdada do nazismo clássico.

Os judeus, ou “hebreus”, foram desumanizados pela “Brigada NS” quando comparados a algo infeccioso, um vírus ou uma praga. Algo a ser combatido, destruído, pois ameaça a integridade humana representada pela figura do “ariano”. “Invadem”, como algo indesejado, a nação ou região habitada pelos *skinheads* adeptos da ideologia neonazista, mesmo que o Brasil não fosse a Alemanha dos anos 1930-40. Para a banda, o importante, neste sentido, era manter-se fiel ao ódio clássico dos políticos de um passado, de uma “velha ordem”, que eles buscavam seguir como modelo ainda que diante de um contexto completamente diferente. Nesse sentido, pouco importa a efetiva presença dos judeus em sociedade.

⁹³ Tradução nossa.

Sabemos que no Brasil não houve uma “ordem”, política ou social, que, ao contrário do que ocorreu durante o III Reich, buscou a prisão e o assassinato sistemático de judeus daquela mesma forma (exceto durante a Santa Inquisição, em tempos mais remotos). No entanto, o assassinato sistemático dos judeus pelos nazistas é um episódio histórico que serviu de inspiração e estabeleceu a base do discurso musical aqui apresentado. Essa inspiração, que visa uma reformulação histórica, permitiu que brasileiros como os da quadrilha desarticulada no Rio Grande do Sul, em maio de 2009, organizassem um atentado contra a vida de judeus e seus templos, as sinagogas⁹⁴. Não podemos garantir que a música da “Brigada NS” incentivou a organização destes atentados, mas tentou fornecer legitimidade a estas ações ou a qualquer outra semelhante em nome da causa, da “luta” contra o “sionismo” e pela “fé no hitlerismo”, ilustrando a violência como um “ato heroico”, um “exemplo a ser seguido”, para trazer ao Brasil uma “velha ordem” importada que, por sua vez, é contraditória ao nacionalismo almejado.

Devemos considerar também a menção feita pela banda ao “sionismo” e o que representa esse termo. Ele remete a um movimento religioso e intelectual que reconhece o direito à autodeterminação do povo judeu e à existência do Estado de Israel. Esse movimento ganhou força nos anos 1940, sobretudo após a revelação dos crimes nazistas contra os judeus. Tanto a direita quanto a esquerda se fazem do termo para criticar a formação do Estado de Israel e a crueldade estabelecida contra os povos da Palestina, onde se estabeleceu. O caráter imperativo de sua criação é debatido por diversas correntes políticas.

Fato é que o uso desse termo pelos neonazistas remete a duas importantes razões. Primeiro, a suposta dominação empreendida pelos judeus para dominarem o mundo e, segundo, a perspectiva de que o sionismo é o movimento que materializaria tão jornada por dominação. Ambas as ideias são originadas na base do antissemitismo nazista: o conspiracionismo. Segundo Carlo Ginzbrug, o nazismo enxergava a conspiração judaica como a busca por:

uma infiltração em todos os níveis da sociedade: na economia, na imprensa, nas Forças Armadas, nos partidos políticos, etc. A vitória

⁹⁴ Ver: “Neonazistas planejavam explodir sinagogas em quatro estados” – Disponível em <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/neonazistas-planejavam-explodir-sinagogas-em-quatro-estados-bl0jy49rsvls8k9tve21tkaj2>>. Acesso em 25/11/2015, às 22h35.

dessa conspiração [segundo os antissemitas] levará a uma monarquia judaica que dominará o mundo (GINZBURG, 2006, p. 201).

Essa imagem conspiracionista aparece nos discursos das bandas, a exemplo da música da “Brigada NS”, como algo verdadeiro. O pouco aprofundamento argumentativo para comprovar sua existência não é particular aos militantes *skinheads*, mas está na raiz do nazismo. Entre os fascistas brasileiros, o conspiracionismo também era enfatizado uma vez que o Integralismo, por exemplo, se preocupava com a ameaça que os judeus representavam para a homogeneidade racial da Nação e por serem conspiradores mundiais (CRUZ, 2004). Construir inimigos nacionais por meio da imaginação popular em torno de possíveis conspirações é, no caso do nazismo, fundamental. Esse processo facilita a aceitação da sociedade frente a crises explicadas por seus ideólogos de forma pragmática, sendo funcional às buscas por unidade grupal.

Entre as bandas brasileiras aqui analisadas, além da “Brigada NS”, somente a “Comando Blindado” proferiu discursos antissemitas em suas músicas. Isso não significa, no entanto, que outras bandas não tenham se manifestado dessa forma anteriormente ou posteriormente. Acreditamos que a diferença gritante entre a presença desses discursos nos neofascismos brasileiros e estadunidenses nas músicas aqui averiguadas está relacionada, em primeiro lugar, à posição que os judeus ocupam política e historicamente em ambas as sociedades. Em segundo lugar, em razão de uma maior adesão ao neonazismo nos EUA em comparação às bandas de *Hate Rock* brasileiras.

Nos EUA, o envolvimento direto das autoridades na criação do Estado de Israel no pós-Segunda Guerra Mundial, numa das muitas tentativas de compensação pelos crimes de guerra cometidos contra os judeus naquele episódio, e suas relações próximas mantidas até hoje são inadmissíveis para setores da vasta força cristã fundamentalista do país. Foi justamente essa força que se alinhou aos fascismos, sobretudo à sua versão alemã e ao racismo que a sustentava, vide o caso da já citada *Aryan Nations*. Portanto, observar a participação do Estado na criação de Israel seria o mesmo que pressupor a existência de uma forte maioria judaica no poder ou de forças políticas coniventes. Podemos dizer que é, contraditoriamente, em função do cristianismo e do racismo que o neonazismo é tão amplamente aceito entre os movimentos extremistas estadunidenses até hoje.

Existe aqui uma aproximação entre o Brasil e os EUA que merece destaque: o entusiasmo de Oswaldo Aranha, embaixador do Brasil em Washington entre 1934 e

1937 e futuro representante do Brasil na ONU em 1947, pela construção do Estado de Israel ao fim da Segunda Guerra Mundial. Apesar de seu antissemitismo reconhecido, compatível com aquele que permeava o governo de Getúlio Vargas durante o Estado Novo, foi um fiel aliado dos EUA na construção de Israel. O que parece uma contradição se explica quando sabemos que seu interesse, em aliança com os interesses estadunidenses, era a diminuição do fluxo de “judeus indesejáveis”, que se direcionaram para um outro território (TUCCI, 1995).

O nativismo estadunidense, cuja força muitas vezes move as políticas de Estado, que estaria em decadência é explorado pelo *Hate Rock* da mesma forma que ideia de uma força política “sionista” é expressa em músicas como *Amerika*, da banda *The Voice*: “No passado fomos dotados de voz/Até os sionistas tomarem-na à força/Nós nos tornamos escravos em nossa terra/Mas agora estamos fazendo algo para quebrar essas correntes/Para libertar nossa terra, mandar os judeus para as chamas”⁹⁵. Segundo essa perspectiva, o poder que os brancos possuíam no passado teria acabado. Dessa forma, a ideia de que os judeus controlam diferentes instituições de poder, em consonância com as frágeis e descreditadas teorias dos já mencionados Protocolos dos Sábios de Sião para silenciar os brancos, foi levada pela banda à realidade política estadunidense. Diante das relações dos EUA com Israel esses discursos surgem como uma busca desesperada e inefetiva por justificativas.

Outra música da mesma banda, intitulada *Bring down the hammer*, número 10 do álbum *Verdunkeln*⁹⁶ (cuja capa é ilustrada por *skinheads* invadindo uma casa de judeus, o que se evidencia pela presença da Menorá, um dos mais emblemáticos símbolos judeus), nos diz: “Quebraremos os seus pescoços, esmagaremos suas mentiras/E em todos os lugares o choro dos judeus será ouvido/Seis milhões de mentiras agora se tornarão verdade/Nós iremos até você, judeu!”⁹⁷. As buscas por justificativas são transformadas em ações diretas e, ao mesmo tempo, a procura por legitimação novamente recorre a uma tentativa de tornar os judeus inimigos.

⁹⁵ VOICE, The. *Amerika*. In: **Rage**. St. Paul: White Terror Records, 1993, Faixa 12. 01 MP3. Tradução nossa.

⁹⁶ Em alemão, significa “escurecer”. O termo parece em cartazes nazistas durante a Segunda Guerra Mundial, que diziam: *Der feind sieht dein licht! – Verdunkeln!*, que traduzido significa: “o inimigo pode ver a sua luz! – Escureça!”. Os cartazes alertavam a população sobre a necessidade de apagar as luzes para dificultar bombardeios aéreos inimigos.

⁹⁷ VOICE, The. *Bring down the hammer*. In: **Verdunkeln**. Michigan: Resistance Records, 1993. Faixa 10. MP3. Tradução nossa.

A violência que pretendiam impor aos judeus não é velada. Além disso, insistiram na versão negacionista que contesta o Holocausto nazista contra os judeus, alegando que se tratam de mentiras. No entanto, afirmam que essas “mentiras” – o assassinato sistemático de judeus – se tornarão verdade, sugerindo que matariam tantos judeus quanto fossem possíveis. Ou seja, o modo de operar se repete quando vemos o apelo ao revisionismo histórico e aos seus ideólogos, além do estabelecimento de um “inimigo racial” que deve ser combatido violentamente para que os estadunidenses (brancos, cristãos) não se sintam ameaçados.

Esse pensamento permeia a extrema-direita estadunidense há muito tempo. Desde os anos 1950, negacionistas como Harry Elmer Barns contestavam ferozmente a existência do Holocausto judeu partindo do princípio de que se tratou de uma invenção de forças políticas favoráveis aos judeus. Recentemente, agora em 2016, portanto seis décadas depois das teses de Barns, ideólogos estadunidenses do que se convencionou chamar de *alt-right*⁹⁸, como Paul Ramsey, afirmam que agendas políticas tem reforçado historicamente a imagem do Holocausto para que as pessoas sintam “pena” dos judeus. O antissemitismo transita de formas parecidas pela história dos EUA.

Havendo nos EUA essa forte presença teórica que busca contestar, de forma fraudulenta, o massacre dos judeus pelos nazistas; havendo ainda o forte fundamentalismo cristão de algumas organizações identificadas com os fascismos como a *Aryan Nations*, além da intensa presença de judeus ativos socialmente, os neonazistas ganham campo para atuar. E sua atuação, em exemplos como a relação EUA-Israel, se torna direta. Como isso funcionou no Brasil, onde as relações com o Estado judaico estão longe de serem tão próximas?

Além da tradição antissemita integralista, representante tupiniquim dos fascismos, em decorrência de seu forte catolicismo (CRUZ, 2012), na maior parte dos discursos fica mais evidente a generalização dessas ideias, extraídas do passado, que circundam o imaginário antissemita sobretudo no que se refere à bizarra ideia de controle mundial por parte dos judeus. A música “Maldita raça”, do “Comando Blindado”, diz:

⁹⁸ Denomina-se assim a *alternative right*, ou “direita alternativa”, que nos últimos anos tem ganhado espaço nos EUA e em diversos países ocidentais com a proposta de difundir ideias conservadoras e de extrema-direita de forma mais amena, dialogando com os veículos de comunicação do presente e investindo pesadamente em discursos contrários ao politicamente correto. No Brasil, o Movimento Brasil Livre se aproxima desse perfil de direita.

Maldita raça que invade o meu lar e o teu
 Maldita raça que impõe sua podre cultura
 Maldita raça, maldito povo judeu
 Maldita raça que engana, que rouba e que suja

O domínio da mídia pertence a eles
 O dinheiro do mundo também lhes pertence
 Manipulam pessoas e opiniões
 Raça maldita, cretina, fudida
 Peste em todas as nações⁹⁹

Notemos como se confirma o que comentamos anteriormente: o ódio nazista aos judeus não se relaciona à religião, mas especificamente à raça, a um povo. Esse povo seria, como diz a música, um invasor a disseminar uma cultura própria, o que inviabilizaria a nação “pura” desejada pelos neonazistas. Atribuíram aos judeus características criminosas os chamando de ladrões, além de enganadores, tentando reforçar uma construção histórica pautada em ódio e racismo. Ainda reforçam a incompatibilidade do “puro” com o suposto “sujo”, delimitando quem seriam “eles” e quem seriam os “outros”. Por fim, dialogam com a velha paranóia sobre a conspiração sionista que dominaria os diversos meios de comunicação, o capital e, conseqüentemente, a opinião pública. Esse discurso se soma ao da banda *The Voice*.

Trata-se de um discurso universal nazista e, o que se confirma em nossa análise, para que seja proferido não é necessário que haja uma presença significativa de judeus em uma sociedade, sendo a própria Alemanha um exemplo cabal disso. Porém, devemos perceber que os argumentos de organizações neofascistas estadunidenses são muitas vezes amparados em justificativas culturais religiosas, ainda que apenas em sua raiz. A identidade teológica cristã, robustamente presente na configuração neofascista dos EUA, afirma que apenas os brancos são descendentes diretos de Adão e Eva e descendentes biológicos dos israelitas do Antigo Testamento. Os judeus, por sua vez, seriam crias de Eva e Satã (MARTINEZ JR.; SELEPAK, 2013). No Brasil, esse discurso encontra maior força entre os herdeiros do integralismo, movimento político antissemita e avidamente católico. Portanto, podemos dizer que o ódio aos judeus se manifesta também pelas vias religiosas, ainda que elas funcionem muito mais para abastecer as teorias racistas em torno dos judeus.

⁹⁹ COMANDO Blindado. Maldita raça. In: **Marchando rumo à vitória**. Rio Grande do Sul: Zyklon-B Records, 2006, Faixa 03. 01 MP3.

A fragilidade desse discurso entre as bandas brasileiras faz com que apelem frequentemente para a importação da ideia de um suposto “controle sionista”. Em outra música da “Comando Blindado”, “Imprensa Sionista”, ouvimos:

Usamos nossa força para combatermos
 A imprensa sionista e sua corja de idiotas
 Por isso a imprensa nos classifica
 Como violentos jovens nazistas
 Não tem validade, para nós não importa
 Pois a imprensa é toda sionista¹⁰⁰

A “Brigada NS”, na música “Imprensa”, insiste: “Não assista atento a essas mentiras/Que com a alegação da vitimização judia/Suga o sangue da Alemanha até hoje em dia/Para Israel se armar mais contra a Palestina”¹⁰¹. O esforço de ambas as bandas é mostrar os judeus como opressores e os neonazistas como oprimidos, um exercício frequente que analisamos bem no capítulo anterior. Contraditoriamente, a “Comando Blindado” diz que as imagens criadas sobre eles pela imprensa não importam, ao mesmo tempo em que dizem que combaterão essas opiniões. Tal contradição é fruto de uma fragilidade comum ao negacionismo, cujo esforço, “com o fim de demonstrar que o extermínio nazista não existiu, envolve desde o uso de afirmações falsas, a menção a documentos inexistentes e a citação adulterada de documentos verdadeiros” (MORAES, 2014, p. 76), é tão inútil quanto o de tentarem transformar as vítimas em culpados.

O revisionismo histórico “especializou-se em difundir propostas que contestam a existência do Holocausto”, sendo importante destacarmos que “com número não desprezível de adeptos nos Estados Unidos e Europa, o movimento propõem-se a reinterpretar os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial” (NÓBREGA DE JESUS, 2006, p. 15). tendo em vista a negação do massacre aos judeus e a defesa do antissemitismo. A corrente negacionista, duramente contestada por boa parte dos historiadores, ganharia o mundo nas décadas seguintes à marginalização dos fascismos em todo o mundo ocidental.

A “Brigada NS”, por exemplo, reforça discursos forjados por revisionistas como Siegfried Ellwanger Castan, brasileiro descendente de alemães que não apenas buscou “reconstruir a imagem de Hitler como forma de legitimar um movimento inspirado nas

¹⁰⁰ COMANDO Blindado. Imprensa sionista. In: **Marchando Rumo à Vitória**. Rio Grande do Sul: Zyklon-B Records, 2006, Faixa 04. 01 MP3.

¹⁰¹ BRIGADA NS. Imprensa. In: **O Retorno da Velha Ordem**. São Paulo: D18 Records, 2001, Faixa 03. 01 MP3.

ideias nazistas, mas também traz de volta o mito da ‘conspiração judaica mundial’, colocando o regime nazista como vítima” (CRUZ, 2012, p. 191). O vitimismo da banda cai por terra quando na música “Sobre sinagogas” cantam: “Iremos erguer a nossa bandeira/Sobre sinagogas destruídas inteiras/Os irmãos dos estados sulistas irão se conscientizar/De que o nacional-socialismo é o que devem adotar”¹⁰². Em outra faixa, “Revolução branca”, dizem: “Skinheads, peguemos as armas/Que se inicia a revolução/Estamos em guerra até o fim, lutaremos por nossa salvação/Skinheads, ataquem o ZOG/Lutem por nossa libertação, sacrifiquem-se pela revolução”¹⁰³. Os exemplos de antissemitismo e as falhas e contradições que envolvem suas tentativas de vitimismo não cessam.

Atentemos brevemente ao que dizem em “Sobre sinagogas”. A crença é nos “irmãos dos estados sulistas”, embora São Paulo não seja um. Ainda sugerem que a adoção do nacional-socialismo é uma questão de conscientização, portanto de libertação de outras amarras políticas. Essa libertação é reforçada em “Revolução branca”, como se de fato houvesse um gritante impedimento criado pelos judeus para que as ações políticas neofascistas não funcionem, simplesmente por seus discursos e comportamentos políticos sustentados pelo ódio não possuírem lugar na sociedade, ao menos não de forma tão associada aos fascismos. No entanto, o antissemitismo não é exclusividade dos neonazistas, bem como o racismo e o antiliberalismo ou o anticomunismo.

Nosso último exemplo ilustra bem essa afirmação e vem da música *Joe Six Pack*, da banda estadunidense *Angry Aryans*, lançada no álbum *Racially Motivated Violence* (que pode ser traduzido como “violência motivada por racismo”), de 1999: “Branco auto-centrado, você só se preocupa consigo/Um engradado de cerveja em seu colo, um produto dos judeus/Um estupor bêbado do qual você não consegue se libertar/Prejudicando sua raça, como não enxerga?”. Depois disso, ouvimos ainda: “As palavras Poder Branco significam algo para você?/Autodestruição dos brancos preguiçosos/Corrupção liberal dos brancos preguiçosos”¹⁰⁴.

¹⁰² BRIGADA NS. Sobre sinagogas. In: **O Retorno da Velha Ordem**. São Paulo: D18 Records, 2001, Faixa 11. 01 MP3.

¹⁰³ BRIGADA NS. Revolução branca. In: **O Retorno da Velha Ordem**. São Paulo: D18 Records, 2001, Faixa 09. 01 MP3.

¹⁰⁴ ANGRY Aryans. Joe Six Pack. In: **Racially Motivated Violence**. Detroit: Tri-State Terror, 1999, Faixa 03. Tradução nossa.

Aos brancos que não se associam ao discurso racial supremacista da banda, resta a comparação com seus inimigos. Fica clara uma crítica a aqueles que possuem uma postura passiva diante do que os compositores enxergam como problemas (e eles são muitos), afirmando que mesmo alguns brancos podem ser inimigos, pois os que não lutam acabam sendo apontados como coniventes. Outra vez costumes considerados vícios repugnantes pelos neofascistas são atribuídos aos judeus, bem como uma suposta adesão aos costumes espalhados pelo liberalismo. Novamente há um discurso racista que está em sintonia com o passado nazista.

Tanto os neonazistas brasileiros quanto os estadunidenses buscaram essa sintonia, sem a qual não seria possível se reconhecerem como tais. Em ambos os casos, a ideia dos judeus como força política controladora que visa a opressão aos brancos aparece como motor discursivo, ainda que, como atestamos, o papel político dos judeus seja diferente em ambos os países. Isso nos mostra que a permanência do antissemitismo é uma espécie de tributo, de “carteira de identidade” daqueles que evocam o nazismo. Porém, nos casos apresentados essa evocação varia significativamente.

Entre os neonazistas brasileiros prevalece o esforço para mostrar o nazismo como exemplo, como regime político capaz de derrubar a suposta conspiração sionista que os reprime. Ao mesmo tempo, há uma busca frequente por estabelecer aproximações entre os “herdeiros da cultura europeia” do Sul brasileiro a essa dita herança cultural e étnica, tentando assim pensar justificativas para sua ideologia num país que, por décadas, possui forte crença numa inexistente democracia racial resultante da miscigenação. Essa crença, tão exaltada por movimentos fascistas do passado como a AIB a fim de nortear o nacionalismo brasileiro, é a razão pela qual a maior parte dos neofascistas brasileiros não adere ao nazismo.

Nos EUA, o nazismo encontra fertilidade em uma nação fortemente marcada por uma cultura etnicamente branca, onde não existiu qualquer sinal ou esforço ideológico para empreender qualquer crença como a da democracia racial brasileira. Pelo contrário: há poucas décadas, o racismo institucional não era, como no Brasil, tão velado. Além disso, de forma análoga à AIB, os movimentos fascistas estadunidenses se voltam ao nazismo também em decorrência do fundamentalismo cristão que acaba, em muitos

casos, por rechaçar os judeus. Nesse caso específico, cristianismo e racismo se fundem como mecanismos mútuos para praticar o ódio nacionalista¹⁰⁵.

Apesar das diferenças, é comum também aos neonazistas dos dois países fazerem uso do discurso de uma suposta conspiração judaica mundial, que em tese controlaria meios de comunicação e espaços políticos com o fim de eliminar os brancos. É por meio desses discursos que buscam, sem sucesso, viabilizar um discurso vitimista que legitime a violência contra os judeus, bodes expiatórios apresentados como inimigos. Ao passo em que essa busca ocorre em dois países cujas culturas políticas são significativamente diferentes, vê-se que o uso dos discursos antissemitas e racistas do nazismo permanecem e não dependem de fatores determinados para serem proferidos.

3.4.2 – O racismo neofascista contra os negros: contrastes e contradições

As bandas de *Hate Rock* dos EUA, majoritariamente adeptas do neonazismo, são as que mais tratam do racismo, em especial aquele direcionado aos negros. Como já foi dito anteriormente, as primeiras bandas surgiram no sul do país, especificamente no Texas, região historicamente reconhecida como dotada de uma forte presença conservadora nativista e, por vezes, abertamente racista (POTOK, 2012). Apesar disso, os discursos racistas são emitidos por bandas de todas as partes do país sem restrições regionais. Trata-se de uma consequência dos fortes conflitos raciais que marcaram o país e cujos debates ainda são inflamados.

Se pensarmos que datam dos anos 1950 os mais organizados movimentos sociais em defesa dos direitos dos negros no país, bem como pelo fim da segregação racial institucionalizada existente em diversos estados sulistas, perceberemos que as mudanças substanciais nessa dinâmica ocorreram há pouquíssimo tempo. Diferente do Brasil, onde o racismo na contemporaneidade é historicamente marcado pelas ideias de branqueamento provenientes da Europa (SCHWARCZ, 2001), os EUA possuem desde a sua gênese uma forte barreira étnica decorrente de seu prolongado fechamento. Esse racismo, que logo após a Guerra Civil (1861-1865) e o fim da escravidão, conduziu forças políticas alinhadas às ideias de supremacia branca e definiu uma cidadania de

¹⁰⁵ Temos aqui uma questão espinhosa. Ao mesmo tempo em que, em tese, o cristianismo prega a não-violência, o catolicismo foi veemente na perseguição aos judeus em diferentes momentos de sua história. Podemos pensar, então, num cristianismo distorcido, fundamentalista, reformado para atender a propósitos que rejeita em seus princípios.

segunda classe para os negros (FICHOU, 1990), ainda hoje persiste na sociedade estadunidense.

Essa persistência está entre as 16 faixas presentes no álbum de estreia da banda estadunidense *Angry Aryans*. 11 delas trataram do racismo de maneira direta e específica, sendo favoráveis à segregação e mesmo ao extermínio violento de outras etnias. Prevaleceu entre elas o racismo contra os negros, principais alvos das críticas da banda. Porém, não se limitaram a isto. Vejamos o que dizem na música *Aryan Rage* (“Fúria ariana”), segunda do disco:

Saia de cima do muro, homem branco
 É hora de chutar alguns traseiros
 Pulverize os negros, destrua a porra dos viados
 Pegue um porrete e derrube um judeu babaca
 Deixe sua carcaça kosher pálida¹⁰⁶

O trecho, bem como o restante da letra, é uma convocatória. Convocou os homens brancos dos Estados Unidos a lutarem contra grupos sociais e étnicos que os compositores consideravam nocivos à sua nação: negros, homossexuais e judeus. Estes últimos, como afirmamos anteriormente, são inimigos comuns dos nazistas de ontem e de hoje, uma espécie de referência quando se trata de manifestações de ódio alicerçadas nesta ideologia política. Imperativos, os integrantes da banda incentivaram a prática de violência como forma de “defender” os homens brancos, legitimando a agressão e o ódio.

Antes disso, nas bases do que fundamentaria o assassinato sistemático de milhões de judeus, Adolf Hitler já expressava, ainda em Viena, “desprezo por aquilo que não fosse alemão e cujo sangue se misturasse com o dos alemães” (FERRO, 2008, p. 56), premissa que foi resgatada pela banda. No caso do discurso da *Angry Aryans*, o “desprezo” de Hitler foi assimilado pelos neonazistas estadunidenses e adaptado à sua realidade social. Ao invés do “alemão”, foram porta-vozes de camadas racistas de sua sociedade, sejam elas neonazistas ou não, partindo da concepção de que qualquer “raça” que não fosse a branca seria uma raça impura.

Ao mesmo tempo em que dá continuidade a elementos do nazismo dos anos 1930-40, a *Angry Aryans* por intermédio das letras das suas músicas efetua construções

¹⁰⁶ ANGRY Aryans. Aryan rage. In: **Racially motivated violence**. Detroit: Tri-State Terror, 1999, Faixa 02. 01 MP3. Tradução nossa.

que possam “parecer tão familiares e reasseguradores aos americanos quanto a linguagem e os símbolos do fascismo original eram familiares e reasseguradores para muitos italianos e alemães” (PAXTON, 2007, p. 330). Na Alemanha, uma sociedade fortemente antisemita na primeira metade do século XX, tornar os judeus bodes expiatórios não foi tarefa difícil para os nazistas, embora um insistente empenho para construir esse ressentimento tenha sido necessário. Por essa razão, em uma sociedade essencialmente cristã e branca como os EUA, os negros e os judeus, bem como outras etnias que se tornem convenientes, acabam sendo integrados em um mesmo rol de inimigos.

Em 2002, a mesma banda lançou o álbum *Too white for you* (“branco demais para você”), onde já no título vemos a reafirmação desse posicionamento racista. Na música *North side of 8 mile* o discurso se reforça:

Ao norte do quilômetro oito
Os negros se amontoam ao nosso redor

Houve um tempo em que Detroit era comandada por brancos
Agora temos um bando de negros reclamando seus direitos
O que houve com os dias de progresso Euro-Americano?
Agora não resta nada além de retrocesso africano

Nós demandamos as nossas bases de volta
Vamos retomar o nosso país
Vamos cobrir esses macacos com nossas chicotadas
Não precisamos de *white flight*¹⁰⁷, não precisamos correr
Recuperaremos nossas antes orgulhosas terras
Pela mira de nossas armas¹⁰⁸

O “quilômetro 8” é uma autoestrada que corta Detroit e liga Michigan de leste a oeste, que ficou popularizada pelo filme *8 Mile*, de 2002, dirigido por Curtis Hanson e protagonizado pelo *rapper* Eminem. Ao sul dessa autoestrada, em Oakland County e Macomb County, estão os subúrbios predominantemente ocupados por brancos de classe média. Já ao norte, região mencionada na música, estão os bairros mais pobres nos quais residem predominantemente famílias negras. Segundo a banda, a presença

¹⁰⁷ Traduzido como “vôo branco”, trata-se do movimento migratório ocorrido no pós-Segunda Guerra Mundial em que os estadunidenses de classe média residentes dos grandes centros convergiram em direção aos subúrbios, uma vez que as cidades passavam a ser ocupadas por uma diversidade cada vez maior de etnias e grupos sociais (AVILA, 2005).

¹⁰⁸ ANGRY Aryans. North side of 8 mile. In: **Too white for you**. Detroit: Tri-State Terror, 2002, Faixa 02. 01 MP3. Tradução nossa.

dessas famílias ao norte do “quilômetro 8” é parte da perda de hegemonia dos brancos e tem como consequência esse dito “retrocesso africano”.

Os negros, “reclamando seus direitos”, estariam impedindo o “progresso Euro-Americano”. Nesse sentido, observamos a importância da ancestralidade para tentar justificar os discursos racistas da banda. A fim de restabelecer essa ordem, os compositores apontam como solução “cobrir esses macacos com chicotadas”, comparando os negros a animais e buscando nas punições escravistas referências para extravasarem seu ódio. Se os negros lutam por seus direitos frente ao vigoroso processo de institucionalização do racismo nos EUA durante tantos anos, após a abolição da escravidão, os *Angry Aryans* entendem isso como um retrocesso, uma perda de sua força. Essa força, bem como “suas terras”, devem ser recuperadas, sugere a banda, por meio das armas.

O racismo no interior das ideologias fascistas buscava substituir a luta de classes e legitimar a destruição da alteridade em nome do progresso dos superiores, no que Paxton (2007) insiste em chamar de “corrida darwinista”. Esses princípios, no entanto, já existiam antes e faziam parte de políticas de Estados ditos democráticos. A diferença é que se tornaram, com os fascismos, mais amplos e abertos. No caso dos EUA, país fundamentalmente liberal e capitalista, as ideias de livre iniciativa e de competição igualitária tão institucional e culturalmente difundidos abriram espaço para a “corrida darwinista”¹⁰⁹ dos fascismos (GROSS, 1980).

Igor Lapsky comenta que, nos EUA, há uma tendência ao conservadorismo por parte da população que “se mostra na história do país, pois todas as crises que ocasionam problemas econômicos e sociais fez com que a população fortalecesse os movimentos conservadores, seja na questão migratória ou no debate em torno dos impostos (2014, p. 91). E se, como reforça o autor, o conservadorismo é constituído por características como “a descrença na razão como guia; compreensão da sociedade como organismo vivo, impossibilitando a transferência de experiências históricas; e uma aversão a mudanças abruptas” (2014, p. 95), então o racismo aparece como uma das expressões dessa postura.

¹⁰⁹ As primeiras teorias sobre o chamado “darwinismo social” surgiram na segunda metade do século XIX nos Estados Unidos, no Reino Unido e em boa parte da Europa Ocidental. Tinham como base a transposição da teoria da seleção natural de Darwin para a sociedade, descrevendo o uso dos conceitos de luta pela existência e sobrevivência dos mais aptos para justificar o racismo. Essas teorias acabaram por fundamentar a eugenia, o nazismo e a perseguição às etnias consideradas inferiores (PAXTON, 2007).

Não se trata, é claro, de uma sociedade inteira voltada ao conservadorismo, mas de políticas de Estado que se comprometem com essa postura e são respaldadas por parte significativa do povo, alguns mais radicais do que outros. Porém, no que tange aos conflitos civis entre negros e brancos no país, é preciso considerar como a opinião pública e os posicionamentos dos indivíduos, sob a guia de culturas próprias, incidem sobre acontecimentos relativos a esses confrontos. Para tratarmos disso, nos deteremos brevemente ao caso de Michael Carter, Dustin Kaiser e Nicole, três jovens brancos cuja violência perpetrada contra eles levou uma pequena cidade de Michigan, estado da banda *Angry Aryans*, a fervorosos debates raciais.

O caso ocorreu em Flint, no mês de junho de 2001. Os três adolescentes, que tinham entre 14 e 15 anos e eram brancos, voltavam para casa praticando o que chamavam de *train hop*, ou seja, o ato de saltar de um vagão de trem para o outro enquanto o veículo está em movimento. Os jovens deveriam parar em Holly, região da cidade em que residiam, mas vacilaram e preferiram descer na parada seguinte, num bairro mais pobre e majoritariamente habitado por negros. Ao procurarem um telefone público para contatar seus pais, acabaram sendo abordados por um grupo de rapazes negros (que, segundo a polícia, pertenciam a uma gangue). Os três fugiram, mas acabaram capturados e levados a uma região remota do lugar, onde foram mantidos como reféns por várias horas. Michael Carter foi morto. Dustin Kaiser, após ser brutalmente espancado por horas, foi alvejado com um tiro na cabeça, mas sobreviveu. Nicole (cujo sobrenome foi preservado a pedido dos pais) levou um tiro no rosto depois de ser obrigada a fazer sexo oral em seus sequestradores, mas também escapou com vida¹¹⁰.

O crime não foi tratado pela opinião pública de Flint meramente como atos de violência, mas sim como um crime de ódio conduzido por negros contra brancos. Alguns veículos de comunicação, como o jornal diário *Flint Journal*, emitiram editoriais recheados de discursos emocionados a respeito de como aqueles jovens teriam sido vítimas de um crime racial, não de delinquência juvenil. Segundo Nicole, em audiência, eles foram atacados por cerca de doze ou treze jovens. A prisão de apenas cinco levou a população negra da cidade a desconfiar da polícia, que estaria conduzindo as investigações sob a mobilização emocionada da maioria branca.

¹¹⁰ Ver “A train hop to tragedy” – Disponível em <<http://content.time.com/time/magazine/article/0,9171,138030,00.html>>. Acesso em 26/10/2016, às 16h10.

Essa mobilização emocionada é, muitas vezes, o que as bandas do *Hate Rock* tentam fazer. No caso da *Angry Aryans*, o caso foi retratado em uma de suas músicas, *Long way home*, lançada um ano depois dos crimes. Nela a banda diz: “Alvejados a sangue frio simplesmente porque eram brancos/Você vai se lembrar do nome Michael Carter?/O jovem garoto que foi morto nessa chacina racial”. Em seguida, dizem: “Uma máfia de macacos pretos sendo vitimizada/Crianças jovens e arianas sendo tratadas como lixo”¹¹¹. Ao revisarem esse caso, os compositores buscaram dar a ele contornos que favorecessem o ódio em seus discursos.

Ora, se o ressentimento é o motor das ideias fascistas que guiam o ódio contra seus inimigos, nada mais esperado do que o *Hate Rock* se apropriar de casos como esse para buscar legitimação e criticá-los. E se parte da sociedade tende a aceitar um discurso parecido com o dos neofascistas no que diz respeito ao fato de aquele ter sido um crime de ódio, não é difícil compreendermos porque existem adeptos desse comportamento político no país. Além do mais, os críticos do “politicamente correto” frequentemente se posicionam de forma a pensar uma espécie de “racismo invertido” por parte dos negros contra os brancos, o que é vigorosamente contestado por movimentos sociais contra o racismo. No Brasil, onde existe uma falsa ideia de democracia racial, isso também ocorre, embora de diferentes formas.

Nesse caso, “enquanto as elites brasileiras podem se orgulhar da 'democracia racial', as práticas cotidianas reconstroem, dia após dia, a face desse curioso racismo que tenta se desvencilhar de toda e qualquer definição e enquadramento”. Dessa forma, “o desenvolvimento do racismo no Brasil, sem uma instrumentalização política sistemática 'de cima'”, comum na história de outros países ocidentais, “encontra de todo modo nos processos macro-estruturais da atualidade a matéria para o aprofundamento de suas contradições” (SOARES DO BEM, 2005, p. 104).

Para além desse racismo, as bandas de *Hate Rock* do Brasil optam por uma associação ao racismo nazista para direcionar seu ódio aos negros, herdando características de suas bases racistas e apenas inserindo novos alvos, particulares ao contexto. A música “Peste negra”, da “Brigada NS”, nos fornece um panorama dessa adaptação:

¹¹¹ ANGRY Aryans. Long way home. In: **Racially motivated violence**. Detroit: Tri-State Terror, 2002, Faixa 06. 01 MP3. Tradução nossa.

Negro, negro, vê se te manca
 Cai fora do meu país levando junto o teu samba
 Negro, negro, sai da minha nação
 Para baixar o índice de ladrão

Já estou cansado de te aturar
 E o teu fedor ter que respirar
 Ainda és escravo e não pode reclamar
 Abaixar a cabeça se não vai apanhar¹¹²

Começamos pelo nome da música, que se referiu aos negros como uma “peste”, portanto algo nocivo, algo que contamina e destrói. Depois, a exigência da banda, que julga o país como seu, foi a de que os negros deixassem o Brasil carregando consigo um dos mais emblemáticos símbolos de sua cultura no país: o samba. Notemos que as diferenças culturais entre os próprios negros pode também ser evidenciada em músicas como essa, haja vista que o samba foi criado pelos negros brasileiros, não sendo parte de uma tradição cultural estadunidense, por exemplo. Depois, são chamados de ladrões, mal cheirosos e de escravos. Assim como a *Angry Aryans*, os compositores da “Brigada NS” remetem ao passado escravocrata, comum aos dois países, para ofenderem aos negros. Na letra desta música da “Brigada NS”, os negros devem permanecer subservientes correndo o risco de serem agredidos.

É curioso pensarmos que de modo geral o racismo no Brasil se dirige, principalmente, contra negros e índios, portanto contra grupos integrantes de nossa sociedade, que fazem parte do “nós”. O racismo brasileiro, que se expressa na difícil penetração dos negros no mercado de trabalho e na opressão que sofrem por parte das forças do Estado, além da miséria existente nas comunidades em que mais se concentram, opera por meio de discursos e práticas de exclusão que não são provenientes “de uma identificação do excludor (...) com o Estado-nacional”. Nesse sentido, “ser objeto do racismo, no Brasil, não significa ser, ao mesmo tempo, rejeitado enquanto pertencente à nação brasileira” (SOARES DO BEM, 2005, p. 103). Essa afirmação, embora nos sirva para pensarmos como os neofascismos são operados no Brasil, é generalizante e, a nós, funciona apenas para destacar o pensamento desses militantes.

No entanto, devemos atentar para o fato de que a “Brigada NS” recorre ao modelo racista do nazismo para fundamentar seus discursos. Na Alemanha, ainda antes

¹¹² BRIGADA NS. Peste negra. In: **O retorno da velha ordem**. São Paulo: D18 Records, 2001, Faixa 04. 01 MP3.

da escalada de Hitler ao poder, a constituição do Estado-Nacional estabeleceu, para legitimar essa fundação, cortes muito claros e definidores a respeito dos que pertenciam ou não à nação. Um desses fatores definidores foram legislações que definiam a identidade alemã a partir de princípios étnicos (SOARES DO BEM, 2005). O nazismo levou esses princípios nortadores ao extremo em sua cruzada nacionalista. A “Brigada NS” se aproximou fortemente desse discurso, ainda que de forma frágil.

Essa fragilidade se mostrou ainda mais marcante em músicas como “Passado de glória”, do mesmo disco: “Vikings, celtas, ibero-germanos/Peguem nossas armas/Nossa raça defendamos”¹¹³. De forma confusa, os integrantes da banda se veem como herdeiros de etnias europeias sem que haja de fato uma forte ligação genealógica entre brasileiros e vikings ou celtas, por exemplo; essa relação se torna, portanto, idealizada. É uma idealização que não possui qualquer base histórica consistente, erguida apenas por meio do desejo de seus compositores. Buscam na mitologia nazista, intimamente interessada na cultura nórdica, referenciais que não dialogam em nada com a história da nação que defendem, estabelecendo assim uma marcante contradição.

Talvez a razão pela qual apenas a “Brigada NS” tenha emitido discursos racistas direcionados aos negros entre as bandas aqui analisadas seja uma forte e errônea noção de que, por ser um país supostamente “miscigenado”, é impossível haver racismo desse tipo no país. O próprio integralismo, exemplo máximo de fascismo no Brasil, acreditava que a miscigenação era o que solidificava uma “raça” brasileira. Há estudos que apontam a “tropicalização” do nazismo no Sul do Brasil durante os anos 1930, quando os adeptos e representantes do partido nazista no país chegavam a se casar com brasileiras (o que era proibido) e se mostravam mais simpáticos ao integralismo em decorrência de sua aproximação com a cultura brasileira (DIETRICH, 2014). O fato é que, desde *Casa-Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, o “mito da miscigenação, o qual, em virtude da positivação à qual está associado, tem impedido a percepção do racismo oculto em suas entranhas” (SOARES DO BEM, 2005, p. 114), tem efeito também sobre os neofascistas.

Enraizada na subcultura *skinhead* brasileira, a ideia da miscigenação é um fator que, em primeiro lugar, impede uma maior presença do discurso neonazista e, em segundo lugar, força debates equivocados sobre o que foi o nazismo. Márcia Regina da

¹¹³ BRIGADA NS. Passado de glória. In: **O retorno da velha ordem**. São Paulo: D18 Records, 2001, Faixa 06. 01 MP3.

Costa, ao entrevistar dois jovens *skinheads* paulistas, sendo um deles negro, ouviu: “Lá [na Inglaterra] eles são racistas (...) e nós aqui, como vamos ser racistas?”. O outro diz: “Como você vai ser racista aqui? A nossa raça é misturada (...) Só que muitos falam que o nazismo também é racismo, mas não é! Todo mundo aprendeu na escola que o nazismo é racismo, mas agora está surgindo uma revolução” (2000, p. 146) Essa “revolução” seria fundamentada na ideia de que Hitler não era racista e essa atribuição teria sido resultado de uma manipulação da imprensa. Retorna, em nova escala, o discurso vitimista.

A existência de confusões como essa é consequência de obras como *Holocausto judeu ou alemão? – Nos bastidores da mentira do século*, do já mencionado negacionista S. E. Castan. Nele, Castan comenta o suposto depoimento dado por Jesse Owens, atleta negro estadunidense que saiu vitorioso sobre os “superatletas” germânicos nas olimpíadas de Berlim em 1936, que, segundo o autor, teria dito ser mais bem tratado pelos nazistas do que pelas autoridades do seu país, onde a segregação racial era intensa. Para o autor, cujo cabedal documental é altamente questionável, a omissão sobre esse “fato” ocorre por força da manipulação de “raças inimigas”. Dessa forma, haveria mais racismo entre os estadunidenses do que entre os nazistas (COSTA, 2000).

É importante destacar que as leis raciais do regime nazista possuíam brechas que iluminam suas nuances. O caso de Hans J. Massaquoi, filho de uma enfermeira alemã com um diplomata liberiano é um bom exemplo. Em sua autobiografia *Destined to Witness: Growing up black in nazi Germany* (1999), Hans conta a experiência de ser uma criança negra crescendo sob o olhar do nazismo e explica que, por não serem muitos, a vigilância sobre os negros era menor, embora existisse. Estima-se que entre as 65 milhões de pessoas que viviam na Alemanha naquele período, a população negra se reduzia a poucos milhares. Após as quatro medalhas conquistadas por Owens em 1936, a segregação aos negros se tornou mais rigorosa e, apesar de sua imunidade diplomática garantida pelo pai, Massaquoi sofreu as limitações impostas pelo nazismo às “raças” consideradas inferiores pela ideologia. Não se trata de uma coincidência e tal reação demonstra a frágil ideia de Castan.

Essa ideia, que busca negar a história do nazismo sob a visão de que ela foi pura e simplesmente construída politicamente para favorecer os judeus, é derrubada ao passo em que o racismo se mostra, entre os neonazistas, um discurso fundamental, uma evidente continuidade. Discurso esse que aparece explicitamente nas músicas de *Hate*

Rock, sejam direcionadas aos judeus ou aos negros, bem com a outras etnias. Não importa se são estadunidenses ou não: o racismo é inerente ao nazismo e é usado a partir das necessidades que seus militantes encontram no terreno político em que se encontram.

Nos EUA, os negros são inferiorizados e ameaçados por serem, de acordo com a visão deturpada dos neonazistas, as ameaças e as verdadeiras razões para as tensões existentes na nação. Por essa razão, na maioria das músicas aqui analisadas (cuja vastidão nos impede de referenciá-las todas) os negros foram apresentados como criminosos, indivíduos de condutas questionáveis, naturalmente propícios à violência e agentes na decomposição sócio-cultural e racial estadunidense. Sua presença e sua posição no país se beneficiariam de políticos incapazes de oprimí-los, o que estaria resultando na crença niilista de que se os movimentos neonazistas caírem, os brancos serão extintos. Dessa forma, a música é um meio pelo qual seus militantes articulam os objetivos e as crenças dos movimentos que orbitam o *White Power*. Entre essas crenças está a de que o que é bom para as minorias, é ruim para os racistas (MARTINEZ JR.; SELEPAK, 2013).

Músicas como *Extinction is forever*, da *Angry Aryans* (“Corpo de touro e cérebro de babuíno/Eles estão destruindo nossa nação/E matando nossa raça”¹¹⁴), *Summer of hate*, da *Chaos 88* (“Nós vemos a porra de um negro fumando sua droga/Puxaremos uma arma e acabaremos com sua diversão”¹¹⁵), *Never*, da *The Voice* (“Nós somos jovens, nós somos bravos/Lutando por nossa raça/Nós vamos lutar e vamos morrer/E isso não é uma desgraça”¹¹⁶) e *My Dreamland*, da *Extreme Hatred* (“Caminhando e sonhando com uma terra distante/Onde os brancos orgulhosos permanecem de mãos dadas/Lá não há medo pois a paz reina/Liberdade para todos os brancos”¹¹⁷) são alguns dos muitos exemplos que nos mostram a vilanização dos negros pelos brancos racistas e a posição desses em relação a essa “ameaça”. No caso dos EUA, a presença dos negros e de instrumentos institucionais para reprimi-los foi e é marcante, expressando a cultura política que destaca o volume de discursos racistas contra os negros entre as bandas desse país.

¹¹⁴ ANGRY Aryans. *Extinction if forever*. In: **Old school hate**. Hillsboro: Resistance Records, 2001, Faixa 12. 01 MP3. Tradução nossa.

¹¹⁵ CHAOS 88. *Summer of hate*. In: **Welcome to Atlantic City**. New Jersey: Tri-State Terror, 1998, Faixa 01. 01 MP3. Tradução nossa.

¹¹⁶ VOICE, The. *Never*. In: **Never**. Michigan: Independente, 2008, Faixa 01. 01 MP3. Tradução nossa.

¹¹⁷ EXTREME Hatred. *My dreamland*. In: **Have a nice day**. California: Independente, 1997, Faixa 06. 01 MP3. Tradução nossa.

A presença dos negros no Brasil também é marcante, além de haver aqui o fator singularizante do mito da democracia racial, justamente o que leva os neofascistas a se aproximarem mais de um modelo próximo ao italiano do que ao alemão onde o racismo não protagoniza. As bandas adeptas do nazismo são as que se aliam à permanência racista, usando de todos os seus recursos discursivos, por menos sólidos que sejam, para argumentarem em favor de suas ideologias, seja para criticar judeus ou negros. Embora os judeus sejam uma minoria no país e os negros sejam numerosos, o vitimismo em relação a ambos é evidente.

O que se constata fundamentalmente é que no processo de adaptação dos fenômenos políticos neofascistas nos dois países, as diferenças são mais marcantes sobretudo no que toca os empenhos para justificar sua presença e seu uso. A frequência com que o racismo contra os negros aparece nos discursos musicais das bandas dos EUA, em detrimento de outros discursos, sinaliza para as fortes divisões raciais que são uma preocupação que permeia a idealização política dos racistas estadunidenses que buscam no neonazismo um recurso para explorarem seus ressentimentos.

No Brasil, o neonazismo aparece mais atrelado à tradição do Terceiro Reich como uma busca desesperada por identificação em meio a uma sociedade permeada pela falsa ideia de que não há racismo no país. Se essa ideia prevalece, os neonazistas brancos encontram pouca força em sua vitimização, recorrendo à história do nazismo para adequá-la à sua sociedade no presente. Portanto, para além do que as especificidades da relação que os neofascistas de Brasil e EUA estabelecem com o racismo, vale observarmos com afinco porque cada uma delas é particular. De uma forma ou de outra, o ódio e o ressentimento são canalizados pelos neofascismos que não se inviabilizam pelas aparentes impossibilidades que tangem os usos do racismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *Hate Rock* é um dos instrumentos que canalizam o ressentimento e o ódio dos neofascistas, se tornando um registro de suas ideologias e de suas especificidades, bem como das permanências e rupturas pelas quais os fascismos passaram até o tempo presente. São registros das individualidades e diferenças que esses fenômenos políticos possuem ao serem estruturados em tal ou qual contexto. Além disso, são evidências das culturas políticas que influenciam diretamente a perspectiva que os agentes possuem ao se posicionarem como neofascistas; das contradições e variáveis que permeiam os esforços para que, mesmo depois de décadas de conhecimento sobre os perigos dos fascismos, tais ideias possam ainda existir.

No Brasil, essas ideias foram consideradas de diferentes formas. Os neofascismos brasileiros investiram marcadamente em uma postura nacionalista que buscava a emancipação do país frente às forças imperialistas, mas por um viés conservador e violento. Com o propósito de doutrinar os indivíduos a odiar todos que supostamente poderiam impedir a emancipação desejada, selecionaram inimigos próprios do fascismo clássico italiano e alguns particulares. As vastas diferenças socioculturais do país propiciaram ainda a existência de movimentos neofascistas heterogêneos, de modo que aqueles surgidos mais ao Sul-Sudeste se diferenciavam bastante daqueles que despontaram em outras regiões, como o Nordeste. A configuração política do país, estruturada historicamente, definiu as nuances dos neofascismos aqui.

Já nos EUA existe uma maior homogeneidade entre as ideias neofascistas, havendo uma mais expressiva associação ao nazismo por seu viés racista. Ao contrário do Brasil, as diferenças regionais são menos agudas, exceto no que tange à existência de uma tradicional cultura conservadora no Sul e no Meio-Oeste do país, onde discursos racistas e segregacionistas possuem um lugar histórico. No entanto, não há entre os próprios neofascistas – uma vez que se posicionam de tal forma – conflitos internos tão bem delimitados quanto os que existem no Brasil. As perspectivas do que defendem são mais próximas, bem como os vínculos entre os movimentos. As organizações neofascistas percebem o país como um todo, não havendo a necessidade de segregações regionais uma vez que existe a noção de uma formação histórica étnica e culturalmente homogênea.

Notemos que nos dois casos é o princípio nacionalista que, como nos fascismos clássicos, norteiam os neofascismos. Isso evidencia uma permanência. As rupturas

surtem no processo de adaptação ao que cada fenômeno compreende como nação diante das particularidades territoriais e culturais que possuem. O ódio discursado nas músicas é compartilhado por ambos, mas também próprio na medida em que tem como referência agentes com os quais se deparam particularmente, inclusive quando os EUA são inimigos para os neofascistas brasileiros e vice-versa, o que é um fator dificultador de aproximações ideológicas.

Ao mesmo tempo, os neofascistas brasileiros e estadunidenses compartilham de um vitimismo explícito, sempre buscando mostrar como são discriminados por suas ideias e perseguidos politicamente. Uma vez que, na visão deles, são os reais defensores das suas nações, julgam injustas as restrições feitas a eles pelos Estados e pelas suas sociedades. A grande diferença nos dois casos está, como vimos, na relação que os neofascistas possuem com seus respectivos sistemas democráticos, uma vez que nos EUA há uma significativamente menor restrição para os discursos proferidos pelos militantes neofascistas, enquanto as leis brasileiras são mais rígidas. Nesse sentido, as críticas à democracia feita pelos neofascistas brasileiros encontra, de fato, motivos mais sólidos para partirem do presente, enquanto os estadunidenses se detêm a uma crítica mais histórica das democracias liberais.

Se assemelham também a xenofobia e o chauvinismo, embora ela seja direcionada, em muitos casos, a diferentes inimigos. Como ficou evidente, entre os *skinheads* estadunidenses não há qualquer discriminação por região, o que não ocorre no Brasil visto que os *skinheads* do Sul e Sudeste se posicionam, com frequência, em rejeição aos nordestinos. Enquanto os neofascistas brasileiros evocam frequentemente uma genealogia européia, os estadunidenses pouco se voltam a isso e fincam os pés no nativismo. Ainda que isso ocorra também entre os neofascistas brasileiros, as bases de seus discursos chauvinistas e xenofóbicos oscilam. Há que se pensar que para os neofascistas dos EUA, seu país possui uma posição política global privilegiada que não é resultado somente de seus esforços políticos, mas da natureza do povo estadunidense. Essa crença, no entanto, é equivocada. De todo modo, ela impede a aproximação entre os militantes dos dois países.

Os esforços dos EUA como superpotência após a Segunda Guerra Mundial em consolidar sua hegemonia na América do Sul, sobretudo para impedir o avanço do comunismo, alcançaram vínculos nos quais muitos países do continente se tornaram subservientes, muito embora essa relação fosse tensionada. A influência dos EUA sobre o Brasil passou por diferentes etapas, algumas nas quais suas exigências foram

questionadas a fim de que o Brasil alcançasse conquistas no hemisfério. Mesmo durante o regime militar iniciado em 1964, a estatização de muitas empresas indicavam essa necessidade e contrariavam expectativas estadunidenses. No nosso corte temporal estabelecido essas tensões também se fizeram presentes.

O liberalismo que imperou no Brasil dos anos 1990 servia profundamente aos interesses estadunidenses. Com o afastamento do Estado em relação a problemas que envolviam as crescentes disparidades sociais consequentes dessa dinâmica política, movimentos sociais cresceram com intensa força. Ao mesmo tempo, o país restringia a presença de discursos fascistas fazendo crescer entre os adeptos desses discursos a repulsa ao liberalismo e à democracia. Se o modelo de governo era estadunidense, o ressentimento se voltava contra os coniventes a ele e contra a influência do imperialismo. Para os neofascistas estadunidenses, ainda que os brasileiros estivessem submetidos a um regime que desaprovavam, a subserviência deles significava a força de sua nação, noção essa herdada dos fascismos clássicos.

Esses fatores diferenciadores são de suma importância para compreendermos como em dois países cujas relações políticas são próximas, fenômenos como os neofascismos se comportaram de forma tão próxima e tão distante em diferentes momentos. Quando o propósito era se aproximar do passado fascista, as semelhanças se tornam mais evidentes. O modelo a ser seguido acabava fornecendo a ambos uma diretriz análoga. Os elementos individualizadores se tornam mais agudos quando esse modelo se confronta com as especificidades contextuais.

O autoritarismo típico das instituições políticas brasileiras se materializa na postura dos neofascistas, ainda que esse mesmo autoritarismo, quando sufoca os discursos desses militantes, acaba sendo questionado. Quando se alinham ao neonazismo, acabam se distanciando um pouco mais dessas raízes e procurando desesperadamente conexões com o passado hitlerista. Entre os estadunidenses a aproximação com o nazismo se faz mais enfaticamente pelo insistente viés racista, marcando assim uma preferência que acaba distinguindo ambos significativamente. Para os neofascistas dos EUA, os brasileiros não fazem parte da mesma estirpe que eles.

Da mesma forma, a noção histórica estadunidense de que o Brasil, bem como os outros países da América Latina, não eram da mesma estirpe foi uma das motivações que levaram o país a tentar submetê-los aos seus interesses políticos e econômicos. Esse tipo de relação se apresenta nas músicas aqui investigadas, nos mostrando como isso foi importante para o modo de se comportar de cada tipo de neofascismo. Isso porque essas

relações, bem como a posição de cada país antes e depois do estreitamento entre elas, também foram importantes para fornecer a esses militantes o norte que seguiriam, determinariam, mesmo que em parte, a cultura política de cada um deles. Definiram as visões de nacionalismo que cada neofascismo adotaria: ambos buscando emancipação, mas de “inimigos” diferentes.

Para os neofascistas estadunidenses, tão críticos do sistema democrático no qual estavam inseridos, proclamar esses discursos contra os não-estadunidenses se fez possível, entre outros fatores, pelo agir político do seu país, onde o liberalismo é historicamente presente. Assim, vemos que EUA e Brasil possuem diferentes tipos de democracia ainda que sejam, ao menos na teoria, bastante análogas. Enquanto isso, percebemos que, para os neofascistas brasileiros, a necessidade de disputar entre si mesmos diferentes tipos de neofascismos nos coloca diante de variações mais complexas desse comportamento político. Entre estes, o antiliberalismo é comum, assim como o anticomunismo e o nacionalismo conservador; porém, as formas de construí-los variam, assim como as posições quanto a considerações sobre racismo e regionalismo.

Na década de 2010 isso pareceu mudar pouco. Quando o Brasil viu a chegada de um governo de centro-esquerda ao poder, houve manifestações contrárias a ele e os discursos contra referências da esquerda foram proferidos levando em consideração o novo contexto. Nos EUA essa variação foi menor, o que nos expõe uma menor preocupação dos agentes neofascistas quanto à governabilidade. Para estes, os “inimigos” que bloqueiam a hegemonia estadunidense são outros e ainda que seu país tenha sido o maior protagonista da luta contra o comunismo no chamado Ocidente, as menções dos neofascistas estadunidenses ao anticomunismo foram menores. Entre os neofascistas brasileiros, o anticomunismo que em diferentes ocasiões posicionou a sociedade em favor de regimes políticos autoritários – postura essa que chega com força até os dias de hoje, mesmo para correntes de direita que rejeitam os fascismos -, foi trazido com maior ênfase a um contexto no qual um esboço de governo esquerdista se fez presente.

Esses “inimigos”, internos e externos, por vezes foram também os mesmos, mas na maioria dos casos por serem trazidos pela herança nazista do passado, como é o caso do antissemitismo. Por mais que entre os neofascistas dos EUA o antissemitismo seja mais evidente, em decorrência de seus insistentes debates raciais, a existência desse discurso em ambos os casos remete ao nazismo histórico. Essa referência ao passado é

fundamental aos neofascistas que se aproximam do nazismo pois, como vimos, o antissemitismo é o elemento que o diferencia do fascismo italiano clássico.

O racismo nazista, decursivo do nacionalismo fascista por construir o “nós” nesse caso específico, se adapta maleavelmente aos dois casos que, ao mesmo tempo, compartilham racismos idênticos e distintos. Como foi mostrado, entre os brasileiros há o racismo antissemita, o racismo contra os nordestinos e o racismo contra os negros. Nos EUA os neofascistas se detiveram aos judeus e aos negros, embora acrescentassem elementos particulares: os asiáticos e os árabes. Isso ocorreu, evidentemente, pela relação específica que estes indivíduos possuem com os EUA e a visão cultural que os estadunidenses tem sobre eles. O mesmo podendo ser dito sobre os neofascistas brasileiros em relação aos seus “inimigos” raciais, quando eles existem. Ao contrário do que há nos EUA, podemos perceber a inexistência de discursos racistas entre alguns neofascistas brasileiros, o que também é resultado da cultura específica do país na qual uma suposta miscigenação impossibilitaria o racismo.

Embora as referências ao passado pareçam alegóricas e resultantes de idealizações utópicas, os movimentos neofascistas do Brasil e dos EUA estimularam comportamentos políticos que por vezes ultrapassam os limites de subculturas obscuras e recebem, mesmo que moderadamente, a aceitação social. Se os dois países compartilham uma história de forte anticomunismo, os discursos de ódio das bandas do *Hate Rock* podem surgir por meio disso e se alastrar pela mesma razão. A diferença é que esses fatos nos permitem observar que as razões de ser do anticomunismo nos dois países são historicamente diferentes; permitem também percebermos que, mesmo com origens diferentes, tiveram momentos de afinidade ao longo dos processos históricos nos quais os dois países se relacionaram, como durante o regime militar, subsidiado pelos EUA durante a Guerra Fria. O anticomunismo, no entanto, é apenas um dos muitos exemplos que percebemos existir no decorrer do texto.

Não buscamos aqui identificar qual dos dois países possuiu um tipo de neofascismo próximo dos exemplos italiano e alemão no século XX, mas de que forma os processos históricos de cada país em separado, bem como diante das aproximações que estabeleceram, interferiram na construção dos neofascismos. Percebemos como essas relações não foram ignoradas pelos neofascistas, protagonizando alguns de seus discursos, mesmo aqueles que, a princípio, não se explicitam. O *Hate Rock* nos serviu como o guia para penetrarmos nesse campo e para irmos além dos meros discursos de ódio. Embora não possua uma expressão midiática forte, possui relevância por registrar

o comportamento político neofascista e por se aproximar da sociedade na qual se estabelecem.

Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor. **Educação e emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar 3ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras falas**. Recife: Editora Massagana, 1999.

ALMEIDA, Alexandre de. A locomotiva skinhead: A relação entre música e memória na construção de identidade de uma organização White Power Paulista. In: **I Seminário internacional História do Tempo Presente**. 1, 2012, Santa Catarina. Anais, Santa Catarina, 2011, p. 04-10.

ALMEIDA, Almeida. Divisão 18: a identidade de resistência de uma organização Skinhead White Power Argentino – Brasileira. In: **Revista Contemporâneos**, nº 11, novembro de 2012/Abril de 2013, p. 01-21. Disponível em: <<http://www.revistacontemporaneos.com.br/n11/dossie/dossie3divisao18.pdf>> , acesso em 20/08/2015.

ALVAREZ, Sonia; DAGNINO, Evelina; ESCOBAR, Arturo (Orgs.). **Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

AMPUDIA, Ricardo. **Odiados e orgulhosos: Um mapa da ação organizada dos grupos skinheads no estado do Paraná**. Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2006.

ARAUJO JR., José Tavares de. A política econômica externa dos Estados Unidos nos anos 90. In: GUIMARÃES, Samuel Pinheiro (Org.). **Estados Unidos: Visões brasileiras**. Brasília: IPRI/Fundação Alexandre de Gusmão, 2000.

AVILA, Eric. **Popular culture in the age of White Flight: Fear and fantasy in suburban Los Angeles**. Berkley: University of California Press, 2005.

BARBOSA, Jeferson Rodrigues. **Chauvinismo e extrema-direita: Crítica aos herdeiros do sítima**. São Paulo: Editora da UNESP Digital, 2015.

BARBOSA, Jefferson Rodrigues. *Skinheads* chauvinistas: integralistas, os “Carecas do Subúrbio” e o nacional-socialismo brasileiro. In: PATSCHIKI, Lucas; SMANIOTTO, M.A.; BARBOSA, Jefferson Rodrigues (Orgs.). **Tempos conservadores: Estudos críticos sobre as direitas**. Goiânia: Gárgula, 2016, p. 77-96.

BARROS, José D’Assunção. **História Comparada**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

BEIRICH, Heidi. **Racist music**. Montgomery: Southern Poverty Law Center, 2015.

- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Editora Vozes, 1976.
- BERLIN, Isaiah. El retorno del bastón, sobre la ascención del nacionalismo. In: DELANOI, Gil; TAGUIEFF, Pierre-André (Orgs.). **Teorias del nacionalismo**. Barcelona: Paidós, 1993.
- BERNSTEIN, Serge. Os partidos políticos. In: **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Ed. FGV, 1996, p. 57-99.
- BERTONHA, João Fábio. A direita radical brasileira no século XX: do monarquismo e das ligas nacionalistas ao fascismo e à ditadura militar (1889-2011). In: **Stvdia Historica Contemporânea: Derecha radical, fascismo y extrema derecha en Europa y América**. v. 1, n. 30, p. 148. Salamanca: Ediciones Universidad Salamanca, 2012.
- BERTONHA, João Fábio. Decadência do Ocidente ou ascensão asiática? Reflexões sobre o Ocidente, os BRICS e o “choque de civilizações”. In: **Nação e Defesa**. Portugal, vol. 1, n. 138, p. 181, 2014.
- BERTONHA, João Fábio. **Integralismo: Problemas, perspectivas e questões historiográficas**. Maringá: EDUEM, 2014.
- BERTONHA, João Fábio. Trabalhadores imigrantes entre fascismo, antifascismo, nacionalismo e lutas de classe: Os operários italianos em São Paulo entre as duas Guerras Mundias. In: CARNEIRO, M.L.T; COCI, F.; FRANZINA, E. (Orgs.). **História do trabalho e história da imigração: Trabalhadores italianos e sindicatos no Brasil (Séculos XIX e XX)**; Brasil, Edusp/Fapesp, 2010, p. 65-84.
- BESSEL, Richard. **Political violence and the rise of Nazism: The storm troopers in Easter Germany, 1925-1934**. Connecticut: Yale University Press, 1984.
- BÍSCARO, Roberto Rillo. A Aids e sua epidemia de significações nos Estados Unidos. In: **Revista ArtCultura**. v. 08, n. 12. Uberlândia: jan./jun. 2016, p. 195-206.
- BIVAR, Antonio. **O que é punk**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2001
- BORBA, Julian. Cultura política, ideologia e comportamento eleitoral: alguns apontamentos teóricos sobre o caso brasileiro. In: **Opinião Pública**. Campinas, Vol. XI, n. 1, mar. 2005, p. 147-168.
- BOSWORTH, R. J. B. **Nationalism**. New York: Routledge, 2007
- BOSWORTH, R.J.B. **The italian dictatorship: Problemas and perspectives in the interpretation of Mussolini and fascism**. London: Arnold, 1998.
- BRAZDA, Rudolf; SCHWAB, Jean-Luc. **Triângulo rosa: Um homossexual no campo de concentração nazista**. São Paulo: Mescla Editorial, 2011.

CABRAL, Ricardo Pereira. A política externa do governo Luis Inácio Lula da Silva e as relações com os Estados Unidos da América. In: MUNHOZ, Sidnei J.; TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. (Orgs.). **Relações Brasil-Estados Unidos: Séculos XX-XXI**. Maringá: EDUEM, 2011, p. 309-360.

COPSEY, Nigel. **Contemporary birtish fascism: The British National Party and the quest for legitimacy**. New York: Palgrave Macmillia, 2004.

COSTA, Márcia Regina da. **Carecas do Subúrbio: Caminhos de um nomadismo moderno**. São Paulo: Musa Editora, 2000

CRUZ, Gisele dos Reis; JESUS FILHO, J. M. de. Fascismos, modernidade e “pós-modernidade”: A tentação conservadora. In: CRUZ, Natália dos Reis (Ogr.). **Ideias e práticas fascistas no Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012, p. 21-44.

CRUZ, Natália dos Reis. **O Integralismo e a questão racial: a intolerância como princípio**. Tese de doutorado (História), Universidade Federal Fluminense, 2004.

CRUZ, Natália dos Reis. O neonazismo no Brasil. O caso da Editora Revisão. In: CRUZ, Natália dos Reis (Org.). **Ideias e práticas fascistas no Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2012, p. 189-209.

DAGNINO, Evelina. Cultura, cidadania e democracia: As transformações dos discursos e práticas na esquerda latino-americana. In: ALVAREZ, Sonia; DAGNINO, Evelina; ESCOBAR, Arturo (Orgs.). **Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos.** , p. 61-102.

DAMASCENO, Natália Abreu. Para uma anatomia do neonazismo: Reflexões sobre o movimento Blood & Honour. In: MAYNARD, Dilton C.S (Org.). **História, neofascismos e intolerância: Reflexões sobre o Tempo Presente**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2012, p. 45-73.

DE FELICE, Renzo. **Fascism**. EUA: Transaction Publishers, 1976.

DEDECCA, C. S.; CUNHA, J. M. P. Migração, trabalho e renda nos anos 90: O caso da Região Metropolitana de São Paulo. In: Revista Brasileira de Estudos de Populações. Campinas, v. 21, n. 1, p. 49-66, jan./jun. 2004.

DEDECCA, C. S.; CUNHA, J. M. P. Migração, trabalho e renda nos anos 90: O caso da região metropolitana de São Paulo. In: **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, Brasil, vol. 21, n. 1, 2004, p. 49-66.

DOIMO, Ana Maria. **A vez e a voz do popular: Movimentos sociais e participação política no Brasil pós-70**. Brasil: Relume-Dumará, 1995

- DRINNON, Richard. **Keep of the concentration camps:** Dillon S. Mayer and the American racism. California: University of California Press, 1989.
- ELIAS, Norbert. **Os Alemães.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders:** Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas?** Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2005.
- FRIEDLANDER, Paul. **Rock and roll:** Uma história social. Trad. A. Costa. Rio de Janeiro: Record, 2006
- GAY, Peter. **O cultivo do ódio.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros:** verdadeiro, falso, fictício. Trad. Rosa Freire d'Aguiar e Otávio Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- GREHAN, K. **Gramsci, cultura e antropologia.** Pluto Press: London, 2002.
- GROSS, Bertram. **Friendly fascism:** The new face of power in America. Boston: South End Press, 1980.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Trad. Tomaz Tadeu Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HÉRITIER, François. O eu, o outro e a intolerância. In: BARRET-DUCROCQ, François (Org.). **A intolerância.** São Paulo: Bertrand Brasil, 2000, p. 24-27.
- HOBBSBAWM, Eric J. **Era dos extremos:** O breve século XX. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995
- HOBBSBAWM, Eric J. **Nations and nationalism since 1780:** Programme, myth, reality. United Kingdom: Cambridge University Press, 1992.
- HODGSON, Godfrey. Immigrants and frontiersmen: Two traditions in american foreign policy. In: HOGAN, Michael J. **The ambiguous legacy:** U.S. foreign relations in the "American Century". New York: Cambridge University Press, 1999, p. 337-355.
- HORNE, Gerald. Race from power: U.S. Foreign policy and the general crisis of "White Supremacy". In: HOGAN, Michael J. **The ambiguous legacy:** U.S. foreign relations in the "American Century". New York: Cambridge University Press, 1999, p. 302-336.
- HORNE, Gerald. Race from power: U.S. Foreign policy and the general crisis of "White Supremacy". In: HOGAN, Michael J. **The ambiguous legacy:** U.S. foreign relations in the "American Century". New York: Cambridge University Press, 1999.

HUNTINGTON, S. **O choque das civilizações e a recomposição da Nova Ordem Mundial**. São Paulo: Editora Objetiva, 1997.

HUNTINGTON, Samuel. **Who we are?** The challenges to America's national identity. New York: Simon & Chuster, 2004.

KAHN, Tulio; CARVALHO, Sandra Elias de. Boletim de informação do Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo e da Comissão Teotônio Vilela. In: **Revista de História**. n. 129-131, v. 01, p. 245. São Paulo: USP, ago./dez. 1993-94.

KAYSEL, André. Regressando ao regresso: elementos para uma genealogia das direitas brasileiras. In: CRUZ, Sebastião Velasco e. et al. (Orgs.). **Direita, volver!** O retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015, p. 49-74.

KOLLMANN, Raúl. **Sombras de Hitler**: La vida secreta de las bandas neonazis argentinas. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2001.

KONDER, Leandro. **Introdução ao fascismo**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

LAGERLÖF, David. The rise and fall of White Power music in Sweden. In: SHEKHOVTSOV, Anton; JACKSON, Paul. **White Power music**: Scenes of extreme-right cultural resistance. Northampton: RNM Publications, 2012, p. 35-46.

LAPSKY, Igor. Tea Party: A direita em luta pela "liberdade". In: SCHURSTER, Karl et al (Orgs.). **Velhas e novas direitas**: A atualidade de uma polêmica. Recife: EDUPE, 2014, p. 91-97.

LEBOURG, Nicolas; SISTACH, Dominique. The role of underground music in the renewal of the french radical right-wing. In: SHEKHOVTSOV, Anton; JACKSON, Paul. **White Power music**: Scenes of extreme-right cultural resistance. Northampton: RNM Publications, 2012, p. 25-34.

LEE, Martin A. **The beast reawakens**: Fascism's resurgence from Hitler's spymasters to today neo-nazi groups and right-wing extremists. New York: Routledge, 1999.

LEWIS, Bernard. **The roots of Muslim rage**. The Atlantic Monthly Review. New York, n. 4643, p. 46-70, sep. 1990.

MARÁTEGUI, José Carlos. **As origens do fascismo**. Trad. e org. Luiz Bernardo Pericás. São Paulo: Alameda Editora, 2010.

MARSHALL, Gorge. **Espírito de 69**: A bíblia do skinhead. Trad. Glauco Mattoso. São Paulo: Trama Editorial, 1993.

MARTINEZ JR, Belio Antonio; SELEPAK, Andrew. Power and violence in Angry Aryans song lyrics: a racist skinhead communication strategy to recruit and shape a

collective identity in the White Power Movement. In: **C&S**. São Bernardo do Campo, v. 35, n. 1, p. 153-180, jul/dez de 2013.

MASSAQUOI, Hans J. **Destined to witness: Growing up black in nazi Germany**. Cincinnati: William Morrow Paperbacks, 1999.

MAYNARD, Dilton C. S. **Escritos sobre História e Internet**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2012.

MAYSEL, Sandy; FORMAN, Ira. **Jews in American politics**. Lanham: Rowman & Littlefield, 2001.

McCANN, Frank D. Brasil e Estados Unidos: Dois séculos de relacionamento. In: MUNHOZ, Sidnei J.; TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos (Orgs.). **Relações Brasil-Estados Unidos no século XX e XXI**. Maringá: EDUEM, 2011, p. 25-64.

MUNHOZ, Sidnei J. **Cidade ao avesso: Desordem e progresso em São Paulo, no limiar do século XX**. Curitiba: Editora CRV, 2015.

MUNHOZ, Sidnei J.; SOUZA, Mériti de. Fundamentalismos e verdades: História Política e subjetividade no Tempo Presente. In: **Revista Diálogos**. v. 16, n. 02, p. 601-626. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, mai-ago, 2012.

MUNHOZ, Sidnei. Guerra Fria: Um Debate Interpretativo. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (org.). **O Século Sombrio: uma História geral do século XX**. São Paulo: Editora Campos.

NAPOLITANO, Marcos. **História & música**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

NÓBREGA DE JESUS, Carlos Gustavo. **Antissemitismo e nacionalismo, negacionismo e memória: Revisão Editora e as estratégias da intolerância (1987-2003)**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

NOLT, Ernst. **Fascismo**. Barcelona: Plaza y Janes, 1972.

O'HARA, Craig. **A filosofia do punk**. Trad. Paulo Gonçalves. São Paulo: Radical Livros, 2001.

PAXTON, Robert O. **A anatomia do fascismo**. Trad. Patrícia Zimbres e Paula Zimbres. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PIEROBON, Chiara. Rechtsrock: White Power music in Germany. In: JACKSON, Paul; SHEKHOVTSOV, Anton (Orgs.). **White Power music: Scenes of extreme-right cultural resistance**. Northampton: RNM Publications, 2012, p. 07-24.

POTOK, Mark. **Racist skinheads: Understanding the threat**. Alabama: SPLC Publications, 2012.

- RAGIN, Charles. Making comparative analysis count. In: **Revista de História Comparada**. v. 1, n. 1, p. 01-20. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, jun. 2007.
- REMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Ed. FGV, 1996.
- ROSENHAFT, Eve. **Beating the fascism?** The German communist and political violence, 1929-1933. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- SALAS, Antonio. **Diário de um skinhead: Um infiltrado no movimento neonazista**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora Planeta, 2006.
- SALEM, Helena. **As tribos do mal: O neonazismo no Brasil e no mundo**. São Paulo: Atual Editora, 2004.
- SCHLEE, Günther. **Imagined differences: Hatred and the construction of identity**. Hamburgo: Lit Verlag, 2002.
- SCHURSTER, Karl. O nacional-socialismo como fenômeno metapolítico: A escrita de um passado que não passa. In: SCHURSTER, Karl et al (Orgs.). **Velhas e novas direitas: A atualidade de uma polêmica**. Pernambuco: EDUPE, 2012, p. 49-66.
- SOARES DO BEM, A. A insustentável identidade dos Skinheads tropicais: uma abordagem sociológica. In: BRITO, A. M. B et al. (Org.). **Educação e identidade negra**. Maceió: Edufal, 2005a, p. 100-115.
- SZELE, Áron. Nationalism, racism, internationalism: The White Power music scene in Hungary and Romania. In: SHEKHOVTSOV, Anton; JACKSON, Paul. **White Power music: Scenes of extreme-right cultural resistance**. Northampton: RNM Publications, 2012, p. 57-70.
- TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. Homossexualidade e fascismo. In: TEIXEIRA DA SILVA, F.C.; MEDEIROS, S. E.; VIANNA, A. M. (Orgs.) **Dicionário crítico do pensamento de direita: Ideias, instituições e personagens**. Rio de Janeiro: FAPERJ/Mauad, 2000, p. 237-239.
- TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. Jovens indignados e rebeldes: Uma abordagem comparativa. In: MAYNARD, Dilton C.S.; MAYNARD, Andreza S.C. (Orgs.). **Visões do Mundo Contemporâneo vol. 2**. São Paulo: LP-Books, 2013, p. 17-48.
- TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. Neofascismo. In: TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. et al (Orgs.). **Enciclopédia das Guerras e Revoluções do século XX**. Rio de Janeiro: Elsevier/Campus, 2004b, p. 606-608.

TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. Os fascismos. In: **O século sombrio**: Uma história geral do século XX. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004a, p. 156-190.

TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. Sobre os tribunais no Terceiro Reich. Os fascismos e ditaduras: o que ainda há para estudar? In: TEIXEIRA DA SILVA, F.C. et al (Orgs.). **Velhas e novas direitas**: a atualidade de uma polêmica. Pernambuco: UPE, 2014, p. 28-48.

THEML, Neyde; BUSTAMANTE, Regina. História comparada: Olhares plurais. In: **Revista de História Comparada**. v. 1, n. 1, p. 01-18. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, jun. 2007.

TOURAINÉ, Alain. **Palavras e sangue**: Política e sociedade na América Latina. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1989.

TOYNBEE, Arnold J. **Civilization on Trial**. Oxford: Oxford University Press, 1948

TRINDADE, Héliogio. **Integralismo**: o fascismo brasileiro da década de 1930. 3ª ed. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2016.

TUCCI, Maria L. **O antissemitismo na Era Vargas**: 1930-1945. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

VINYARD, Ben. **White Revolution report**. Russellville: White Revolution, 2003, p. s/n.

VIZENTINI, Paulo G.F. A política externa brasileira em transição: do desenvolvimentismo ao liberalismo. In: MARTINS, Estavão C. de R. (Org.). **Relações internacionais**: Visões do Brasil e da América Latina. Brasília: IBRI, 2003

WILDMAN, Stephanie M. **Privilege revealed**: How invisible preference undermines America. New York: NYU Press, 1996.

Fontes

“A train hop to tragedy” – Disponível em <<http://content.time.com/time/magazine/article/0,9171,138030,00.html>>. Acesso em 26/10/2016, às 16h10.

“Após reeleição de Dilma, eleitores do Nordeste são atacados nas redes sociais” - <<http://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,apos-reeleicao-de-dilma-eleitores-do-nordeste-sao-atacados-nas-redes-sociais,1583393>>. Último acesso em 26 de abril de 2016, às 17h30.

“Asia Matter for America” – Disponível em <<http://www.asiamattersforamerica.org/japan/data/population>>. Último acesso em 17 de fevereiro de 2016, às 17h40.

“Biggots who rock: an ADL list of Hate Music groups” – Disponível em <http://archive.adl.org/extremism/bands/bands_country.html>. Acesso em 19/11/2015.

“Chicago Tribune - War of the skinheads” – Disponível em <http://articles.chicagotribune.com/1989-05-11/features/8904110718_1_neo-nazi-skinheads-anti-racist-action-ara-members>. Último acesso em 30 de novembro de 2015, às 20h35.

“Curitiba sedia fundação de partido inspirado no fascismo e integralismo” – Disponível em <<http://www.bemparana.com.br/politicaemdebate/index.php/2015/12/07/curitiba-sedia-fundacao-de-partido-inspirado-no-fascismo-e-integralismo/>>. Último acesso em 04 de janeiro de 2016, às 21h31.

“Entenda o caso Michael Brown e os protestos em Ferguson” – Disponível em <<http://www.dw.com/pt/entenda-o-caso-michael-brown-e-os-protestos-em-ferguson/a-17861142>>. Acesso em 01/06/2016, às 20h40.

“Frente Integralista Brasileira” – Disponível em <<http://www.integralismo.org.br/?cont=795&vis=>>>. Último acesso em 02 de dezembro de 2015, às 19h20.

“Neonazistas atacam em Curitiba depois de protesto deste domingo e geram pânico” – Disponível em <<http://revistaladoa.com.br/2015/03/noticias/neonazistas-atacam-em-curitiba-depois-protesto-deste-domingo-geram-panico>>. Acesso em 08 de junho de 2015, às 12h.

“Neonazistas planejavam exploder sinagogas em quarto estados” – Disponível em <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/neonazistas-planejavam-explodir>>

sinagogas-em-quatro-estados-bl0jy49rsvls8k9tve21tkaj2>. Acesso em 25/11/2015, às 22h35.

“Neonazistas são presos após agredirem homem em Niterói” – Disponível em <http://oglobo.globo.com/rio/neonazistas-sao-presos-apos-agredirem-homem-em-niteroi-8230598>. Último acesso em 31 de julho de 2014, às 19h.

“Neonazistas são presos em Niterói por agredir nordestino” – Disponível em <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/04/neonazistas-sao-presos-em-niteroi-rj-por-agredir-nordestino-diz-policia.html>>. Último acesso em 22 de abril de 2016, às 19h50.

“Polícia de SP apreende código de regras de grupo neonazista acusado de assassinato em 2007.” – Disponível em <<http://oglobo.globo.com/brasil/policia-de-sp-apreende-codigo-de-regras-de-grupo-neonazista-acusado-de-assassinato-em-2007-3192281>>. Último acesso em 02 de dezembro de 2015, às 19h56.

“Profile: Wisconsin Sikh temple shooter Wade Michael Page” – Disponível em <<http://www.bbc.com/news/world-us-canada-19167324>>. Acesso em 24 de novembro de 2015, às 18h.

“Racist Skinhead Project: California” – Disponível em <http://archive.adl.org/racist_skinheads/states/california.html>. Último acesso em 30 de novembro de 2015, às 16h50.

“Racist skinhead project” – <Disponível em http://archive.adl.org/racist_skinheads/states/new_jersey.html>. Acesso em 30 de novembro de 2015, às 20h45.

Census - <<http://www.census.gov/census2000/states/mi.html>>. Último acesso em 17 de fevereiro de 2015, às 17h45.

Centro de Tradições Nordestinas – Disponível em <<http://www.ctn.org.br/octn#octn>>. Acesso em 01/12/2015.

FEDERAL Bureau of Investigation. Subject Aryan Nations. EUA: Federal Bureau of Investigation, 1983.

FOLHA de S. PAULO. Veja outros casos envolvendo skinheads, São Paulo: 06 de setembro de 2000. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u9458.shtml>>. Acesso em 01/12/2015.

Hammerskin Nation – Disponível em <<http://www.hammerskins.net/>>. Último acesso em 01 de dezembro de 2015, às 14h15.

Jewish Virtual Library - <http://www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/US-Israel/jewvote.html>. Último acesso em 17 de fevereiro de 2015, às 17h35.

Nordic Fest 2000 – Powderly, KY – Disponível em <<http://kkkk.net/nf00/index.html>>. Último acesso em 01 de dezembro de 2015, às 18h15.

NS88 Videos – Disponível em <<http://ns88.com/>>. Último acesso em 01 de dezembro de 2015, às 14h55.

QUARESMA, João. Skinhead mata menino para ‘limpar a cidade’. Folha de São Paulo, São Paulo. 20 de abril de 1993, p. 03-10.

Documentos

ANGRY Aryans. Aryan rage. In: Racially motivated violence. Detroit: Tri-State Terror, 1999, Faixa 02. 01 MP3. Tradução nossa.

ANGRY Aryans. Asian Invasion. . In: Racially Motivated Violence. Detroit: Tri-State Terror, 1999, Faixa 05. 01 MP3. Tradução nossa.

ANGRY Aryans. Condemned. In: Old School Hate. EUA: Resistance Records, 2001. Faixa 10. 01 MP3. Tradução nossa.

ANGRY Aryans. Extinction if forever. In: Old school hate. Hillsboro: Resistance Records, 2001, Faixa 12. 01 MP3. Tradução nossa.

ANGRY Aryans. Islam, religion of whores. In: Old school hate. Hillsboro: Resistance Records, 2001. Faixa 14. 01 MP3. Tradução nossa.

ANGRY Aryans. Joe Six Pack. In: Racially Motivated Violence. Detroit: Tri-State Terror, 1999, Faixa 03. Tradução nossa.

ANGRY Aryans. Long way home. In: Racially motivated violence. Detroit: Tri-State Terror, 2002, Faixa 06. 01 MP3. Tradução nossa.

ANGRY Aryans. North side of 8 mile. In: Too white for you. Detroit: Tri-State Terror, 2002, Faixa 02. 01 MP3. Tradução nossa.

ANGRY Aryans. White nigger loser. In: Old School Hate. Hillsboro: Resistance Records, 2001. Faixa 03. 01 CD. Tradução nossa.

Aryan 88 - <<http://www.aryan88.com/whiterider/officialjr/>>. Último acesso em 01 de abril de 2012, às 11h36.

BANDEIRA de Combate. Dias difíceis. In: Bandeira de Combate (EP). Bahia: Independente, 1998. Faixa 06. MP3.

BANDEIRA de Combate. Poder careca. In: Questão de honra. Bahia: Ultraviolence Records, 2001. Faixa 06. 01 MP3.

BANDEIRA de Combate. Tio Sam. In: Questão de honra. Bahia: Ultra-Violence Records, 2001. Faixa 03. 01 MP3.

BANDEIRA de Combate. Vida Careca. In: Questão de Honra. Salvador: Ultraviolence Records, 2001. 1 CD. Faixa 09. 01 MP3.

BRIGADA NS. Fé hitlerista. In: O retorno da velha ordem. São Paulo: Divisão 18 Records, 2001, Faixa 01. 01 MP3.

BRIGADA NS. Imprensa. In: O Retorno da Velha Ordem. São Paulo: D18 Records, 2001, Faixa 03. 01 MP3.

BRIGADA NS. Judeucracia. In: O retorno da velha ordem. São Paulo: Divisão 18, 2001. Faixa 02. 01 CD.

BRIGADA NS. Migração. In: : O retorno da velha ordem. São Paulo: D-14, 2001. 1 CD. Faixa 10.

BRIGADA NS. Migração. In: O Retorno da Velha Ordem. Brasil: Divisão 18 Productions, 2001, MP3.

BRIGADA NS. O retorno da velha ordem. São Paulo: D-14, 2001. 1 CD. Faixa 02. 01 MP3.

BRIGADA NS. Passado de glória. In: O retorno da velha ordem. São Paulo: D18 Records, 2001, Faixa 06. 01 MP3.

BRIGADA NS. Peste negra. In: O retorno da velha ordem. São Paulo: D18 Records, 2001, Faixa 04. 01 MP3.

BRIGADA NS. Revolução branca. In: O Retorno da Velha Ordem. São Paulo: D18 Records, 2001, Faixa 09. 01 MP3.

BRIGADA NS. Sobre sinagogas. In: O Retorno da Velha Ordem. São Paulo: D18 Records, 2001, Faixa 11. 01 MP3.

CHAOS 88. Drunk edge. In: Welcome to Atlantic City. Atlantic City: Tri-State Terror, 1998. Faixa 05. 01 MP3. Tradução nossa.

CHAOS 88. Homossexual. In: Welcome to Atlantic City. New Jersey: Tri-State Terror, 1998. Faixa 06. 01 MP3. Tradução nossa.

CHAOS 88. Summer of hate. In: Welcome to Atlantic City. New Jersey: Tri-State Terror, 1998, Faixa 01. 01 MP3. Tradução nossa.

COMANDO Blindado. Imprensa sionista. In: Marchando Rumo à Vitória. Rio Grande do Sul: Zyklon-B Records, 2006, Faixa 04. 01 MP3.

COMANDO Blindado. Maldita raça. In: Marchando rumo à vitória. Rio Grande do Sul: Zyklon-B Records, 2006, Faixa 03. 01 MP3.

COMANDO Blindado. Nutrindo raiva, causando dor. In: Marchando rumo à vitória. EUA: Zyklon B Records, 2006. 1 CD. Faixa 07. 01 MP3.

COMANDO Blindado. Pano de chão. In: Luta Nacional (EP). Rio Grande do Sul: Independente, 2002. Faixa 01. MP3.

COMANDO Blindado. Skinhead rock. In: Marchando rumo à vitória. Porto Alegre: Zyklon-B Records, 2006. Faixa 11. 01 MP3.

COMANDO Blindado. Volta C.C.C.. In: Marchando rumo à vitória. EUA: Zyklon B Records, 2006. 1 CD. Faixa 02.

- DEFESA Armada. Esquadrão Anti-Gay. In: São Paulo Paulista. São Paulo: Independente, 1995. Faixa 02. 01 CD.
- DEFESA Armada. Excesso democrático. In: São Paulo Paulista. São Paulo: Independente, 1995. Faixa 09. 1 CD.
- DEFESA Armada. Inimigos da pátria. In: São Paulo Paulista. São Paulo: Independente, 1995. 1 CD. Faixa 04. 01 MP3.
- DEFESA Armada. Inimigos da pátria. In: São Paulo Paulista. São Paulo: Independente, 1995. Faixa 04. 01 CD.
- DEFESA Armada. Nacionalistas verdadeiros. In: São Paulo Paulista. São Paulo: Independente, 1995. Faixa 06. 01 CD.
- DEFESA Armada. Nossa bandeira irá brilhar. In: São Paulo Paulista. São Paulo: Independente, 1995. Faixa 08. 01 CD.
- DEFESA Armada. São Paulo para os paulistas. In: São Paulo Paulista. São Paulo: Independente, 1995. Faixa 07. 01 CD.
- DEFESA Armada. Sistema social. In: São Paulo Paulista. São Paulo: Independente, 1995. Faixa 05. 01 CD.
- END Apathy. Backbone. In: Self Destruct. Estados Unidos: Label 65, 2010, MP3.
- EXTREME Hatred. Extreme Hatred. In: Now is the time. Detroit: Phoenix Records, 1994. Faixa 08. 01 MP3. Tradução nossa.
- EXTREME Hatred. Extreme Hatred. In: Now is the time. Walnut: Phoenix Records, 1994. Faixa 08. 01 MP3. Tradução nossa.
- EXTREME Hatred. My dremaland. In: Have a nice day. California: Independente, 1997, Faixa 06. 01 MP3. Tradução nossa.
- EXTREME Hatred. Outline in the streets. In: Have a nice day. Detroit: Hate Records, 1998. Faixa 09. MP3.
- SKREWDRIVER. Europe awake. In: Hail the new dawn. Germany: Rock-O-Rama, 1984, Faixa 09. 01 MP3.
- SKREWDRIVER. If there's a riot. In: Hail the new dawn. Germany: Rock-O-Rama, 1984. Faixa 06. 01 MP3. Tradução nossa.
- VOICE, The. Amerika. In: Rage. St. Paul: White Terror Records, 1993, Faixa 12. 01 MP3. Tradução nossa.
- VOICE, The. Bring down the hammer. In: Verdunkeln. Michigan: Resistance Records, 1993. Faixa 10. MP3. Tradução nossa.

VOICE, The. Fight for what's right. In: Rage. St. Paul: White Terror Records, 1996. Faixa 06. 01 MP3. Tradução nossa.

VOICE, The. Hang'em high. In: Rage. St. Paul: White Terror Records, 1995. Faixa 03. 01 CD. Tradução nossa.

VOICE, The. Never. In: Never. Michigan: Independente, 2008, Faixa 01. 01 MP3. Tradução nossa.

VOICE, The. The Voice. In: Verdunkeln. Michigan: Resistance Records, 1993. Faixa 11. MP3. Tradução nossa.

VOICE, The. Time has come. In: Rage. St. Paul: White Terror Records, 1996, Faixa 04. 01 MP3. Tradução nossa.

VOICE, The. Warrior's Call. In: Verdunkeln. Michigan: Resistance Records, 1993. Faixa 01. MP3. Tradução nossa.

VOICE, The. White Warrior. In: Verdunkeln. EUA: Resistance Records, 1993. 1 CD. Faixa 02. Tradução nossa.

W.C.H.C. Migrante. In: Ódio mortal. São Paulo: Ódio Mortal Records, 1988. Faixa 10. MP3.